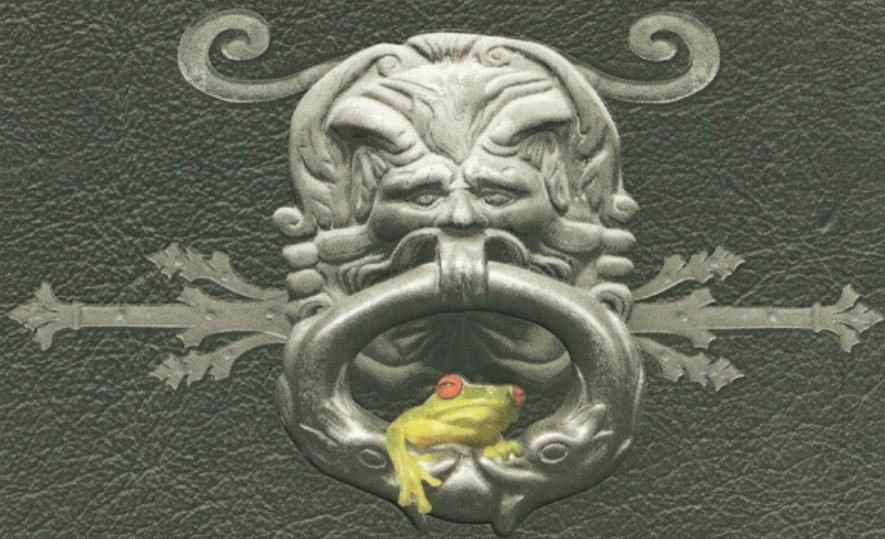


F. E. Higgins



O livro negro
dos segredos

O Livro Negro dos Segredos

F. E. Higgins

Tradução

Domigos Demasi

Para Beatrix

Non mihi, non tibi, sed nobis
[Não para mim, nem para ti, mas para nós]

Eu TOPEI COM O livro negro dos segredos de Joe Zabbidou e as memórias de Ludlow Fitch de uma maneira um tanto curiosa. Estavam fortemente enrolados e escondidos num espaço oco de uma perna de pau. Como a perna veio parar em minhas mãos não é importante no momento. O que importa é a história contada pelos documentos.

Infelizmente, nem O livro negro de Joe nem as memórias de Ludlow sobreviveram intactos aos séculos, e, quando os desenrolei, era óbvio que haviam sofrido danos. As páginas não apenas se mostravam quebradiças e manchadas de água, como grande parte estava ilegível. Os fragmentos e trechos estão reproduzidos aqui exatamente como foram escritos. Corrigi a grafia de Ludlow — era realmente péssima —, porém não fiz nada além disso. Quanto às partes que faltam, o que mais eu poderia fazer senão recorrer à minha imaginação para preencher as lacunas?

Costurei a história da melhor maneira que encontrei. Quero pensar que, com os poucos fatos que tive, me mantive o mais perto possível da verdade. Não tenho a pretensão de me declarar sua autora, sou meramente a pessoa que tentou revelá-la ao mundo.

F. E. Higgins

Inglaterra

Capítulo 1

Fragmento das memórias de Ludlow Fitch

QUANDO ABRI os OLHOS, percebi que nada até aquele momento da minha vida miserável poderia ser tão ruim quanto o que estava para acontecer. Eu estava deitado no solo frio de um porão iluminado por uma única vela, da qual restava não mais do que uma hora de chama. Instrumentos de um tipo médico pendiam de ganchos nas vigas. Manchas negras no chão sugeriam sangue. Foi, porém, a cadeira encostada na parede do lado oposto que confirmou plenamente as minhas suspeitas. Grossas correias de couro atadas aos braços e às pernas estavam ali por apenas um motivo: manter preso um paciente relutante. Ma e Pa estavam me observando de perto.

— Ele tá acordado — exultou Ma animadamente. Pa me arrancou daquela posição e me pôs de pé. Ele me mantinha com um golpe firme, meu braço torcido por trás das costas. Ma me segurava pelos cabelos. Olhei de um para o outro. Seus rostos sorridentes estavam apenas a centímetros do meu. Eu sabia que não devia esperar que eles me salvassem.

Outro homem, até agora escondido nas sombras, deu um passo à frente e me segurou pelo queixo. Forçou-me a abrir a boca e percorreu um dedo escurecido com gosto de podre pelas minhas gengivas.

- Quanto? — perguntou Pa, babando de antecipação.

- Nada mau — disse o homem. — Três pence cada. Talvez doze por todos.

- Fechado — disse Pa. — Afinal, quem precisa de dentes?

- Alguém, espero — retrucou o homem friamente. — Eu vivo da venda deles.

E todos três riram, Ma, Pa e Barton Gumbroot, o notório cirurgião-dentista do Beco do Bode Velho.

Assim que o pagamento pelos meus dentes foi acertado com Barton, eles agiram rapidamente. Juntos, me arrastaram até a cadeira do cirurgião. Esperneeie e berrei e cuspi e mordi; não ia facilitar para eles. Eu sabia como Barton Gumbroot ganhava a vida, pilhando os pobres, arrancando seus dentes, pagando centavos por eles e vendendo-os por um valor dez vezes maior. Eu estava atormentado de medo. Não tinha qualquer proteção. Iria sofrer do começo ao fim. Cada pontada de dor sobre o nervo como uma faca.

Eles se aproximaram para executar seu feito cruel. Ma pelejava com uma fivela em volta do meu tornozelo, as mãos tremendo por causa da bebedeira do dia anterior, enquanto Pa tentava me manter sentado. Barton Gumbroot, aquele monstro asqueroso, simplesmente assomava com seu reluzente alicate, abrindo-o e fechando-o com estalidos, abrindo-o e fechando-o, sufocando um riso, e salivando. Até o dia de hoje, acredito que seu maior prazer na vida era infligir dor aos outros. Tanto que ele não conseguiu esperar mais e, antes que

eu percebesse, pude sentir o frio metal de seu instrumento de tortura se prender ao redor de um dente frontal. Ele apoiou o joelho no meu peito e começou a puxar. Não consigo descrever a dor que percorreu meu crânio, meu cérebro e cada extremidade nervosa de meu corpo. Era como se toda a minha cabeça estivesse sendo arrancada. O dente mexeu-se ligeiramente em minha mandíbula e outra dor aguda violenta explodiu atrás dos meus olhos. O tempo todo, Ma e Pa gargalhavam como malucos.

A raiva cresceu em mim como uma onda montanhosa. Ouvi um rugido digno de uma fera da selva e fui dominado por uma fúria em ebulição. Com uma das pernas livre, chutei Pa com força e em cheio na barriga, e ele desabou no chão. Barton, apanhado de surpresa, largou o alicate, eu o agarrei e dei-lhe uma pancada do lado da cabeça. Soltei minha outra perna e desci da cadeira num salto. Pa gemia no chão. Barton estava apoiado na parede, segurando a cabeça. Ma agachou-se num canto.

— Não me bata — implorou. — Não me bata.

Não vou negar que me senti tentado, mas aquela era a minha única chance de escapar. Pa estava quase de pé novamente. Larguei o alicate e, em questão de segundos, eu estava do lado de fora da porta, subindo a escada e correndo pelo beco. Podia ouvir Ma gritando e Pa berrando e xingando. Toda vez que eu olhava para trás, tudo que conseguia ver era o rosto vociferante de Pa e o alicate curvo de Barton, reluzindo à luz amarelada do lampião a gás.

Enquanto corria, tentava pensar aonde ir. Eles conheciam muitos dos meus esconderijos. Decidi pela loja do sr. Jellico, mas, ao chegar lá, o lugar se encontrava às escuras e a cortina estava abaixada. Bati na janela e gritei seu nome, mas não houve resposta. Amaldiçoei o meu azar. Eu sabia que, se o sr. Jellico estava fora àquela hora da noite, provavelmente ficaria longe por dias. Saber disso, porém, não ajudava em nada no meu atual aperto.

Portanto, aonde ir agora? A ponte sobre o rio Fedus e a Estalagem do Dedo Ágil. Betty Peggotty, a estalajadeira, talvez me ajudasse. Saí correndo do beco para a rua, mas eles já estavam à minha espera.

— Ele tá ali — guinchou Ma, e a perseguição recomeçou.

Eles me surpreenderam, principalmente Pa, com sua resistência. Eu não achava que iriam aguentar tanto. Por quase um quilômetro, me perseguiram pelos becos estreitos sem pavimentação e pelas ruas imundas, tropeçando em pessoas que dormiam nas ruas e evitando que me apanhassem, o tempo todo em direção ao rio. Cada vez que eu olhava para trás, pareciam estar mais perto. Eu sabia o que aconteceria se eles me pegassem novamente. A dor em minha mandíbula sangrando era toda a prova de que eu precisava.

Quando cheguei cambaleante à ponte, mal conseguia me manter de pé. Na metade do caminho, vi uma carruagem em frente à Dedo Ágil. No instante em que suas rodas começaram a girar, subi na traseira e me agarrei àquela

esperança de vida. Quando a carruagem partiu, a última coisa de que me lembro é a visão de Ma caindo de joelhos. Ela gritava para mim, da ribanceira, e o monstro, Barton Gumbroot, sacudia o punho, furioso.

Meu nome é Ludlow Fitch. Juntamente com uma porção de outros, tive o grande infortúnio de nascer na Cidade, um lugar fedorento que não merece esse nome. E morreria lá, se não fossem Ma e Pa. Eles me salvaram, embora essa não fosse a intenção deles, quando me entregaram, seu único filho, nas mãos de Barton Gumbroot. Esse ato de traição foi possivelmente o único golpe de sorte que eu já tive. O plano diabólico de Ma e Pa ocasionou o fim de uma existência e o início de outra: minha vida com Joe Zabbidou.

Capítulo 2

Fragmento das memórias de Ludlow Fitch

Eu NÃO SABIA, NA ocasião, mas havia pegado carona na carruagem que pertencia à um tal de sr. Jeremiah Ratchet, que estava ali dentro. Chocáhamos por horas, ele roncando como um fole, tão alto que eu conseguia ouvi-lo acima do estrépito das rodas sobre os sulcos, enquanto, do lado de fora, me pendurava como o macaco de um tocador de realejo. O tempo piorou, e começou a nevar. A estrada estreitou-se, e os buracos ficaram maiores, mais fundos e mais frequentes. O cocheiro não queria nem saber do conforto do passageiro. Se não fosse pelo fato de minhas mãos estarem congeladas naquela posição, eu provavelmente teria caído. Apesar disso, e da agitação de minhas entranhas (sofro de terríveis enjoos em viagens), perto do fim do trajeto eu estava cochilando. A carruagem começou a subir uma colina íngreme e, finalmente, chegamos ao lugar que seria meu lar durante o futuro próximo, a aldeia montanhosa de Pagus Parvus.

Sob quaisquer outras circunstâncias, eu não teria escolhido ir a Pagus Parvus, mas, por ocasião da viagem, meu destino não estava em minhas mãos. Finalmente, a carruagem parou diante de uma enorme casa e o cocheiro desceu. Ouvi-o bater na porta do carro.

— Sr. Ratchet — chamou. — Sr. Ratchet.

Contudo, não houve resposta, então ele foi até a casa e tocou a campainha para chamar a criada. Uma jovem apareceu com uma feição não muito contente. O cocheiro chamou-a de Polly. Juntos, arrastaram Ratchet pelos degraus acima, acompanhados de muitos roncões (deste) e grunhidos (daqueles), e o puxaram para dentro. Aproveitei a oportunidade para saltar e olhar dentro da cabine, onde encontrei uma bolsa de couro, um lenço franjado de seda estampada e um par de luvas. Enrolei o lenço em volta do pescoço e enfiei as luvas em meus dedos dormentes. A bolsa continha apenas poucos pennies, mas já era um começo. Saí e dei de cara com a jovem, parada na entrada da casa e olhando direto para mim. Havia um ligeiro sorriso em seu rosto, e os olhos dela se mantiveram nos meus por um longo momento. Ouvi o cocheiro voltando e vi que estava na hora de ir embora. Eu poderia ter subido ou descido a encosta, mas, por algum motivo desconhecido, optei por subir.

A colina era traiçoeira. Ao subir, ouvi o sino da igreja bater quatro vezes. Embora não estivesse mais nevando, o vento era afiado como uma navalha e eu sabia que precisava de abrigo. Apesar da hora, e da falta de luzes nas ruas, eu conseguia enxergar bem o suficiente para onde ia. Não era a lua que iluminava o meu caminho, pois ela era apenas uma lasca, mas todas as luzes chamejando por trás das janelas. Parecia que eu não era o único na aldeia que

continuava acordado.

Parei numa construção vazia no topo da colina. Era solitária, à sombra da igreja, desolada e separada das outras casas e lojas por um beco. Eu procurava um meio de entrar, quando ouvi passos se aproximarem na neve. Abaixei-me no beco e esperei. Um homem curvado descia cuidadosamente a colina. Carregava sobre o ombro uma enorme pá de madeira e murmurava consigo mesmo. Passou direto por mim, sem olhar à esquerda ou à direita, e atravessou a rua.

Enquanto ele se fundia com a noite, outra figura apareceu. Até hoje me lembro do homem emergindo das sombras como que por mágica. Observei-o subir firmemente em minha direção. Dava longos passos e percorreu rapidamente a distância. Ele coxeava, o passo direito era mais pesado do que o esquerdo, e uma pegada era mais profunda do que a outra.

Acredito que fui a primeira pessoa a ver Joe Zabbidou e sei que fui a última. Teria sido apenas a coincidência que nos fez chegar juntos? Desconfio de que havia outros poderes em ação. Diferentemente de mim, ele não estava fugindo. Tinha um propósito, mas o mantinha bem escondido.

Capítulo 3

Chegada

NÃO ERA FÁCIL DESCREVER Joe Zabbidou corretamente. Sua idade era impossível de determinar. Não era gordo nem magro, mas talvez estreito. E era alto, uma evidente desvantagem em Pagus Parvus. A aldeia havia se formado numa época em que as pessoas eram pelo menos quinze centímetros mais baixas, e todas as habitações foram construídas de acordo. Aliás, o local fora construído durante os anos da "Grande Carência de Madeira". O rei, à época, emitira um decreto determinando que deveriam ser realizados todos os esforços para se poupar madeira, e, como resultado, as portas e as janelas foram feitas menores e mais estreitas do que o normal, e os tetos eram particularmente baixos.

Joe estava vestido adequadamente para o tempo que fazia, embora desatento à moda corrente do casaco de gola alta. Em vez disso, usava uma capa de um verde suave, presa com pinos de prata, que descia até os tornozelos. A capa propriamente dita era da mais excelente lã de jocastar. O jocastar — um animal aparentado da ovelha, porém com pernas mais longas e mais delicadas e feições mais refinadas — vivia nas altas montanhas do hemisfério Norte. Uma vez por ano, em setembro, ele mudava de pelo, e somente os mais ágeis escaladores se aventuravam a subir até o ar rarefeito para coletar sua lã. A capa era contornada pela pele de animal mais macia que existe, a da chinchila.

Nos pés, Joe usava um par de botas de couro preto, muito bem lustradas, sobre as quais pousavam as muito bem passadas bainhas de sua calça cor de malva. Em volta do pescoço, havia enrolado um lenço de seda, e um chapéu de pele na forma de uma panela estava enfiado firmemente por cima de suas orelhas. A cada passo que Joe dava, um molho de chaves pendurado no cinturão tinha melodiosamente contra sua coxa. Na mão direita, ele carregava uma mochila de couro um tanto quanto surrada forçando as costuras, e, na esquerda, um úmido saco com cordel na boca do qual emanava um grasnido intermitente.

Rápida e silenciosamente, Joe subiu a rua íngreme até atingir o último prédio à esquerda. Era uma loja vazia. Mais além, havia um cemitério murado, os limites da aldeia, dentro do qual ficava a igreja. Então a estrada se estendia além, para o meio de um nada cinzento. A neve se amontoara no vão da porta da loja e se juntara nos cantos das janelas carcomidas. A tinta descascava, e acima da porta uma velha placa na forma de chapéu rangia ao vento cortante. Joe dedicou um momento para verificar a rua até o fundo da colina. Eram as primeiras horas da madrugada, mas a luz amarela de lampiões a óleo e de velas reluzia atrás de muitas cortinas e persianas, e mais de uma vez ele viu a

silhueta de uma pessoa passar de um lado a outro de uma janela. Um sorriso fendeu seu rosto.

— É este o lugar — disse ele, e entrou.

A loja em si era bem pequena. A distância entre a vitrine e o balcão era de não mais que três passos. Joe foi para trás do balcão e abriu a maciça porta que dava para o aposento dos fundos. Uma pequenina janela na parede mais distante permitia que o empoeirado luar iluminasse a escuridão. A mobília era esparsa e gasta: duas cadeiras com espaldar de travessas e uma mesa, um pequeno fogão e uma cama estreita empurrados contra a parede. Em contraste, a lareira era imensa. Com pelo menos uns dois metros de largura e quase um de profundidade, ela tomava quase toda uma parede. De cada lado da lareira havia uma esmaecida poltrona acolchoada. Não era muito, mas serviria.

Nas profundezas da noite, Joe se ocupou em ajeitar tudo. Ergueu o pavio e acendeu o lampião sobre a mesa. Desenrolou o lenço, tirou o chapéu e soltou a capa e colocou-os sobre a cama. Então abriu a mochila, e enquanto um silencioso observador bisbilhotava pela vitrine, Joe a esvaziou sobre a mesa. O espectador não se mexia, embora seus olhos negros já enormes se arregalassem impossivelmente ao ver Joe tirar roupas, sapatos, uma coleção de bijuterias e bugigangas, umas tantas jóias valiosas, dois pães, uma garrafa de cerveja preta, outra garrafa, de vidro escuro e sem rótulo, quatro relógios (com correntes de ouro), um lampião de latão, um tanque de vidro retangular com respiradouro na tampa, um enorme livro preto, uma pena de escrever e um vidro de tinta e uma perna de pau de mogno lustrada. A mochila era mais espaçosa do que parecia.

Com destreza, Joe montou o tanque, então pegou o saco e soltou o cordel que fechava sua boca. Colocou-o devagar sobre a mesa e, um segundo depois, uma rã, um espécime muito espetacular de coloração mista e expressão inteligente, emergiu graciosamente de suas dobras. Com muito cuidado, Joe apanhou-a e colocou-a dentro do tanque. Então, a criatura pestanejou preguiçosamente e, em contemplação, mastigou ruidosamente alguns insetos secos.

Quando jogou outro inseto no tanque, Joe se enrijeceu quase que imperceptivelmente. Sem olhar para trás, deixou o aposento, os olhos na vitrine ainda seguindo-o curiosamente. Mas não o viram sair para a rua. Nenhum ouvido humano o escutaria dar a volta na loja na ponta dos pés, onde ele se lançou sobre a figura na vitrine e ergueu-a para a luz pelo cangote de seu pescoço esquelético.

— Por que está me espionando? — perguntou Joe num tipo de voz que exigia uma resposta sem demora.

Joe segurava o garoto de tal maneira que este quase sufocava no colarinho e seus pés mal conseguiam tocar no chão. Ele tentou falar, mas o medo e o choque o tinham incapacitado. Conseguiu apenas abrir e fechar a boca como

um peixe fora da água. Joe deu-lhe um tranco e repetiu a pergunta, embora um pouco menos severo dessa vez. Como continuava sem resposta, ele deixou o jovem cair na neve formando um patético monte amarrotado.

- Hum. — Joe deu uma olhada demorada e firme no rapaz. Ele era realmente uma figura apagada e lamentável, baixa, subnutrida e tremendo tanto que quase era possível ouvir seus ossos chocalhando. Os olhos, porém, eram espantosos, verde-escuros com manchas amarelas e encaixados num círculo de sombra. Sua pele combinava com a neve em tonalidade e temperatura. Joe suspirou e o pôs de pé com um puxão.

- E você é? — perguntou ele.

- Fitch — disse o rapaz. — Ludlow Fitch.

Capítulo 4
Poesia e penhonoristas

LUDLOW ESTAVA SENTADO À mesa, tremendo em silêncio, enquanto Joe cuidava do fogo. Uma caldeira enegrecida pendia sobre as chamas, e de vez em quando Joe mexia em seu conteúdo.

— Gostaria de um pouco de sopa?

Ludlow fez que sim, e Joe despejou a espessa mistura em duas tigelas e pousou-as sobre a mesa. O garoto engoliu a sua ruidosamente, com colheradas supercheias e transbordantes.

— De onde você veio?

Ludlow limpou sopa do queixo e conseguiu sussurrar:

- Da Cidade.

- Sei. E gostaria de voltar?

Ele negou, sacudindo a cabeça violentamente.

— Não o censuro por isso. Por experiência própria, sei que a Cidade é fétida, um local doentio, repleto do que há de pior na humanidade. O mais baixo do baixo.

Ludlow concordou, ao mesmo tempo de uma colherada, e o resultado foi que a sopa pingou na gola de sua camisa cinzenta. Sem hesitação, ele colocou o pano manchado na boca e chupou o caldo. Joe observou sem sorrir, mas com um olhar divertido.

— E o que você fazia na Cidade?

Ludlow pousou a tigela. A sopa quente levava vida de volta aos seus lábios congelados.

- Um pouco de tudo, na verdade — disse evasivamente, mas, então, sob o olhar intenso de Joe, ele continuou: — Mas quase sempre eu batia carteiras.

- Sua honestidade é comovente, Ludlow, mas duvido que haja muito desse tipo de trabalho por aqui — disse Joe friamente. — Esta é uma aldeia pequena. Há pouco para se tomar.

- Sempre consigo encontrar alguma coisa — disse Ludlow com orgulho.

- Acredito que sim. — Joe deu uma risada, olhando pensativamente para o garoto. — Diga-me, você tem outros talentos?

- Sou veloz na corrida e posso me agachar tão apertado que consigo me esconder nos menores lugares.

Se isso impressionou Joe ou não, foi difícil de dizer.

- Tenho certeza de que é útil — disse ele —, mas e a sua instrução? Sabe ler e escrever?

- Claro que sei — disse Ludlow, como se Joe fosse um idiota por pensar o contrário.

Se ficou surpreso, Joe não demonstrou,
— Deixe-me ver sua habilidade. — Remexeu na pilha sobre a mesa, então entregou a Ludlow uma pena, um vidro de tinta e um pedaço de papel. Ludlow pensou por um momento, então escreveu lentamente, com sua caligrafia simples e clara, a ponta da língua saindo pelo canto da boca:

Uma Poesia

*O coelo é um bixinho bem dóssil
Sua pele é massia, e seu rabo num é duro
Pastando na terra, ele vive no óssio
Domindo à noite, ele rola no iscuru*

Joe fingiu coçar o queixo para ocultar seu sorriso.

- Quem o ensinou a soletrar? Seus pais?

Ludlow bufou diante da simples sugestão.

- Meus pais não ligam para a palavra escrita, nem para mim. Quem me ensinou foi o sr. Lembart Jellico, um penhorista da Cidade.

- Lembart Jellico? — repetiu Joe. — Que interessante.

- Você conhece ele? — perguntou Ludlow, mas Joe estava ocupado, procurando outra folha de papel.

- Escreva isso — disse ele, e ditou algumas frases, as quais Ludlow escreveu cuidadosamente antes de devolver o papel para ser examinado.

- Dois b em Zabbidou — disse Joe —, mas você não teria como saber disso.

Ele recuou e deu uma olhada mais firme e demorada no garoto. Parecia com muitos garotos da Cidade, sujo e magricela. Com certeza, ele cheirava como um deles. Suas roupas mal lhe bastavam (fora o lenço no pescoço e as luvas, que eram de qualidade muito mais alta), e ele tinha um rosto cheio de suspeitas que denunciava a miséria de sua existência passada. Estava machucado e sua boca estava muito inchada, mas havia uma centelha de inteligência — e algo mais — naqueles olhos escuros.

- Eu tenho um trabalho para você, se quiser.

Os olhos de Ludlow se estreitaram.

- É pago?

Joe bocejou.

- Vamos discutir isso amanhã. Agora está na hora de dormir.

Jogou sua capa para Ludlow, e o garoto se encolheu no espaço ao lado da lareira. Ele nunca sentira antes uma pele tão macia, e ela se envolvia em suas pernas naturalmente. Ludlow observava, pelos olhos semicerrados, Joe se esticar na cama do lado oposto, as pernas não totalmente estendidas, e começar a roncar. Quando teve certeza de que Joe dormia, Ludlow pegou a bolsa que tinha roubado da carruagem e a escondeu atrás de um tijolo solto da

parede. Então pegou o papel e o leu novamente.

Meu nome é Joe Zabidou eu sou o Penhorista de Segredos

"Um penhorista de segredos?", pensou Ludlow. "Que tipo de trabalho é esse?" Mas não meditou sobre a pergunta por muito tempo, pois logo caiu num sono repleto de sonhos malucos que fizeram seu coração disparar.

Eu NÃO PRETENDIA CONTAR a Joe que era um batedor de carteiras e não sei por que lhe contei a verdade. Quanto a ser um penhorista, é claro que eu sabia o que era. Na Cidade, entrei e saí das lojas de penhoristas uma porção de vezes. Sempre que Ma e Pa conseguiam uma coisa furtada e esta não tinha utilidade para ela, eles colocavam no prego. Ou me mandavam fazer isso. Havia muitas casas de penhores, praticamente uma em cada esquina, e elas ficavam abertas o tempo todo. O movimento maior era nos fins de semana, quando todos já haviam gasto seus salários em bebida ou tinham perdido todo o dinheiro na mesa de carteadado. Na metade da manhã de domingo, o guiché de uma casa de penhores era uma paisagem e tanto, pode acreditar em mim. As pessoas botavam no prego todo o tipo de coisa: camisas, sapatos velhos, cachimbos, louça de barro, tudo que pudesse lhes render ao menos meio penny.

Os penhoristas, porém, não aceitavam qualquer coisa. E o dinheiro que pagavam não era lá essas coisas, mas, quando as pessoas reclamavam de trapaça, eles diziam: "Não sou instituição de caridade. É pegar ou largar."

E, normalmente, eles pegavam o que era oferecido porque não tinham escolha. Claro, você sempre podia comprar de volta o que havia penhorado, mas tinha de pagar mais. Era assim que os penhoristas ganhavam seu dinheiro, ficando ricos à custa dos pobres.

Mas Lembart Jellico não era como os outros. Para começar, ficava escondido no final de um beco estreito da rua do Prego. Você só sabia que ele estava ali se soubesse que ele estava ali, se é que me entende. Eu o encontrei porque procurava um lugar para me esconder de Ma e Pa. A entrada da viela era tão estreita que tive de caminhar de lado. Quando olhava para cima, só conseguia enxergar uma pequena lasca do fumacento céu da cidade. A loja do sr. Jellico ficava no final do beco e, a princípio, pensei que estivesse fechada, mas, quando pressionei meu nariz na porta, ela se abriu para dentro. O penhorista estava de pé atrás do balcão, mas não me viu. Ele parecia estar num devaneio. Tossi.

— Desculpe — disse o homem, pestanejando. — Em que posso servi-lo, meu jovem? — perguntou.

Estas foram as primeiras palavras gentis que ouvi durante todo aquele dia. Deilhe o que tinha, um anel que tirara do dedo de uma senhora (era uma habilidade minha particular, fascinar um infeliz transeunte com o meu olhar triste, enquanto o aliviava do fardo de suas jóias). As sobranceiras do sr. Jellico arquearam quando o viram.

— De sua mãe, suponho — disse ele, mas não me forçou uma resposta.

O sr. Jellico parecia tão pobre quanto seus clientes. Usava as roupas que as pessoas não voltavam para recuperar (e que ele não conseguia vender). Sua pele era branca, carente de sol, e possuía um certo brilho, como massa crua molhada. As longas unhas eram geralmente pretas, e o rosto sulcado era coberto de uma barba rala e cinzenta. Havia sempre uma gota prestes a pingar na ponta de seu nariz e, de vez em quando, ele a enxugava com um lenço vermelho que mantinha no bolso do colete. Naquele dia, ele me deu um shilling pelo anel, então voltei no dia seguinte com mais pilhagens e recebi outro. Depois disso, voltava com a maior frequência possível.

Não sei se o sr. Jellico ganhava algum dinheiro. Sua loja raramente era visitada, a vitrine vivia suja e nunca havia muita coisa em exibição. Certa vez, vi um pão inteiro na prateleira.

— Meu jovem — disse o sr. Jellico, quando lhe perguntei sobre aquilo. — Ela trocou o pão por uma panela, para poder cozinhar um presunto. Ela voltará amanhã com a panela e vai tirar o pão do prego, um pouco mais duro, talvez, mas ela o amolecerá na água.

Tais eram os estranhos acordos entre penhorista e cliente!

Não sei por que o sr. Jellico se mostrava tão bondoso comigo, por que resolveu sentir pena de mim e não de outro entre as centenas de garotos que perambulavam por aquelas ruas perigosas. Fosse qual fosse o motivo, eu não tinha queixas. Contei-lhe como eram Ma e Pa, de que modo me tratavam, do quão pouco ligavam para mim. Muitas vezes, quando fazia frio demais para eu ficar nas ruas e quando ficava com muito medo de voltar para casa, ele deixava que me aquecesse em sua lareira e me dava chá e pão. Ensinou-me o ABC e os números e me deixou praticar escrita nas costas de velhos tíquetes de penhores. Mostrou-me livros e me fez copiar página após página, até ficar satisfeito com a minha caligrafia. Ficou evidenciado que o meu estilo era um pouco formal. Considero responsáveis por isso os textos por meio dos quais aprendi. Seus autores eram do tipo sério, escreviam sobre guerras e história e grandes pensadores. Sobrou pouco espaço para o humor.

Em retribuição ao que me ensinou, realizei certas tarefas para o sr. Jellico. Primeiro, escrevi os preços das etiquetas para botar na vitrine, mas, com o aperfeiçoamento de minha caligrafia, ele me deixou anotar as cauções e as somas de dinheiro em seu livro-caixa. De vez em quando, a porta se abria e tínhamos um cliente. O sr. Jellico adorava um papo e o detinha em longa conversa antes de pegar o objeto do penhor e entregar o dinheiro.

Eu passava muitas horas nos fundos da loja, ocupado com as minhas tarefas, e Ma e Pa nunca souberam. Não via razão para lhes contar sobre o sr. Jellico; tudo que fariam seria exigir que eu roubasse alguma coisa dele. Tive a oportunidade, muitas vezes, mas, embora eu não hesitasse em trapacear os

meus pais em alguns shillings, não conseguiria trair o sr. Jellico.

Eu o procuraria todos os dias, se pudesse, mas ele não estava sempre por lá. Na primeira vez que encontrei a loja fechada, pensei que ele tivesse feito as trouxas e ido embora. Fiquei surpreso por não ter se despedido, embora esse fosse o tipo de coisa que eu aprendi a esperar das pessoas. Então, poucos dias depois, ele voltou. Não disse onde tinha estado e eu não perguntei. Apenas fiquei contente em vê-lo.

Isso continuou por quase cinco meses, até a noite em que fugi da Cidade. Naquela primeira noite, quando fiquei deitado perto da lareira na casa de Joe Zabbidou, só me arrependi de uma coisa, de ter ido embora sem dizer adeus a Lembart Jellico. Haveria pouca chance de eu voltar a encontrá-lo.

Por isso, quando Joe disse que era um penhorista, fiquei feliz. Ele parecia diferente do sr. Jellico, e eu sabia que Pagus Parvus não tinha nada em comum com a Cidade, mas me sentia seguro. Eu achava que sabia o que esperar. Mas, é claro, eu não sabia, na ocasião, o que era um Penhorista de Segredos.

Capítulo 6
Uma grande inauguração

PAGUS PARVUS ERA DE fato muito diferente da Cidade. Era um pequena aldeia agarrando-se com todas as forças à íngreme encosta de uma colina, numa região que mudara seu nome várias e várias vezes e numa época que era uma memória distante para a maioria. Era formada por uma rua alta com calçamento de pedras arredondadas, ladeada por uma mistura de casas e lojas construídas no estilo que era popular na época do grande incêndio na famosa cidade de Londres. O primeiro e o segundo andares (e, no caso da casa do rico Jeremiah Ratchet, o terceiro e o quarto andares) pendiam sobre a calçada. Aliás, às vezes os andares superiores esticavam-se tão para fora que tapavam a luz do sol. As próprias janelas eram pequenas com vidraças chumbadas, e vigas escuras corriam em linhas paralelas nas paredes externas. Os prédios eram todos em estranhos e um tanto preocupantes ângulos, cada qual, através dos anos, tendo escorregado ligeiramente montanha abaixo e afundado um pouco na terra. Não restava dúvida de que, se apenas um desabasse, levaria junto todos os outros.

A aldeia era contemplada do alto pela igreja, uma antiga construção frequentada principalmente nos dias em que alguém nascia ou morria. Chegar a esta vida e partir dela eram ocasiões consideradas dignas de nota, mas, para a maioria dos aldeões, a existência entre essas ocorrências não carecia de frequência regular à igreja. No fundo, isso convinha muito bem ao reverendo Stirling Oliphaunt. Ele não procurava seus paroquianos; preferia que achassem seu caminho por conta própria.

Além do mais, a ladeira era incrivelmente íngreme.

Apesar disso, e da neve, no meio da manhã uma pequena multidão já se aglomerava do lado de fora da nova casa de Ludlow. Mesmo antes de o sol ter se erguido totalmente atrás das nuvens, circulava o boato de que a antiga loja de chapéus tinha um novo ocupante. Um por um, os aldeões bufaram e ofegaram no caminho colina acima para verem por si mesmos. A vitrine escura estava agora clara e transparente, embora a diversidade da espessura do vidro distorcesse de algum modo o interior da loja e as pessoas pressionavam os rostos contra a vidraça ansiosas para enxergar o que estava em exibição.

- É uma loja de lixo? — perguntou um homem. Uma pergunta razoável diante das circunstâncias, pois o conteúdo da mochila, exceto a comida e a bebida, tinha sido etiquetado com preços e colocado na vitrine. A perna de pau estava encostada em um canto, mas não havia indicação de seu custo.

- É de animais — disse outro.

A rã de Joe estava claramente visível, sentada em seu tanque sobre o balcão. À

luz do dia, era extremamente notável em aparência: sua pele reluzente parecia uma colcha de retalhos de vermelhos, verdes e amarelos vibrantes. Era completamente diferente de qualquer rã que vivia nas viscosas lagoas de Pagus Parvus. Seus pés não eram palmados, ao contrário, eram mais como mãos com dedos longos e juntas e polegares nodosos, o que devia tornar a natação algo bem complicado.

Como em resposta a uma deixa, o rosto de Joe surgiu na vitrine. Ele segurava uma placa, que foi colocada com todo o cuidado na parte de baixo da vidraça. Ela dizia:

JOE ZABBIDOU - PENHORISTA

Os aldeões assentiram uns para os outros, não necessariamente em aprovação, mas como se para afirmar, "Eu não disse?", embora não tivessem dito. Joe então saiu com uma escada, a qual apoiou na parede acima da porta. Subiu confiante até o topo e desenganchou a antiga placa em forma de chapéu. Prendeu no mastro o símbolo universal do penhorista: três globos dourados lustrados, dispostos em forma de triângulo. Estes balançaram preguiçosamente em sua corrente, brilhando sob o fraco sol de inverno.

- A rã está à venda? — perguntou alguém.

- Receio que não — disse Joe solenemente. — Ela é minha parceira.

A revelação divertiu bastante a multidão, e os risos sufocados criaram uma nuvem de vapor em volta de suas cabeças.

— Quanto pela perna? — perguntou outro.

Joe sorriu com benevolência, desceu da escada com notável rapidez e parou diante da multidão.

- Arrá! — exclamou. — A perna. Agora temos um conto.

- Um canto? — indagou um jovem menos conhecido pela sua inteligência do que por sua natureza inquiridora, ao mesmo tempo que, ao lado dele, seus dois irmãos davam sorrisos de escárnio.

- Na verdade, um conto — disse Joe. — Mas fica para outro dia.

Houve sinais de decepção e Joe pigarreou e ergueu as mãos.

- Senhoras e senhores, meu nome é Joe Zabbidou — anunciou, pronunciando o "J" com uma espécie de ruído de pedido de silêncio, soando mais como "sh".

— E estou aqui para servi-los. Paro sob o emblema dos três globos dourados porque sou um penhorista, uma profissão respeitável, com séculos de existência, e de origem italiana, creio eu. Dou-lhes minha garantia. — Neste momento, ele pousou a mão sobre o coração e ergueu os olhos para o céu — de que pagarei um preço justo pelas suas mercadorias e cobrarei uma pequena taxa, quando decidirem resgatá-las. Todos os artigos são aceitos: roupa de cama e mesa, sapatos, jóias e relógios...

- Pernas de pau — gritou uma voz.

Joe fez pouco caso da interrupção e continuou calmamente.

— Vocês têm a minha palavra. Não serão trapaceados por Joe Zabbidou.

Por um momento, houve silêncio, em seguida um generoso aplauso. Joe fez uma reverência e sorriu para a plateia.

— Obrigado — disse ele, quando as pessoas se aproximaram para apertar sua mão. — Vocês são muito gentis.

Lá dentro, Ludlow acordava com calafrios de um sonho no qual ele era perfurado por mil agulhas minúsculas. Sentou-se e viu que o fogo fora atizado e que uma das achas crepitava, atirando abrasadoras centelhas no seu rosto. Joe não estava em nenhum lugar à vista, mas havia pão e leite sobre a mesa, e uma jarra de cerveja, e Ludlow se deu conta de que estava com muita fome. Bebeu um pouco de leite espumoso e comeu uma fatia de pão quente. Voltou a se sentar, satisfeito, mas não por muito tempo. Ouvindo a agitação lá fora, foi até a porta para dar uma olhada.

Joe ainda apertava as mãos dos aldeões. Quando ele viu Ludlow, fez um sinal com a cabeça em direção à multidão, que continuava perambulando por ali, relutante em abandonar seu objeto de curiosidade. A chegada de Joe era um acontecimento emocionante para os pagus-parvianos. Poucos forasteiros iam à sua aldeia.

E era uma pena eles não irem, pensou Joe ao esquadrinhar os rostos ansiosos à sua frente. Ali se repetiam e repetiam o nariz torto, os pares de olhos estreitos, os sorrisos oblíquos cada qual numa combinação diferente em um semblante diferente.

Aquele lugar precisava de sangue novo, pensou. Então, em voz alta para Ludlow, ele disse:

— Uma recepção e tanto, hein, Ludlow?

Voltou-se para sua platéia e continuou a cumprimentá-la, enquanto Ludlow imaginava, em vão, se alguém ali tinha uma carteira que valesse a pena bater.

Capítulo 7
A manhã seguinte

NUMA CASA MAIS ABAIXO da rua, Jeremiah Ratchet sofria por causa de sua escapada da noite anterior. Acordara com uma dor de cabeça martelante e o estômago pesado.

— Cerveja ordinária — gemeu. — Não sei por que bebo naquela maldita cidade fedorenta.

Mas é claro que ele sabia. Ele ia lá porque não acreditava que os taberneiros de Pagus Parvus lhe serviriam uma cerveja decente. Da única vez que foi ao Truta no Álcool, que ficava no pé da colina, não conseguiu se livrar da cisma de que o estalajadeiro, Benjamin Tup, cuspira em sua cerveja. A acusação, porém, não desceu muito bem. Além do mais, ele desdenhou dos outros bebedores, a maioria dos quais eram seus devedores. Jeremiah ficava feliz em pegar seu dinheiro, mas preferia não beber com eles. E o sentimento era mútuo.

Portanto, em vez disso, Jeremiah ia à Cidade, onde procurava diversão na Estalagem do Dedo Ágil, na ponte sobre o rio Fedus. Ali ele tomou vinho e cerveja, fumou grossos charutos e jogou baralho até altas horas com um heterogêneo bando de gente: ladrões e jogadores, ressurr-recionistas e, sem dúvida, um ou dois assassinos. Embora nunca viesse a admitir, na Dedo Ágil ele se sentia praticamente em casa.

Jeremiah gemeu novamente quando se lembrou de que perdera uma soma de dinheiro considerável na mesa de carreado.

Não haveria de ser nada, pensou. Os aluguéis teriam de subir.

Jeremiah gostava de soluções simples para problemas, e aumentos nos aluguéis pareciam resolver a maioria deles. Não ligava para os problemas que isso causava aos seus inquilinos. Virou-se na cama, mas suas tentativas de voltar a dormir foram frustradas pelo cheiro desagradável que emanava de debaixo dos cobertores.

"Cebolas demais", pensou, ao puxar a cortina e girar as pernas para o lado da cama. Olhou de esguelha para a luz do dia e só então se deu conta do ruído na rua. Cambaleou e arrotou pelo caminho até a janela e viu bandos de pessoas subindo da colina.

- Polly! — gritou. — Polly!

- Sim, senhor — atendeu ela, pondo-se de pé com um salto, pois estava bem ali, perto da lareira, aticando o fogo e pensando no rapaz de olhos verdes que vira na noite anterior.

- Que barulheira é essa? Um homem não consegue dormir com essa algazarra.

- Acho que aquela loja de chapéus foi ocupada, senhor.

- Por um chapeleiro?

Jeremiah adorava usar chapéu, quanto mais alto, melhor. Tinha a impressão de que eles eram a medida física de sua importância. Também lhe davam a impressão de ser mais alto, pois o que não lhe faltava em arrogante compostidade, lhe faltava em centímetros.

- Não sei, não, senhor. Corre o boato de que é uma loja de animais.

- Uma loja de animais! — bradou Jeremiah. — Quem pode se dar ao luxo de ter animais de estimação neste lugar?

A idéia de um único de seus inquilinos possuir um animal de estimação era demais para Jeremiah. Embora gostasse de se permitir toda a sorte de extravagâncias, irritava-lhe a perspectiva de que outras pessoas também pudessem fazer o mesmo. Portanto, num acesso de ressentimento, vestiu-se e cambaleou morro acima, o rosto vermelho e nauseabundo, o álcool da noite anterior vazando pelos seus poros dilatados. Enfiou as mãos bem fundo nos bolsos depois de levantar a gola em volta do pescoço. Seu humor não havia melhorado em nada quando Polly avisou que não conseguira encontrar suas luvas, o cachecol e a bolsa.

— Maldito cocheiro — xingou Jeremiah, enquanto caminhava penosamente através da neve. — Cachorro ladrão, mentiroso. Merece ser açoitado.

Polly esperou seu patrão percorrer um trecho da subida antes de vestir de qualquer jeito sua própria capa vermelha esfarrapada e seguiu-o a uma distância segura. Jeremiah chegou à loja justo a tempo de ouvir o discurso de Joe, após o qual ele fez notada a sua presença (embora quem estivesse por perto já tivesse captado seu odor e se afastado).

PERMANECI NA PORTA, ENQUANTO Joe ficava parado na calçada, e observei cada pessoa que se aproximava dele. Segurava qualquer mão que lhe era oferecida e a apertava com a sua. Ao mesmo tempo, curvava-se à frente e dizia algo. Fosse o que fosse, isso fazia as mulheres sorrirem e os homens se empertigarem e estufarem o peito. Não pude resistir a dar um sorriso, embora não soubesse exatamente por quê.

Enquanto Joe continuava ocupado apertando mãos, uma agitação secundária se iniciava nos fundos da multidão. Estiquei um pouco a cabeça e vi um homem bulboso, o rosto reluzindo de suor, forçando caminho até a frente. As pessoas se afastavam com relutância para permitir sua passagem. Ele se mantinha sobre a neve de um modo que sugeria que era sustentado somente por sua própria presunção. Empinou a enorme cabeça para o lado a fim de fitar de banda os globos dourados com os olhos amarelecidos.

Havia algo muito desagradável em relação ao homem: seu volume era ofensivo, a postura era agressiva. Eu não estava disposto a me fazer conhecido por ele, portanto fiquei onde estava.

Creio que Joe já o havia notado, mas resolvera ignorá-lo. Finalmente, após o homem se posicionar a apenas uma questão de centímetros de distância e tossir ruidosamente três vezes, Joe reconheceu sua presença e se apresentou.

— Joe Zabbidou — disse ele, estendendo a mão.

O homem olhou para Joe como se este fosse uma lesma em seu sapato.

— Ratchet — disse ele, finalmente, recusando o aperto de mão. — Jeremiah Ratchet. Homem de negócios local. Posuo a maior parte da aldeia.

Quando ouvi esse nome, meus ouvidos se aguçaram. Então aquele era Jeremiah Ratchet, o homem que, inadvertidamente, me trouxera para Pagus Parvus e, ao mesmo tempo, provocara uma mudança em minha sorte. Sua imponente afirmação foi recebida com comedidos bufos de menosprezo da multidão, e até mesmo uma vaia, e a larga testa se franziu numa carranca furiosa. Pôs as mãos nos quadris e fungou, à maneira de um porco fuçando a terra. Se eu estivesse na multidão, teria roubado sua bolsa antes que ele pudesse piscar. Ele era o tipo de homem que merecia ter a carteira batida. Pensando bem, lembrei, ao tentar ocultar um sorriso, eu já tinha feito isso.

Os dois homens se encararam, o olhar fixo de Joe concentrado em Ratchet. Tudo em relação a Jeremiah cheirava a dinheiro: desde seu cabelo perfumado a seu casaco de lã escura tamanho três-quartos; de seu calção mostarda até embaixo, ao couro reluzente de suas botas de montar. Infelizmente, nada em relação a ele cheirava a bom gosto.

- Escute aqui, sr. Jaburu, ou seja lá como se chame. Não vai fazer negócios aqui. Você não é necessário. Essas pessoas não possuem nada de valor. — Jeremiah gargalhou maldosamente e estufou o peito ainda mais. — Eu sei disso porque a maioria delas me deve aluguéis atrasados.

- É o que veremos — disse Joe, recuando ligeiramente. O bafo de Jeremiah era torturante. — No passado, a maioria das pessoas sempre se beneficiou de minha ajuda.

- Ajuda? — inquiriu Jeremiah. — Não creio que a gente precise do seu tipo de ajuda. Eu ajudo as pessoas daqui. Se precisam de dinheiro, elas sabem a quem pedir. Você descobrirá que eu sustento os aldeões. Não vai demorar muito para você fazer suas malas.

Virou bruscamente, satisfeito por Joe ter sido colocado muito bem à par da situação, e afastou-se a passos largos com uma espécie de andar apressado que se tornava mais ridículo à medida que ganhava velocidade.

— Jeremiah Ratchet — ouvi Joe dizer baixinho —, creio que nossos caminhos voltarão a se encontrar.

De algum modo, a presença de Jeremiah baixara uma espécie de abatimento sobre as pessoas na multidão e, em grupos de dois e de três, elas desceram a colina, segurando-se umas às outras para se apoiarem. Apenas uma pessoa ficou, uma jovem. Eu achava que conhecia aquele rosto, mas só consegui identificá-lo quando ela estava quase diante de mim.

- Olá de novo — disse ela suavemente. Era Polly, a criada de Jeremiah.

- Olá — respondi, mas, embora vasculhasse o meu cérebro, não consegui pensar em nada mais interessante para dizer, e ficamos apenas olhando ura para o outro em silêncio. Ela parecia estar com frio e cansada. Os nós de seus dedos eram vermelhos, não usava luvas e as pontas dos dedos estavam azuis.

— É melhor eu ir embora — disse ela finalmente.

— Ratchet ficará zangado, se souber que falei com você.

— Então se virou e foi embora.

Senti um pouco de pena por ela, com suas pernas finas e nariz vermelho. Não podia imaginar que Jeremiah Ratchet fosse o mais benévolo dos patrões.

Joe estava recostado despreocupadamente na escada, nos observando, mas, de repente, desviou a vista. Segui seu olhar e vi pela segunda vez a pequena figura encurvada com uma pá sobre o ombro. Ele estivera nos fundos durante todo o espetáculo, o rosto vincado inexpressivo. Agora ele seguia na direção contrária de todos, para a igreja. Joe observou-o atravessar o portão, então acenou para mim.

— Depressa — disse ele, e saiu andando apressado no rastro do estranho arqueado.

Passei pela porta, e uma leve onda de empolgação me fez tremer todo.

Capítulo 9
Obadiah Strang

UM ANTIGO CEMITÉRIO CERCAVA a igreja, e a ladeira era de tal modo íngreme que era impossível cavar uma sepultura sem que um lado ficasse mais alto do que o outro. Felizmente para seus ocupantes, Obadiah Strang, o coveiro, era muito bom em sua profissão e se dava o maior trabalho para garantir que a base de cada sepultura ficasse nivelada, para que a pobre alma morta no caixão pudesse alcançar a paz de costas e não de lado. Sempre que havia um enterro, os acompanhantes ficavam o tempo todo se movimentando, mudando o apoio de um pé para o outro, ao tentarem se manter na posição vertical. Apenas bodes montanhese, que passavam de tempos em tempos, pareciam à vontade, capazes de manter o equilíbrio em qualquer ângulo. O cemitério deveria parecer um lar longe do lar. Só que o capim era particularmente copioso.

Joe atravessou o enferrujado portão da igreja, seguido de perto por Ludlow, e parou para escutar. O som ritmado de escavação chegou até ele pelo vento e, quando olhou abaixo por entre as lápides da ladeira, viu que Obadiah Strang dava duro cavando uma sepultura.

Com o corpo inclinado para a frente desde jovem, Obadiah tinha finalmente atingido a idade que suas costas curvadas sempre haviam sugerido. Parecia um homem que cavava buracos para viver e, através dos anos, suas mãos se moldaram na forma do cabo de sua pá. Tinha grande dificuldade em apanhar pequenos objetos, mas, graças a seus dedos em forma de garras, podia segurar confortavelmente uma garrafa de cerveja.

Obadiah continuou sua tarefa por algum tempo antes de perceber que tinha companhia. Subiu com dificuldade, ajudado por uma pequena escada, e enfiou com força a pá num monte de terra. O suor congelou em suas sobrancelhas, e ele limpou a testa com as costas da mão, deixando uma mancha escura. Não era fácil cavar um buraco de dois metros de profundidade no inverno.

Joe o cumprimentou com um caloroso aperto de mão.

- Eu vi você na loja — explicou.

- Ah — disse Obadiah rudemente —, você é o penhorista. Pois bem, vou lhe dizer logo, não fará negócio comigo. Tenho pouco mais do que as roupas que estou vestindo.

Olhou desconfiado para Ludlow, que se pendurava atrás de uma lápide que afundava. Não gostou nem um pouco da aparência do garoto. Pelo que podia avaliar, não devia confiar nele, e isso nada tinha a ver com o fato de não existir um fiapo de carne em seus ossos esqueléticos. Além do mais, Obadiah jamais confiou em gente que não piscava, e o olhar fixo de Ludlow era bem

enervante.

- E quem é esse?

- Meu assistente — disse Joe calmamente, puxando-o para a frente.

Ludlow sorriu e estendeu a mão, se bem que hesitante. Obadiah ignorou-a.

- Assistente? Você paga um assistente? Vocês, penhoristas, são todos iguais. Alegam pobreza, mas vivem de outra maneira. — Apanhou a pá, mas Joe o segurou pelo braço.

- Espere.

- O que quer de mim? — disse Obadiah com impaciência. — Estou ocupado.

Joe olhou firmemente nos olhos cansados de Obadiah. Este tentou desviar o olhar, mas, por algum motivo, não conseguiu. Seus ouvidos se encheram de um suave ruído, como o mar numa praia de cascalhos, e sentiu os joelhos tremerem. As pontas de seus dedos começaram a formigar. Ludlow observara surpreso, enquanto o velho rabugento parecia amolecer e relaxar.

— Você parece um homem com uma história a contar — disse Joe lentamente. — Por que não vai à loja esta noite? À meia-noite? Ninguém precisa saber.

Obadiah pelejou para pronunciar as palavras.

- Talvez eu vá — disse ele —, talvez não.

- Até lá, então — retrucou Joe, como se o convite tivesse sido aceito, e piscou, quebrando o encanto, e, conseqüentemente, Obadiah teve de se apoiar em sua pá.

Capítulo 10

Fragmento das memórias de Ludlow Fitch

NÃO ENTENDI MESMO o que aconteceu no cemitério. Eu sabia que tinha havido alguma espécie de acordo, mas qual, exatamente, fiquei sem saber. Ao deixarmos a área da igreja, subitamente tive a sensação de que estávamos sendo vigiados. Com o canto do olho, vi uma figura nos observando de trás de uma árvore. Pelas suas vestes, deduzi ser o vigário local. Cutuquei Joe. Ele também tinha visto e cumprimentou-o com a cabeça, e, conseqüentemente, o reverendo ficou muito desconcertado, virou as costas e correu para o interior da igreja.

Em frente à loja, a calçada estava vazia exceto por três meninos, que saíram correndo assim que avistaram Joe. Este deu uma risada, enquanto eles escorregavam morro abaixo. Quando entramos, fomos direto para os fundos e nos sentamos perto da lareira. Após alguns minutos, ao perceber que Joe não mostrava qualquer sinal de que ia falar comigo e sim todos os sinais de um homem à beira de um cochilo, perguntei-lhe sobre meu trabalho.

— Seu trabalho? — respondeu com um enorme bocejo. — Eu falarei sobre isso depois. Por enquanto, me acorde se aparecer algum cliente.

E assim foi.

Fui para a loja e apoiei os cotovelos no balcão, meditando sobre a minha situação. A rã me observou por um ou dois minutos, então desviou a vista. Embora eu sempre tivesse me sustentado, nunca antes tivera um emprego. Eu não tinha sido criado exatamente numa linha de conduta rigorosa. Pa e Ma juntos eram a maior dupla de escroques que já respiraram o ar do Senhor. Viviam de furtos, e não tive outra escolha a não ser seguir seus passos, mesmo antes de saber andar. Fui um bebê pequenino e continuei mirrado. Com um ano e meio, Pa me carregava por aí num cesto de pão sobre a cabeça. Cobri-me com alguns pães mofados. Ainda me lembro do terrível balanço de lado a lado e do pavor que me mantinha rígido. Até hoje não consigo andar em qualquer meio de transporte sem sentir enjoo.

Quando surgia a oportunidade, Pa falava com o canto da boca "Lud, meu filho", e essa era a deixa para eu estender a mão e roubar o chapéu, e, às vezes, a peruca, de um inocente cavalheiro que passava. Imagine a surpresa do sujeito, ao ter a cabeça desnudada, deixando-o exposto não apenas ao constrangimento, mas também à fúria dos elementos. É claro que, quando ele fosse procurar os culpados, já tínhamos desaparecido no meio da multidão.

Essa jogada obtinha uma soma agradável, pois chapéus e perucas alcançavam um bom preço, mas, inevitavelmente, chegou a ocasião em que eu não mais cabia no cesto de pão. Ma sugeriu que eu fosse vendido para um limpador de

chaminés. Meu corpo franzino mais do que se acomodava às estreitas chaminés angulosas. Por essa ocasião, eu já começava a entender que, quando me encaravam com os olhos vidrados, meus pais não viam um filho e herdeiro, mas uma conveniente fonte de renda para sustentar seu vício em gim. A vida de um limpador de chaminés era dura e curta, e fiquei extremamente agradecido quando Pa decidiu que eu poderia ganhar mais dinheiro para eles se aprendesse a bater carteiras. E, assim, com um mínimo de treinamento (estimulado pelo seu cinto), fui mandado para as ruas com o entendimento de que não deveria voltar para casa sem pelo menos seis shillings por dia para a taberna.

Tinha poucos problemas em obter isso, e qualquer dinheiro extra, guardava para mim. Eu parecia ter uma queda natural para tal ofício: meus dedos eram ágeis, o andar era leve e minha expressão, inocente. Às vezes me descuidava um pouco, e a vítima sentia meus dedos em seu bolso, mas era preciso apenas atrair seu olhar por um momento para convencê-la de que não tinha sido eu quem furtara sua carteira ou bolsa. Se eu olhasse para Ma desse jeito, ela me dava um tapa no lado da cabeça e sibilava: "Não me olhe com esses olhos pidões. Isso não funciona com a sua velha mãe."

Mas, sabe como é, acho que funcionava, e exatamente por isso ela ficava tão enfurecida.

Ela só me batia se me pegasse e, na maioria dos dias, eu evitava os dois como a peste. Quando já tinha faturado o bastante, em geral por volta do meio-dia, e precisava me aquecer, ia à loja do sr. Jellico. Não podia ir para casa, mesmo se quisesse, pois Ma e Pa haviam alugado o quarto durante o dia para os trabalhadores noturnos do rio.

Não era uma vida ruim, não a princípio, e eu não conhecia outra coisa. Tinha ouvido falar que se devia amar os pais, mas não creio que era isso que sentia por eles. Algum tipo de lealdade, talvez, um laço sanguíneo, mas não amor. Mas, assim que o desejo deles por gim os consumiu, minha vida se tornou insuportável. Não importava o quanto tivessem, eles queriam mais. Finalmente, qualquer coisa que eu levasse para casa não era suficiente. Suponho que foi aí que eles bolaram seu plano diabólico. Eu deveria saber que eles estavam aprontando alguma. Tinham começado a sorrir para mim.

Tremia só de me lembrar da caçada desesperada da noite anterior. Ainda podia sentir a mão de Pa em meu ombro e a voz esganiçada de Ma ressoando em minha cabeça. E então surgia o reluzente instrumento de tortura de Barton Gumbroot. Não aguentava nem pensar nele. Como é estranho eu estar tão longe disso agora.

Joe ainda roncava, e aproveitei a oportunidade para examinar as mercadorias na vitrine. As jóias eram brilhantes e bonitas, o lampião estava lustrado e parecia funcionar perfeitamente. Os relógios estavam com corda e

tiquetaqueando. Sem pensar duas vezes, botei dois no meu bolso, mas quase que imediatamente uma rápida pancadinha na vitrine me fez saltar. Polly estava do lado de fora. Acenou, e fiquei imaginando por quanto tempo esteve ali me observando. Saí para falar com ela. A neve estava compacta onde a multidão estivera mais cedo, e ela pisava com todo o cuidado em sua frígida superfície.

- Está tranquilo hoje — falei.

- O mesmo de sempre — rebateu ela.

Era metade da manhã e meus ouvidos procuravam escutar os gritos estrondosos dos vendedores de rua apregoando suas mercadorias, os músicos itinerantes com suas rabecas, os baladistas, o estrépito das patas das vacas no pavimento a caminho do abatedouro, o chiado da roda de afiar do amolador, as discussões e as brigas que irrompiam em cada esquina. Mas aquela não era a Cidade, e Pagus Parvus estava quase silenciosa. Ouvei uma ou duas risadas e o martelo do ferreiro, porém pouco mais do que isso.

- Você quer entrar?

- Posso ver a rã? — perguntou ela.

A rã nos observou, quando entramos. Era realmente uma criatura maravilhosa, sua pele clara e reluzente como uma pedra molhada. Não havia som na sala dos fundos, portanto ergui cuidadosamente a tampa e enfiei a mão no tanque. A rã pareceu um pouco agitada quando tentei adúl-la com um inseto e ela recuou para o canto mais distante.

- Tem certeza de que pode fazer isso? — perguntou Polly, nervosa.

- Por que não poderia...?

- Não toque na rã — vociferou uma voz atrás de mim, e pulei imediatamente para trás. Joe estava praticamente à meu lado e eu não ouvira qualquer som. Uma rajada gelada atravessou a porta aberta, antes de Polly fechá-la ruidosamente ao sair.

— Eu só queria mostrar...

Joe adiantou-se e recolocou a tampa, empurrando-a firmemente para baixo.

— Não deve tocar nela — disse severamente. — Enquanto não confiar em você, a rã só permitirá que eu cuide dela. Está entendendo?

Assenti e o embaraçoso silêncio foi quebrado pelo som da porta, novamente, e a hesitante pergunta de nosso primeiro cliente, uma mulher idosa usando monóculo no olho esquerdo. Ela franzia as sobrancelhas de modo desigual para mantê-lo naquela posição.

- Sr. Zabbidou? Tenho algo para empenhar. Joe deu um sorriso largo.

- Uma peça adorável — disse ele. — Olhe, Ludlow, um penico.

Capítulo 11
Um visitante à meia-noite

- ACORDE — SUSSURROU JOE, sacudindo o braço de Ludlow. — Ele chegou. Ludlow sentou-se lentamente e ficou ouvindo o sino da igreja bater meia-noite. Sentiu um arrepio. O fogo apagara e ele conseguia ver a própria respiração condensando-se no ar. Joe colocou uma pequena acha nas brasas incandescentes e acendeu o lampião. Pôs dois copos em cima do consolo da lareira, juntamente com uma garrafa marrom-escura, então foi para a mesa e abriu seu livro negro diante da cadeira.

— Sente-se ali — disse Joe a Ludlow. — Fique muito quieto e, quando eu lhe der um sinal, escreva no livro tudo o que ouvir. Já marquei a página.

Ludlow livrou-se da sonolência e sentou-se à mesa. Apanhou o livro e o examinou. Era velho, mas bem conservado, grosso e pesado demais para se segurar com apenas uma das mãos. Sobre encadernação de couro, em letras de lâminas de ouro, havia as palavras "Verba Volant Scripta Manent".

No canto direito inferior havia as iniciais "JZ" em grandes letras decorativas douradas. Um pedaço de fita vermelha marcava a nova página, e uma pena de escrever estava à espera na dobra. As páginas em branco pareciam brilhar à meia-luz e Ludlow não pôde evitar percorrer os dedos pela sua macia superfície. Rapidamente, deu uma folheada nas páginas anteriores; estavam escritas com uma intensa caligrafia e crepitavam onde ele as tocava. Ludlow não recebera ordem de não bisbilhotar, mas tinha a clara sensação de que Joe desaprovava se ele o fizesse. Silenciosamente, colocou de volta o livro negro onde o encontrara, aberto na página em branco.

Defronte à casa de penhores, encontrava-se Obadiah Strang, parado na calçada, torcendo as mãos nodosas. Queria bater, mas tinha receio. Pelo jeito, os mortos não o amedrontavam, mas, às vezes, os vivos sim. Aborrecendo-se, virou-se, e estava para voltar colina abaixo, quando a porta se abriu atrás dele.

— Obadiah, meu caro amigo — disse Joe calorosamente, saindo para a rua e segurando o homem pelo braço —, eu estava à sua espera.

Mais uma vez, diante do olhar penetrante de Joe, toda resistência abandonou Obadiah e ele deixou-se conduzir à sala dos fundos e ser colocado delicadamente na poltrona junto à lareira. Ludlow permanecia sentado sem se mexer, um pouco nervoso, observando tudo atentamente. Obadiah pressionou os nós dos dedos no macio braço da poltrona, e Ludlow estremeceu quando eles estalaram ruidosamente.

— Você me acompanha numa bebida? — perguntou Joe. — Algo especial?

Obadiah resmungou e Joe serviu duas doses da garrafa, entregando uma a Obadiah. Pegou a sua e sentou-se defronte ao coveiro.

— Saúde — brindou.

Obadiah deu um gole experimental em seu copo, então outro mais demorado. O álcool não era sua bebida habitual e ele nunca provara nada com aquela qualidade. Saboreou a sensação de calidez enquanto o líquido escorria pelo fundo da garganta. Sentiu os ombros nodosos relaxarem, recostou-se na cadeira.

- Por que estou aqui? — perguntou. Não foi isso que ele planejara dizer, mas foi o que saiu.

- Porque precisa de ajuda — respondeu Joe.

- E você pode me ajudar?

Joe fez que sim e inclinou-se para a frente.

— Quando olho para você, Obadiah, vejo um homem que tem um segredo. O fardo de um segredo tão grande que ameaça subjugar-lo. Ele o mantém acordado à noite e corrói suas entranhas todos os dias. — Inclinou-se ainda mais. — Mas não precisa ser desse jeito.

Os olhos de Obadiah brilhavam. Uma pequena lágrima espremeu-se do canto de um olho e escorreu pelas rugas que riscavam sua face.

— O que posso fazer? — sussurrou ele desesperadamente.

A voz de Joe era tranquilizadora e cheia de promessa.

— Empenhe o seu segredo e livre-se de sua terrível carga.

- Empenhá-lo? — Obadiah estava um pouco tonto por causa da bebida e por causa dos olhos de Joe e de sua voz suave. Sentia como se sua cabeça afundasse lentamente na água. — Quer dizer que comprará o meu segredo? Mas por quê?

- É o meu negócio — disse Joe. — Sou um penhorista.

Obadiah sacudiu a cabeça lentamente e sua testa se enrugou com a confusão.

- Mas se eu o empenhar, terei de tirá-lo da penhora. Caso contrário, você terá o direito de vendê-lo. E se vendê-lo, não será mais um segredo. — Obadiah gostava de tornar a vida simples, pensando de um modo simples e lógico.

- Ah! — exclamou Joe. — Creio que achará os meus termos bem agradáveis. Se quiser recuperar seu segredo, pagará o que recebeu e mais um pequeno extra. Se não, eu guardarei o segredo para você durante o tempo que quiser, uma existência, se desejar. Aliás, se nunca tirá-lo da penhora, eu o guardarei até você estar na sepultura e no além, pois, por essa ocasião, duvido que você se importe tanto.

- Bem, eu acho que é justo, sr. Zabbidou. Joe sorriu.

- Vamos começar. Estou ansioso para aliviar uma mente.

Gesticulou discretamente com a cabeça para Ludlow, que percebeu que essa era a sua deixa. Com a mão trêmula, ergueu a pena e a mergulhou na tinta. Manteve a pena suspensa sobre a página imaculada.

— E você jura que não vai contar? — perguntou Obadiah tremendo.

Joe sacudiu a cabeça solenemente.

- Nunca — disse ele. — Juro pela minha vida.

- Então ouça isto e talvez possa me ajudar. Sabe Deus que ninguém mais pode. Durante a hora seguinte, o único som no aposento eram a voz trêmula de Obadiah e o suave arranhar de um bico de pena no papel. O trabalho de Ludlow começara.

A confissão do coveiro

Meu nome é Obadiak Strang e tenho um terrível segredo. Ele me persegue durante todas as horas em que estou acordado, e à noite, quando finalmente consigo dormir, ele invade os meus sonhos.

Posso ser apenas um humilde coveiro, mas me orgulho disso. Nunca trapaceei ninguém: as pessoas ganham seus sete palmos de terra, nada mais, nada menos. Sempre levei uma vida simples. Preciso de muito pouco e nada peço. Fui um homem contente até alguns meses atrás, quando me desentendi com o meu senhorio, Jeremiah Ratchet.

Tinha sido uma semana difícil, com poucas escavações de sepulturas e menos ainda de gorjetas. Quando chegou o dia do aluguel, eu não tinha o dinheiro. Sem dúvida, você já conhece Jeremiah Ratchet. É um homem odiado por estas bandas, e temi o que faria, comigo. Mas ele me surpreendeu e sugeriu que eu pagasse o dobro na semana seguinte. Como um tolo, aceitei sua oferta. Mas quando chegou novamente o dia do aluguel, ele alegou que eu lhe devia dezoito shillings e não doze.

— Seis shillings são os juros sobre o empréstimo — explicou ele, com um sorriso untuoso. Claro, eu não tinha a quantia excedente e, uma semana, depois, a dívida cresceu ainda mais. Paguei o que pude e tentei argumentar com ele, mas Jeremiah Ratchet deve ter um buraco onde deveria ficar o seu coração. Após quatro semanas, eu devia tanto que nunca poderia ter esperanças de pagar.

Essa era, o tempo todo, a sua intenção.

— Tenho uma sugestão — disse ele, na vez seguinte que me procurou —, uma maneira de você trabalhar para pagar a sua dívida.

Embora nessa oportunidade eu já desconfiasse do homem, não tive escolha a não ser ouvir.

— Preciso que você faça um serviço para mim, algo perfeitamente condizente com suas habilidades. Eu fornecerei as ferramentas.

Quando ele me explicou seu plano desprezível, tive um ataque de raiva e o expulsei de casa. Ele parou no caminho e gritou de volta para mim:

— Se não fizer isso, vou despejá-lo. Você sabe onde me encontrar, se mudar de idéia. Eu lhe dou uma semana para pensar no assunto.

Naquela noite, eu me amaldiçoei várias vezes por ter ficado devedor do monstro. Quando o sol nasceu, soube que não tinha escolha. Mandeí chamar Ratchet e ele veio à cabana para explicar o que eu tinha de fazer. Entregou-me a minha única ferramenta: uma pá de madeira.

— É mais silenciosa, do que a de metal — disse Jeremiah. — Qualquer um que se dedica ao ofício sabe disso.

É que ofício era? O ofício de ladrão de cadáveres.

Naquela noite, algum tempo depois da uma hora, fui ao cemitério com o coração pesado. Como me odiei pelo que estava para fazer. Conhecía, a sepultura em questão. E eu não a tinha cavado, no dia anterior, observando o caixão ser baixado para ela naquela mesma tarde? Agora, ali estava eu, cavando-a novamente. Com cada pá de terra, pensava no patife do Ratchet. Sua fortuna foi feita à custa do esforço dos pobres. A metade da aldeia provavelmente lhe devia.

Agora chovia e a lua se escondera atrás das nuvens, com vergonha de presenciar o que eu fazia. O vento chicoteava em volta de minha cabeça. Escovia, água pelo meu chapéu. O frio congelava minhas mãos. O barro escuro ficou pegajoso com a água. Era necessário um esforço supremo para enjugar a pá; ela só se soltava com um ruído alto de sucção, como se a própria

tema tivesse ganhado vida e tentasse puxá-la, e eu com ela, para as entranhas do inferno lá embaixo.

Enquanto a terra se amontoava ao lado, meu suor se misturava com a forte chuva. No meu peito, o coração golpeava como o martelo de um ferreiro. Finalmente, atingi a madeira. Cai de joelhos e limpei com as mãos o caixão. A tampa estava presa por um único prego em cada extremidade. Forcei-a com a borda da pá e ela começou a levantar. A madeira lascou e rachou e se separou. "Meu bom Deus, me perdoe", murmurei e me benzi, ao mesmo tempo que um trovão rasgou o céu ao meio. Sob sua luz flamejante, fitei abaixo a pobre alma ali dentro.

Não se tratava de um homem rico, pude perceber pela qualidade do acabamento do caixão e dos acessórios baratos, mas quem era rico naquelas bandas? Rico ou pobre, como todos nós de acabou dentro da terra. Ele, porém, era jovem, e seu belo rosto não ficara marcado pelo acidente que o tinha matado — ele havia caído debaixo das rodas de uma carroça. Suas mãos pálidas estavam atravessadas no peito, e o rosto cinzento estava tranquilo. Suas preocupações terrenas haviam terminado. As minhas estavam apenas começando.

Hesitei apenas um segundo, então agarrei o pobre sujeito pelas ombros e o arastei para fora do caixão, e acima, para o lado da cova. Ergui a vista para o céu e jurei que aquela era a primeira e a última vez que eu faria aquilo. Eu pensava que, sem a alma, um corpo ficasse mais leve, aliviado da carga da vida, mas sentia como se levantasse um cavalo morto. Arastei-o pelo capim entre as lápides até o portão da igreja, onde Jeremiah dissera que haveria alguém esperando.

Eu os avistei. Dois homens vestidos de preto, os rostos e as cabeças ocultos por capuzes. Sem uma palavra, eles pegaram o cadáver e o jogaram na traseira de sua carroça, em meio a barris de cerveja. Cobriram-no com palha e partiram.

Esperei, até não conseguir mais ouvir os cascos dos cavalos, para voltar e encher novamente o buraco. Trabalhei como um possuído, usando a pá com a energia de um demônio, e, depois que finalmente acabei, fui para casa.

Acondei no dia seguinte convencido de que tinha sonhado com tudo aquilo, mas, ali perto da lareira, estava a pá de madeira. Mal aguentava me olhar no espelho. Fosse qual fosse o meu motivo para ter feito aquilo, eu não era melhor do que um reles ladrão de cadáveres. Ressuscitadores, como eles gostavam de ser chamados, mas dar um nome bonito a uma pessoa não muda sua natureza. Sem dúvida, o cadáver estava agora bem distante, provavelmente na cidade, debaixo do bisturi de um cirurgião no curso de anatomia, tudo pelo interesse da ciência. Pelo menos era, o que os médicos diziam. Pagavam um bom dinheiro por cadáveres, e Jeremiah enchia os bolsos com ele, mas eu nunca pensei que poderia me envolver num negócio tão horrendo, pecaminoso.

Naquela noite Jeremiah bateu na minha porta.

- Meu pessoal disse que você fez um bom trabalho.

Não era um elogio que eu gostaria de receber.

- E cadê os objetos de valor? — perguntou-me.

- Objetos de valor? Do que está falando? Não foi o bastante eu ter desenterrado um cadáver para você? O que quer mais agora?

Ele deu de ombros.

— Eu soube de fonte segura que aquele homem foi enterrado com um relógio de prata e um anel de ouro. Pertenciam ao pai dele. Um estranho costume, enterrar o que pode ser vendido. Eu mal podia acreditar no que ouvia. Ratcket queria que, além de cadáveres, eu roubasse objetos para ele.

— Eu fiz o que você pediu — disse. — A dívida está paga.

Ele sacudiu a cabeça.

- Creio que não, sr. Strang. Afinal de contas, me deve uma soma considerável, e não recolheu os objetos de valor. Da próxima vez terá de ser mais cuidadoso.

- Próxima vez?

Não ousei discutir mais, pois percebi a enascada em que estava metido. A pena para roubo de sepultura era, no mínimo, a prisão, mas apenas se você fosse sortudo o suficiente para sobreviver ao linchamento pelos parentes do morto.

Isso foi seis meses atrás e Jeremiah tem me chamado repetidamente para fazer seu trabalho sujo. Não gosto de pensar em quantos cadáveres desenterei. Tudo que sei é que, se eu for descoberto, não será Jeremiah quem vai sofrer.

Esse homem se deleitava, com os frutos de minha perversidade e nada posso fazer a respeito. Fico deitado na cama até altas horas, torturado pelos meus atos. Estou traindo a confiança dos aldeões, uma confiança que construí durante toda a minha vida. Se eles souberem, vão me enforcar assim que me apanharem.

Jeremiah Ratchet. Como detesto esse homem. Se soubesse que poderia sair ileso, eu lhe daria uma bela pancada em sua, cabeça gorda com a minha pá.

Ludlow hesitou na última frase, mas fora instruído a escrever tudo que ouvisse, e foi o que fez. Furtou um olhar para Obadiah, que estava tão lívido quanto os cadáveres que desenterrava. Então pousou a pena, colocou uma folha de mata-borrão entre as páginas e fechou o livro. Obadiah recostou-se na cadeira, exausto, e cobriu o rosto com as mãos.

— Você tem que me ajudar, sr. Zabbidou. Sou um homem destruído, indigno de viver.

Joe colocou firmemente sua mão sobre o joelho de Obadiah.

— Livre-se desses pensamentos de morte — disse ele. — Isso só vai corroer sua alma. Neste mundo, há uma justiça natural. Talvez não seja tão rápida quanto gostaríamos, mas, acredite em mim, Jeremiah Ratchet sentirá sua força. Agora, você irá para casa dormir, mas não sonhará.

Obadiah suspirou profundamente.

- Sabe, sr. Zabbidou, acho que tem razão. Levantou-se para ir embora, mas Joe o conteve.

- Seu pagamento, conforme o combinado. — Joe estendeu-lhe um saco de couro com moedas, e os olhos de Obadiah se arregalaram, quando sentiu seu peso.

- Sou-lhe muito agradecido, sr. Zabbidou — disse Obadiah. — Posso fazer um bom uso disto.

- E você fará — replicou Joe, sacudindo calorosamente sua mão. — E você fará.

- E quanto a Jeremiah? — arriscou nervosamente.

Joe apenas piscou uma vez lentamente.

- Seja paciente, sr. Strang. Seja paciente.

ASSIM TERMINOU o MEU primeiro longo dia com Joe Zabbidou. Já passava das duas quando Obadiah foi embora e Joe ficou parado na porta vendo-o descer a colina e ir para sua cabana. Esperou até as luzes se apagarem e o lugar ficar completamente às escuras, antes de voltar e passar a chave. Permaneci à mesa encarando inexpressivamente o livro fechado, minha mente girando em torno do que eu acabara de ouvir.

Agora havia entendido. É um livro de "segredos", pensei, "e Joe é o Penhorista de Segredos".

Era difícil de acreditar que Joe tivesse permitido que eu tocasse num livro como aquele, que dirá escrever nele. Como desejei abri-lo para o ler inteiro! Que outras histórias de desespero e desilusão eu encontraria ali?

Podia ouvir Joe andar pela loja e falar com a rã. Rapidamente abri o livro, folhiei suas páginas e li as linhas de abertura de uma confissão após a outra:

"Meu nome é Eleonor Hardy e não consigo mais viver com as minhas mentiras.."

"Meu nome é George Catchpole e tenho o mais vergonhoso dos segredos..."

"Meu nome é Oscar Carpue. Num estúpido acesso de raiva, dominado pela loucura, eu..."

Isso foi tudo o que consegui ler antes de Joe voltar assobiando para o aposento. Fechei depressa o livro e, desajeitadamente, me pus de pé, derrubando a cadeira.

— Vejamos o que você fez — disse ele, ignorando minha confusão e apanhando o livro de cima da mesa. Observei nervosamente, enquanto ele examinava o que eu escrevera. — Excelente trabalho, rapaz — disse ele, ao colocar a fita vermelha de marcação na página em branco seguinte e fechar o livro. — Duvido que eu mesmo pudesse ter feito melhor.

Uma repentina queimação enrubesceu minhas faces. Eu não estava acostumado a elogios. Para disfarçar meu constrangimento, apontei para as palavras douradas na capa.

— Que língua é essa?

O rosto de Joe se iluminou.

— Ah, latim — disse ele.—A língua da exatidão. "As palavras voam, os escritos permanecem." Lembre-se dessas palavras, Ludlow. As pessoas acreditam no que lêem, seja qual for a verdade do que está escrito. — Joe ergueu o livro e falou baixinho. — As histórias que temos aqui são muito preciosas para seus donos e, por consequência, de grande valor monetário para outros. Eles

confiaram em mim, confessaram seus segredos mais profundos, e é meu dever protegê-los. Aonde quer que eu vá há um elemento criminoso, sem lealdade a ninguém, que pagaria bem por elas e as usaria para lucro financeiro ou coisa pior. Mas essas confissões foram confiadas a nós, Ludlow, e, fora desta sala, não devemos falar nelas.

Joe não pareceu me incluir entre esses criminosos. Mas, nesse instante, minha mão sentiu algo frio no bolso e meu coração falhou uma batida. Os relógios. Ainda estavam comigo. Ele não devia ter percebido que haviam sumido. Decidi devolvê-los o mais depressa possível.

Assenti solenemente.

- Eu sou capaz de guardar segredo — falei.

- Acredito que pensa que é capaz, Ludlow. Mas também sei o que é ser humano. A tentação é uma maldição para todos os homens.

- Eu posso fazer isso — declarei com firmeza. — Apenas me dê uma chance.

Por um momento, pensei que ele fosse dizer não, mas deu uma risada e falou:

- O que é a vida, se não se corre um risco de vez em quando? Certa vez, conheci um sujeito que só tomava decisões no cara ou coroa. Devia se levantar ou continuar deitado? Tirava no cara ou coroa. Devia ou não comer? Cara ou coroa. Ele viveu assim durante quase dois anos, até ser acometido de uma doença. Tirou no cara ou coroa, para decidir se devia ou não mandar chamar o médico, e a moeda disse que sim.

- E ele se curou?

- Bem, infelizmente para ele, o médico não era dos melhores. Seu diagnóstico foi um tanto quanto inadequado, e o remédio que passou era forte demais e o pobre sujeito morreu no dia seguinte.

Eu não entendi o que Joe tentava me dizer.

— Sabe, Ludlow — explicou —, qualquer que seja o modo como proceda com ela, a vida é um jogo. Bem, onde é que nós estávamos? — Alisou o Livro negro dos segredos e seu tom de voz tornou-se mais sério. — É claro que, se você for trabalhar para mim, há algumas coisas de que precisa saber. Primeira, sempre começamos numa página em branco. Considero uma regra seguir em frente, nunca voltar atrás. — Sorriu sabiamente e fitou meus olhos. Ele sabia que eu tinha olhado o livro.

"E, segunda, quando terminarmos, devemos mantê-lo em algum lugar a salvo de olhos curiosos.

Observei-o colocar o livro num lugar nada seguro: debaixo de seu colchão. Seria uma espécie de teste? Estaria me incitando a roubá-lo?

Como eu continuava fitando-o, ele me fez uma pergunta curiosa.

— Você acredita em sorte, Ludlow?

Eu já tinha pensado sobre isso mais de uma vez durante minha vida.

— Acredito que algumas pessoas têm mais sorte do que outras. Como aquelas

que não nasceram na Cidade.

Joe deu uma risada.

- Ah, sim — disse ele —, um local de nascimento dos mais desafortunados. A maioria que nasce lá morre lá. Mas você conseguiu sair.

- Então devo ser sortudo. Ele deu de ombros.

- Talvez não seja apenas sorte. Talvez tenha sido o próprio Destino que o trouxe aqui para mim.

- Destino? Foram mais os meus dois pés! — Então lhe perguntei: — Você acredita em sorte ou em destino?

Joe refletiu por um momento, antes de responder.

— Nós fazemos a nossa própria sorte, Ludlow, através de nossas ações e de nosso estado de espírito. Desse modo, você controla o seu próprio destino. Somente urna coisa é certa: nenhum de nós escapa da sepultura.

Então ele me surpreendeu ainda mais me estendendo um shilling. Apesar do susto, eu o apanhei.

— Por um trabalho benfeito. Junte esta às outras moedas da sua bolsa — disse e piscou.

Ele foi dormir logo depois disso. Quando ouvi seu ronco, tateei na fissura por trás do tijolo, à procura de minha bolsa, e larguei o shilling. Então me acomodei novamente, enrolado na capa. O sono me escapava, porque minha mente estava agitada. Virei-me e pensei em Obadiah e Jeremiah Ratchet. Pobre Obadiah, ele tinha razão em odiar a si mesmo; ladrões de sepulturas e de cadáveres eram considerados abaixo de qualquer crítica. Que ironia cruel, um coveiro ter de desenterrar os mortos. À medida que me compadecia do coveiro, crescia meu desprezo por Ratchet. Ele podia ter me trazido para a aldeia, mas isso foi mais acaso do que intento.

Uma hora se passou e eu continuava acordado. Minha mente pesava com tanta confusão. Eu sabia que, se estivessem ali, Ma e Pa não pensariam duas vezes em atingir Joe na cabeça e apanhar o Livro negro dos segredos. Quanto à garrafa sobre a lareira, esta já teria sido entornada há muito tempo.

Eles não esperariam menos de mim. Meus instintos — mentir, roubar, trapacear — se desenvolveram em mim praticamente desde o nascimento. Mas ali, em Pa-gus Parvus, com Joe, eles pareciam errados.

Permaneci deitado em agonia de indecisão. Minha consciência tentou me deter, mas me envergonho em admitir que, apesar da bondade de Joe para comigo e de seu aviso, eu cedi. Como eu poderia esperar não fazer o que, durante toda a minha vida, se tornara algo natural para mim?

Cuidadosamente, puxei o livro de baixo de seu colchão e o encaixei na dobra do meu braço. Enrolei-me na capa e atravessei sorrateiramente a loja. A rã me observava com olhos acusadores, e podia ouvir a respiração ruidosa e pesada de

Joe. Fiquei surpreso ao descobrir que a porta para a rua estava destrancada. Puxei-a e saí. Tinha sido fácil demais. Nenhuma tábuca do assoalho tinha rangido, nenhuma dobradiça tinha rilhado. Neve precipitava-se ligeiramente e um brilho vindo das luzes das janelas caía na rua. Como na noite anterior, a maioria de Pagus Parvus ainda estava acordada. Se eu fosse embora agora, poderia descer a colina e nunca mais me veriam.

De repente, senti os relógios chocalhando contra minha perna e parei. Ri baixinho de minha própria burrice. O que eu estava pensando? Era meio da noite, meio do inverno. Atrás de mim, havia uma cama quente, comida e alguém que parecia se importar comigo; diante de mim, não havia nada além de neve branca e frio de rachar.

Corri de volta para dentro e coloquei os relógios de volta na vitrine. Com a mão trêmula, enfiei o Livro negro de volta abaixo do colchão, torcendo para que Joe não acordasse, e fui sorrateiramente até a lareira. Ao me enroscar perto das brasas alaranjadas, eu me castiguei.

Era difícil de acreditar que, havia apenas pouco mais de um dia, eu estava na Cidade suja, levando a vida precária de um ladrão comum e enfrentando uma terrível traição nas mãos de meus próprios pais. Aqui, porém, eu agora ganhava a vida, e uma vida mais misteriosa e emocionante do que jamais poderia ter imaginado. "Ludlow", disse a mim mesmo, "você é um idiota."

Olhei para Joe, que dormia profundamente, e soube que, o que quer que acontecesse amanhã, e no dia seguinte e no seguinte, eu jamais iria querer voltar para a Cidade. Talvez tivesse de viver com o meu passado, mas aqui, com Joe, eu tinha um futuro.

Capítulo 14
Sobre rãs e pemas

LUDLOW ACORDOU NA MANHÃ seguinte sentindo cheiro de pão quente. Joe estava diante do fogo tostando o bico de um pão na extremidade de um atizador.

- Bem a tempo — disse ele, quando Ludlow emergiu do seu canto. — Você dormiu bem? Tive um sono um pouco agitado.

- Muito bem — murmurou Ludlow, bocejando. Joe despejou a torrada num prato e sentou-se à mesa.

— Esqueci de trancar a porta ontem à noite. Poderíamos ter sido assassinados em nossas camas.

As bochechas de Ludlow ficaram tão quentes quanto as torradas.

Joe continuou calmamente.

— Bem, agora que teve uma chance de pensar bem, você vai ficar? Não é um trabalho difícil. Você será de uma grande ajuda para mim.

- Eu gostaria de ficar — disse Ludlow. — Gostaria muito.

- Então está resolvido. Hora do café da manhã.

Na Cidade, o café da manhã de Ludlow teria sido uma pedaço de pão mofado ou um mingau encaroçado. Em Pagus Parvus, na sala dos fundos do Penhorista de Segredos, era um verdadeiro banquete. A mesa foi posta com pão tostado, ovos de galinha cozidos, grossas fatias de presunto, um naco de manteiga dourada e duas jarras, uma com cerveja e outra com leite fresco. Havia até mesmo talheres, mas Ludlow não deixou que eles o retardassem e comeu como um condenado. Joe observava, maravilhado com o apetite de Ludlow ao vê-lo enfiar goela abaixo um segundo copo de leite e então avistar a torta de porco que repousava no meio da mesa.

- O açougueiro deixou-a aqui esta manhã — disse Joe. — E o padeiro trouxe o pão. Quanta hospitalidade.

- Talvez eles queiram apenas que você compre mais do velho lixo deles — murmurou Ludlow.

Joe deu outra grande mordida na torrada e empurrou-a para baixo com uma golada de cerveja. Limpou o queixo com um guardanapo que se encontrava atravessado sobre seus joelhos. Ludlow nunca vira antes tais boas maneiras e pouco à vontade limpou a boca com a manga da camisa. Então, pela primeira vez, esperou até ter engolido antes de falar.

- Sabe — disse ele —, sinto pena de Obadiah. Acho que é um bom homem.

- Ser um bom homem nem sempre é o suficiente — observou Joe.

- Suponho que você deve ter ouvido muitas histórias como a dele.

Joe fez que sim.

- E muitas bem piores. Mas isso não serve de consolo para o pobre homem. Ele tem razão em sentir medo. Se for apanhado, certamente irá para a cadeia ou será pendurado na árvore mais próxima.

- E Jeremiah? E a parcela de culpa dele?

Joe franziu a testa.

- Ele negaria tudo. Afinal de contas, que provas existem do envolvimento de Jeremiah? É a palavra de um homem pobre contra a de um homem rico. É como se o veredicto já tivesse sido decidido. Receio que Jeremiah tenha um tal domínio sobre esta aldeia que ninguém aqui ousaria acusá-lo, muito menos tentar condená-lo.

- Você acha que o dinheiro é suficiente?

- Por enquanto — disse Joe. — Pelo menos ele conseguirá pagar seu aluguel. Mas imagino o que mais Jeremiah tem escondido na manga.

- Talvez possamos ajudá-lo de uma outra maneira — disse Ludlow.

Joe sacudiu a cabeça.

- Não, não. Não devo interferir no curso das coisas. Nosso trabalho é guardar segredos. Uma vez que passamos para o livro, o assunto está encerrado. Aliás, nem mesmo devíamos estar falando sobre isso agora.

- Então não há nada que possamos fazer?

Mas Joe já tinha se calado.

Os negócios surgiram aos trancos, durante todo o dia, e, na hora de fechar, a vitrine de Joe se beneficiava do acréscimo de um vaso de flores estilo grego, um par de braçadeiras de couro com grampos de prata (sem um deles), um par de robustas botas um pouco arranhadas (apenas levemente no calcanhar) e um conjunto de botões de latão decorativos. O penico permaneceu no canto junto à perna de pau. Perto do fim da tarde, Ludlow arrumava os botões na vitrine, quando se deu conta de que tinha uma plateia. Os meninos estavam parados lá fora — os mesmos três que se encontravam na multidão, quando Joe fez sua apresentação —, suas alturas decrescendo da direita para a esquerda. Pressionavam os rostos no vidro, mas pareciam acanhados demais para entrar. Joe foi até a porta.

— Posso ajudá-los, jovens amigos? — perguntou e encarou-os firmemente com o olhar.

O mais novo mostrou ser o mais corajoso.

— Não temos nada para botar no prego — disse ele —, mas queremos ver a rã.

Joe deu uma risada.

— Mas é claro, entrem. — Os três se amontoaram na entrada, o mais novo empurrado para trás, agora que o convite fora estendido a todos.

Eles eram os irmãos Fermentados (para rimar com "parados"), filhos dos padeiros, Ruby e Elias. Foram até o tanque e olharam com espanto para a criatura, que prontamente recompensou o interesse deles, dando-lhes as

costas.

- Como é o nome disso? — perguntou o do meio.

- Dela — corrigiu Joe. — O nome dela é Saluki.

- O que ela come?

Joe mostrou-lhes os sacos de retorcidas minhocas grudentas e os lustrosos besouros que Saluki comia. Permitiu que eles jogassem os saborosos petiscos no tanque através de uma abertura na tampa.

- Eu consigo segurar ela? — Dessa vez, foi o mais novo quem falou.

- Posso segurar ela? — corrigiu Joe. — Eu sei que você consegue. Afinal, não é difícil segurar uma rã. O que você deseja é a minha permissão.

- Posso segurar? — perguntou o menino, contraindo-se de frustração.

- Não. — O pedido foi feito repetidas vezes em cada visita posterior (os irmãos Fermentados compareciam diariamente) e, embora Joe concordasse que os meninos tinham de ser admirados pelo seu otimismo e sua persistência, ele sempre recusava, alegando que Saluki não era o tipo de rã que gostava de ser segurada.

- Ela ia saltar e fugir?

- Ela é rã arborícola — retrucou Joe. — Está mais para trepadeira do que para saltadora.

- Onde você a conseguiu?

Um ar sonhador surgiu nos olhos de Joe. Enfiou os polegares nos bolsos do colete e balançou-se para a frente e para trás sobre os calcanhares.

- Ela veio de uma região do outro lado do mundo, onde a terra se curva para o sul e há todos os tipos de animais que a gente não consegue nem mesmo começar a imaginar.

- Você a pegou?

- Ela foi um presente — disse ele —, de um velho para um jovem, como vocês.

Os Fermentados sufocaram uma risadinha.

— Sim, até eu já fui jovem um dia — disse Joe.

Joe tinha uma história para os meninos quase todos os dias em que iam à loja. Hipnotizava-os com histórias de terras distantes que ele visitara, onde as montanhas cuspiam fogo e rocha derretida; de florestas cujas árvores eram tão altas que sempre era noite fria no solo da mata e, no entanto, o sol queimava suas folhas. Falava de navios e cidades que jaziam juntos no fundo do oceano; de vastidões congeladas onde o sol nunca se punha. Havia, porém, uma coisa que nunca lhes contava, não importava o quanto eles insistentemente suplicassem.

- Conte-nos sobre a perna de pau — imploravam. Mas Joe sempre sacudia a cabeça.

- Hoje não — dizia. — Talvez amanhã.

POLLY GOSTARIA DE PASSAR tanto tempo na loja quanto os Fermentados, mas, se por um lado Elias e Ruby ficavam contentes por Joe entreter seus garotos, por outro, Jeremiah não era tão indulgente e as visitas dela eram mais curtas e menos frequentes. Polly e Ludlow ainda curtiam seus breves bate-papos através do balcão, se bem que agora era mais o caso de Ludlow ouvir e Polly falar, pois, assim que começava, não era uma tarefa fácil detê-la. "Não sei o que tem este lugar", disse ela, com uma risadinha, mais de uma vez, "mas sempre que venho aqui minha língua simplesmente desembesta a falar".

Ludlow gostava de escutar. Tinha curiosidade em relação à aldeia e a seus habitantes, Jeremiah em particular, e Polly ficava mais do que feliz em lhe contar sobre o que acontecia na enorme casa colina abaixo.

Ela lhe falou sobre os hábitos de Jeremiah (geralmente maus) e os humores (idem) e as desmedidas exigências (muitas e frequentes). Ludlow logo se deu conta de que a vida não a tratara bem. Ela era inteligente, mas tinha a desvantagem da pouca educação. Naqueles dias, a ambição não era algo natural como o é atualmente, e, embora estivesse longe de se sentir satisfeita com sua sina, Polly estava resignada a ela. Os pais tinham morrido quando ela era apenas um bebê, e Lily Weaver, a costureira local, assumira sua criação. Lily a ensinara a costurar e, de fato, Polly revelara alguma habilidade, mas Lily bem rápido se deu conta de que, na aldeia, não havia serviço suficiente para as duas, e logo ela se tornou nada mais que uma boca extra para ser alimentada. Felizmente, ou um tanto infelizmente para Polly, foi por essa ocasião que Jeremiah Ratchet informou que precisava de uma criada. Então a moça juntou seus poucos pertences sobre um lençol manchado, fez uma trouxa, prendeu-a a uma vara e atravessou a rua para a casa de Jeremiah, onde passara a viver e a trabalhar nos últimos seis anos.

- Não é tão ruim quanto você possa imaginar — disse Polly. — Desde que eu faça o que devo fazer, ele não tem muito o que reclamar. — Mas Polly sempre parecia exausta e faminta, e Ludlow quase se sentia culpado por trabalhar para Joe, o completo oposto de Jeremiah.

- Era melhor quando Stanton Cleaver estava entre nós — disse-lhe Polly certo dia.

- Stanton Cleaver? — perguntou Ludlow.

- O pai do açougueiro. Quando comecei a trabalhar para Jeremiah, ele e Stanton costumavam comer juntos quase todas as noites da semana. Isso me dava alguma paz.

- O que aconteceu com ele? — indagou Ludlow.

- Sofria de um mal cardíaco, pelo menos foi o que o Dr. Mouldered disse, e morreu muito repentinamente. Foi enterrado tão às pressas que ninguém nem mesmo viu o corpo. Todo mundo achava que Stanton era um grande homem, mas não tenho tanta certeza. Ele tratava Horatio, seu filho, muito mal. De qualquer modo, depois que Stanton morreu, Jeremiah não tinha mais amigos na aldeia, e passou a jogar na Cidade. Continua a fazer isso, e eu nunca sei se ele vai chegar tarde ou cedo, mas, seja qual for a hora, está sempre bêbado. — Ela suspirou. — Não entendo por que você deixou a Cidade para vir para este lugar, preso aqui no meio do nada. Era tão ruim assim?

- Era pior do que eu lhe contei — disse Ludlow sombriamente. — Você odiaria, Polly. Está repleta de todos os tipos de sordidez.

- Algumas pessoas dizem que você deixou a Cidade porque cometeu um crime — disse Polly. — Elas acham que você está fugindo.

Ludlow franziu a testa.

- Que elas pensem o que quiserem.

- E Joe? — insistiu. — De onde ele veio?

Ludlow deu de ombros. As poucas vezes que perguntara, Joe tinha evitado a pergunta com bastante sucesso. Ludlow, na verdade, não sabia muita coisa sobre seu patrão. Mesmo nas exóticas histórias que contava para os irmãos Fermentados, Joe conseguia de alguma forma deixar escapar muito pouca coisa.

— De qualquer modo — disse Polly com um sorriso —, isso não importa. Ele mantém Jeremiah devidamente irritado. Devia ouvir como ele xinga vocês dois. Qualquer dia, ele vai explodir de verdade!

Fosse o que fosse que Jeremiah pensasse de Joe e Ludlow, os aldeões faziam um bom uso da casa de penhores. É verdade que eles possuíam poucas coisas de algum valor, mas, diferentemente da maioria dos penhoristas, Joe aceitava qualquer coisa que lhe era oferecida, até mesmo os itens mais ridículos e imprestáveis — um gato empalhado, comido por traças e ligeiramente mofado era um exemplo — e pagava um bom dinheiro, como o prometido. Ludlow não conseguia imaginar nem mesmo Lembart Jellico aceitando tal penhor.

Como quase todos os clientes chegavam esbaforidos, após subirem a colina, Joe mandou que fosse colocada uma cadeira perto da porta, e isto era recebido com alegria. Ludlow observava-os de trás do balcão, ofegando e tossindo e reclamando. Finalmente, o ruído cessava e eles entravam para mostrar qualquer que fosse o objeto miserável que haviam trazido. Joe o levantava para a luz, virava-o para cá e para lá. Às vezes (mas muito raramente), colocava sua lente de joalheiro e examinava o objeto mais de perto. O tempo todo, o cliente ficava parado, mal respirando, punhos cerrados e nós dos dedos brancos, torcendo para que Joe aceitasse o objeto inútil. Claro que ele aceitava, e todos ficavam agradecidos, imensamente, e agradeciam a Joe profusamente.

Geralmente, esse era o fim da negociação e eles seguiam e passavam pela porta ainda dizendo "obrigado". Às vezes, porém, a pessoa se demorava, apoiando-se num pé e noutro, fingindo estar interessada em Saluki.

Enfim, Joe dava meia-volta e perguntava um tanto quanto inocentemente: "Mais alguma coisa?" A insinuação de um sorriso dançando no canto da boca.

Invariavelmente, elas acabavam falando em Jeremiah Ratchet

— Deve ser um sujeito corajoso, sr. Zabbidou. Não existe muita gente capaz de enfrentar Jeremiah.

Referiam-se ao primeiro dia, quando Joe ousara discordar do sr. Ratchet. Isso causara uma grande impressão nos aldeões.

A resposta de Joe era sempre a mesma.

- Eu simplesmente exprimi a verdade.

- Sabe, ele jogou outra família na rua — continuavam, sem ligar para a aparente indiferença de Joe. — Quer dizer, mandou que aqueles valentões fizessem isso por ele. Usavam máscaras nos rostos, para que não soubéssemos quem eram. E por causa de uns poucos pennies de aluguel, sr. Zabbidou. Isso não é direito.

Se esperavam que Joe fizesse algo a respeito, ficavam decepcionados. Ele simplesmente sacudia a cabeça com tristeza.

— Uma coisa terrível — dizia. — Uma coisa realmente terrível.

A CIDADE ERA CINZENTA POR causa da sujeira e da doença; Pagus Parvus existia sob uma luz cinzenta lançada por nuvens que nunca pareciam ir embora. Em pouco tempo descobri que o clima na região variava pouco daquele que eu experimentara na noite em que tinha chegado. Localizada no lado exposto da montanha, coberta de neve durante oito dos doze meses do ano e de chuva nos outros quatro, Pagus Parvus não era apreciada pelos forasteiros, e aqueles que lá viviam raramente deixavam a aldeia. Embora tivessem chegado aos habitantes boatos sobre um veículo que se movimentava sozinho, eles ainda não tinham visto uma dessas grandes bestas de ferro, e as linhas paralelas por onde ela andava ainda não iam na direção de Pagus Parvus. Se lhes fosse dada uma escolha, os pagus-parvianos preferiam viajar a cavalo e de carruagem, mas esse era um privilégio de poucos; portanto, na maior parte do tempo, eles andavam a pé.

Se não tivesse sido por Joe, haveria pouca coisa para me manter aqui, mas começava a pensar na aldeia como um lar. Meus dias como bateador de carteiras já estavam longe e fiquei feliz em não ter mais de roubar. Continuei, porém, a usar as luvas e o lenço de Ratchet. Valia a pena ver como ele os olhava fixo, sempre que nos encontrávamos.

À noite, após o jantar, sentávamos junto à lareira e conversávamos. Discutíamos muitas coisas, mas raras vezes chegávamos a qualquer conclusão. Joe era um homem de poucas expressões; seu rosto raramente deixava transparecer alguma coisa, embora ficasse bastante animado quando falávamos sobre Saluki. A rã era tratada como uma rainha. Joe a alimentava com os mais requintados insetos e lesmas e minhocas, e os garotos Fermentados apareciam quase todos os dias só para papará-la.

Também conversávamos sobre Jeremiah Ratchet. Sempre que a sineta da loja tocava, eu ficava adivinhando se seria um penhor ou simplesmente outra reclamação sobre Jeremiah. O ridículo fanfarrão tinha praticamente toda a aldeia como sua devedora. Ele parecia passar o dia ou ameaçando despejar seus inquilinos, ou enviando seus mascarados para fazerem exatamente isso. Sempre que eu ouvia seu nome, ficava mais e mais frustrado com o fato de que ninguém na aldeia parecia ter disposição, ou capacidade, de desafiá-lo.

- Por que você acha que os aldeões lhe falam tanto sobre Jeremiah Ratchet? — perguntei a Joe.

- Porque são impacientes.

Era a típica resposta curta. Às vezes, as conversas com Joe eram como enigmas.

- Jeremiah é um fardo pesado para um lugar pequeno como este — continuou.

- Então por que as pessoas não fazem alguma coisa? Elas são muitas.

Joe sacudiu a cabeça.

- Jeremiah é um sujeito astuto. Cada pessoa está tão enredada em seus próprios apuros que não enxerga a verdadeira força da multidão. Para derrotar Jeremiah, elas precisam agir em conjunto, mas ele as mantém divididas e reféns de seus temores. Acreditam que ele tem informantes na aldeia.

- Certamente um aldeão não trairia o outro, não é?

- Sem dúvida, são forçados a isso — disse Joe. — E porque não podem confiar uns nos outros, não estão a fim de tramar contra Joe, pois ele poderia descobrir. Falam para mim porque sou um forasteiro e Jeremiah não tem qualquer influência sobre mim. Em seu desespero, pensam que posso salvá-los desse patife.

- E você vai? — perguntei. Silenciosamente, desejava que Joe desse um jeito nele.

- Por pior que seja a situação, não posso mudar o curso das coisas — respondeu, e não voltava mais ao assunto.

Não consigo contar as vezes que Joe disse isso. Eu ficava sempre imaginando: ele estava sugerindo que sabia o curso das coisas? E, embora afirmasse que não desejava provocar uma mudança, sua própria presença já causara um efeito visível sobre os aldeões. Afinal de contas, ele chegara a Pagus Parvus como um estranho, abrira sua loja e, em questão de dias, obtivera o respeito e a admiração de todos à sua volta. Éramos todos atraídos por ele, como as mariposas que esvoaçam ruidosamente do lado de fora de vitrines iluminadas à noite. Algumas pessoas fazem notar sua presença com a voz alta ou gestos largos, mas Joe não precisava fazer isso. Era um homem de fala mansa que não desperdiçava palavras. Mas a gente podia sentir quando ele estava perto.

Quanto ao modo como Joe ganhava a vida, bem, isso era um completo mistério para mim. Afinal, que tipo de comércio era esse de distribuir dinheiro? De que outro modo se poderia explicar o que ele fazia? A vitrine aumentava a cada dia, mas, embora ele pagasse por muitos objetos, eu raramente o via vender alguma coisa.

E havia o Livro negro dos segredos. Os pagus-parvianos não demoraram a tirar vantagem do serviço que ele oferecia e, à meia-noite, Joe distribuía sacos de moedas para todo mundo. Havia muitos segredos em Pagus Parvus. Durante o dia, o lugar parecia simplesmente o que era, uma pequena aldeia montanhosa. Era apenas nas horas de escuridão que se tornava óbvio que nada estava bem. Em todas as noites insones que eu passava olhando montanha abaixo, sabia que atrás das janelas cada lâmpada incandescente, cada vela bruxuleante, contava uma história. Sombras se moviam através das cortinas, silhuetas caminhavam no escuro, pressionando os nós dos dedos contra a testa, por

frustração e culpa.

Joe escutava atentamente cada história de infortúnio e, apesar da confissão, jamais emitia um julgamento. Eu sei que ele pagava bem, mas não sabia em que se baseava para calcular o valor de um segredo. Perguntei-lhe, certa vez, de onde vinha seu dinheiro, e ele respondeu simplesmente: "Herança", e deixou claro que a conversa estava encerrada.

Certa noite, Elias Fermentado veio da padaria e admitiu que andava misturando a farinha com pedra-ume e giz. Isso valeu quatro shillings. Quando Lily Weaver veio e disse que andava trapaceando seus clientes no tecido, usando medidas menores, ele lhe deu sete. Até mesmo Polly nos fez uma visita, saindo sorratamente da casa de Ratchet certa noite, para admitir que roubava seus talheres. Joe e eu já sabíamos disso. Polly havia empenhado uma faca e um garfo apenas dois dias antes, mas só depois que ela foi embora notamos as iniciais de Jeremiah nas peças. Tive de admirar o descaramento de Polly. Ela sabia que não podíamos colocá-los na vitrine (mas eu teria adorado ver a cara de Jeremiah diante de seus próprios talheres em exibição). Em vez disso, Joe usava-os nas refeições.

Todas as noites, Joe atiçava o fogo e colocava a garrafa de licor e dois cálices sobre a lareira e eu tirava o Livro negro de seu esconderijo e enchia o tinteiro. Então sentávamos e ficávamos à espera, ele em sua poltrona junto ao fogo e eu na minha cadeira, à mesa. Mal se passava uma noite sem que houvesse uma batida na porta quando o relógio da igreja batia doze vezes. Eu fazia a minha parte. Quando os aldeões despejavam suas confissões, eu permanecia sentado à sombra e anotava tudo, palavra por palavra.

Às vezes, era difícil não dar um berro diante do que eu ouvia. De vez em quando, eu furtava um olhar para Joe sentado junto ao fogo, descansando os cotovelos sobre os braços da poltrona. Seus dedos levemente se tocando. O rosto era como uma página em branco, diante do que quer que fosse dito. Muito eventualmente, por uma fração de segundo ele dobrava para trás os dedos indicadores, fazia círculos no ar com as pontas e então os juntava novamente. Em nenhum momento, porém, sua expressão mudava.

ELE É UM ASSASSINO — sibilou o Fermentado mais velho. — Pega seu cutelo, no meio da noite, e vai caçar carne fresca. Carne humana.

— E a coloca nas tortas — acrescentou o irmão do meio, enquanto o terceiro, o mais novo, começava a chorar.

Os três garotos estavam diante da vitrine do açougueiro, olhando-o amolar suas facas. Eles adoravam ouvir o ruído de raspar da lâmina no metal e ver as faíscas que voavam em volta de sua cabeça.

— Se você sabe disso — perguntou trêmulo o mais novo —, por que ele não está na cadeia junto com todos os outros assassinos?

Seus irmãos escarneceram dessa ridícula sugestão.

— Não existe prova, seu burro. Sem prova, não se pode botar um homem na cadeia.

- E a prova está nas tortas — disse o outro. — Quando o assassinato é descoberto, já é tarde demais.

- É, pois ela já foi comida! — guinchou a dupla em unísono.

Quanto a Horatio Cleaver, objeto daquela difamação, assim que viu os três narizes úmidos contra a vidraça, rugiu em sua direção, correu até a porta e agitou violentamente as facas na direção deles.

— Tirem seus narizes sujos do meu p-p-painel — bradou ele.

O trio fugiu correndo, gritando e rindo, tropeçando e escorregando pela colina congelada, os braços agitando-se.

Ludlow e Joe chegaram bem a tempo de ver os Fermentados desaparecerem a distância. Horatio ainda estava parado na porta de sua loja, os punhos cerrados, quando notou os dois. Eles eram uma estranha visão. Joe se destacava numa multidão não apenas por causa de sua altura incomum. Ele caminhava com uma confiança, apesar da coxeadura, que era igualmente irresistível e invejável. Até mesmo as pessoas que tinham passado a vida toda na aldeia não conseguiam transpor com tanta facilidade a encosta congelada. Ludlow permanecia sempre alguns passos atrás, mais baixo do que a altura do cotovelo de Joe, e trotava para poder acompanhá-lo.

Horatio rapidamente deslizou para dentro da loja e foi para trás do balcão. Joe ficou parado alguns momentos olhando a vitrine, observando as mercadorias do açougueiro. Naquele dia, ele tinha em promoção uma variedade de "Xoriso de Porco", "Muélas de Faizão", o melhor "Perniu de Ovelha" e "Couchas de Frango". Horatio não estivera com muita frequência no interior de uma escola.

— Não vou demorar — disse Joe, e entrou, deixando Ludlow do lado de fora, onde ele ficou parado, observando.

Como açougueiro, Horatio Cleaver estava longe de ser o melhor, mas, como era o único que havia na aldeia, as pessoas se viravam com ele. O pai, Stanton Cleaver, era famoso ali e além, por sua habilidade em trincar carne, e era lembrado com saudades por todos os seus fregueses. Ele costumava talhar uma vaca inteira, da cabeça ao rabo, em menos de três minutos, um feito que executava anualmente diante de frenéticos aplausos na feira municipal. Quem podia esquecer a visão de Stanton segurando a Copa do Açougueiro ao som de vivas ensurdecedores, o avental branco manchado de sangue e as mãos tingidas de rosa?

Horatio certamente não podia e, infelizmente, nunca foi capaz de tomar o lugar de seu pai naquele balcão. Ele era lembrado desse fato todos os dias, quando ouvia os suspiros decepcionados de seus fregueses e os "tsc, tsc", quando cortava seus quartos e suas costelas. Mas eles sempre aceitavam seus cortes de carne malfeitos, pois se por um lado recebiam mais do que pediam, por outro certamente pagavam menos do que valia. Horatio nunca fora bom com os números, e a complexa relação entre peso e preço era algo que ele não conseguia muito bem compreender.

E se não eram os fregueses dando-lhe olhares zombeteiros, era o próprio Stanton que fazia isso, pois pintado na parede, atrás do balcão, havia um retrato de corpo inteiro do homem, com uma faca de desossar na mão e um riso de escárnio no rosto para completar. Horatio podia sentir aqueles olhos perfurando sua nuca e ficava nervoso e gaguejava — um legado da época em que trabalhava para o pai. Era, porém, apenas na letra p, e se notava mais quando ficava nervoso ou perdia a paciência.

Stanton não era um homem fácil de se esquecer. Apesar do fato de estar numa sepultura havia quase cinco anos, sua influência permanecia. Horatio acordava tarde da noite, respirando com dificuldade, como se as mãos do mestre açougueiro estivessem em volta de seu pescoço, sufocando-o. Horatio não tivera um aprendizado feliz, e seu pai geralmente era levado à violência por causa das péssimas habilidades do filho como açougueiro.

Horatio começara na loja assim que conseguira alcançar o topo do balcão e, ao longo dos anos, o jovem açougueiro passara a adotar a aparência da carne com a qual trabalhava todos os dias. Aos poucos, tornou-se mais sólido de corpo, tanto quanto um touro, e seus grossos antebraços sem pelo tinham a forma de duas canelas de ovelha. Sua pele era da cor da carne que ficava pendurada, uma espécie de azul cremoso, e de textura semelhante. O rosto era comprido e as narinas rutilavam e os olhos castanhos inspecionavam os arredores com moderado interesse. As pontas de seus dedos eram grossas e rombudas; para um homem que ganhava a vida trabalhando com facas, ele era surpreendentemente descuidado.

Horatio limpou as palmas ensanguentadas no pardacento avental listrado e

saudou Joe com um agradável "Boa tarde" e um sorriso nervoso. Gesticulou com a cabeça na direção das crianças em fuga.

— Eu devia fazer linguça deles — brincou, as lâminas de suas facas reluzindo sob a luz do lampião. Do lado de fora, Ludlow estremeceu diante da visão.

Joe riu educadamente.

- Deixe que eu me apresente — disse ele. — Sou Joe Zabbidou...

- O p-p-penhorista — interrompeu Horatio. Joe respondeu com uma ligeira mesura.

- Você ocupa a velha loja do chapeleiro. Espero que se saia melhor do que Betty P-p-peggotty.

Joe ergueu intrigado a sobrancelha esquerda.

- Ela fazia chapéus — continuou Horatio, soprando suas enormes mãos vermelhas. A temperatura no açougue era só um pouquinho mais alta do que a do lado de fora. — Muito caros, sabe. P-p-plumas de p-p-pavão, p-p-pe-nas de avestruz, flores de seda e esse tipo de coisa. Não fazia meu gosto. Extravagante demais. P-p-para mim, só chapéu comum. — Tocou orgulhosamente no seu boné branco de açougueiro e deixou partículas de cartilagem na pala.

- Entendo.

- Ela não conseguia ganhar dinheiro e foi para a Cidade, dirigir uma cervejaria, creio eu. — Apoiou um pedaço de carne de porco sobre o balcão com a parte de trás da mão e cortou-o distraidamente com uma faca. — Localização errada, sabe. Muito em cima dessa maldita montanha. Hoje em dia, ninguém sobe até ali, a não ser metido dentro de um caixão. Mesmo assim, tem de ser p-p-puxado. São necessários seis cavalos. E o barulho do caixão nos p-p-para-alepípedos! É de acordar os mortos. — Deteve a faca no ar, para rir de sua própria piada.

- As pessoas sobem até a minha loja — disse Joe.

- É, eu soube. Bem, talvez você tenha mais sorte do que ela teve.

- Jeremiah Ratchet não pensa assim.

Horatio cuspiu com desprezo na serragem.

- Não demorou muito para ele meter o bedelho.

- Ele disse que é um homem de negócios.

- P-p-pah! — exclamou Horatio. — Aquele sapo limoso. Seria capaz de apostar que ele fez um ou dois negócios com o diabo. Ele vive nas costas dos p-p-pobres. Empréstimo dinheiro, depois toma tudo que eles têm, quando não conseguem p-p-pagar. Despeja-os de suas casas p-p-por causa de alguns dias de aluguel. Ele vai deixar esta aldeia sem nada. Não admira que ele se desse tão bem com o meu p-p-pai; eram farinha do mesmo saco.

Baixou sua faca com um tremendo estrondo, mandando em espirais para o ar e além do balcão uma enorme costela de porco. Joe agarrou-a com a velocidade de um raio.

Olhou diretamente nos tristes olhos do açougueiro e percebeu que Horatio queria desviar a vista, mas, por algum motivo, não conseguia. Seus ouvidos se encheram com um ruído suave, como o vento por entre as árvores, e sentiu as pernas enfraquecerem. As pontas enfraquecidas de seus dedos pareciam ter criado alfinetes e agulhas.

— Você parece alguém que precisa arrancar algo do peito — disse Joe baixinho. — Vá à minha loja esta noite. Talvez eu possa ajudar.

— Duvido — replicou Horatio lentamente, hipnotizado pelo olhar de Joe.

Joe insistiu.

- Depois da meia-noite, para que ninguém saiba.

- Talvez.

- Excelente — disse Joe, sorrindo largamente e quebrando o encanto. — Até lá, então.

- E a minha costeleta de p-p-porco?

- Vou levá-la para o meu jantar — disse Joe. — Pago depois, quando você for me ver.

O sino da igreja soou meia-noite, quando Horatio apertou o casaco contra o corpo e ergueu o punho diante da porta. A pálida meia-lua observava silenciosamente enquanto sua mente se dividia entre bater ou não bater. Ele não pretendia ir até lá e não entendia mesmo por que estava ali, mas, com a proximidade da meia-noite, seus pés intranquilos o levaram porta a fora e colina acima. De que modo aquele estranho poderia ajudá-lo? Aliás, como aquele estranho soube que ele precisava de ajuda? Lembrou-se de como Joe olhara para ele. Teria sugado os pensamentos de sua cabeça?

Horatio ergueu o punho, mas, antes que pudesse atingir a madeira, Joe abriu a porta.

— Horatio, entre — disse ele calorosamente. — Estávamos à sua espera.

Deixou que o silencioso açougueiro fosse para a sala dos fundos, onde a lareira ardia. Horatio baixou seu robusto corpo sobre a cadeira que lhe foi oferecida e franziu a testa quando ela rangeu de forma alarmante. Joe entregou-lhe um copo do líquido dourado, e ele deu um demorado gole, depois outro. Suas bochechas afoguearam e os olhos brilharam.

- Uma bebida forte — disse ele, e esvaziou o copo.

- Acredito que você tenha um segredo que gostaria de empenhar — instigou Joe.

As sobranceiras de Horatio se encontraram num estranho franzido.

- Como assim?

- É isso o que eu faço — explicou Joe. — Compro segredos.

Horatio refletiu por um curto momento sobre a proposta.

— Então compre isto — disse ele.

Ludlow já estava instalado na mesa, o Livro negro aberto diante dele, e Horatio começou.

A confissão do açougueiro

Meu nome é Horatio Cleaver e tenho uma terrível confissão a fazer.

A culpa tem me levado à beira da loucura. Não consigo dormir. Em vez disso, caminho pelo assoalho até amanhecer, repassando o que fiz várias e várias vezes em minha cabeça. Desejo apenas uma coisa: livrar-me de meu terrível fardo.

Sei que as pessoas me vêem como um idiota, tanto enquanto homem quanto açougueiro. Careço do talento que meu pai, Stanton, possuía e sou o primeiro a admitir isso. Ele era um verdadeiro mestre. Sua habilidade com o cutelo era incomparável, e ele vencida todas as competições de açougueiros da região, por sua velocidade e precisão. Ele era chamado de Stan, o Raio. Para os pagus-parvianos, ele foi o maior herói desde Mick MacMuckfe, o feneiro maneta que, vendado, conseguia ferrar um cavalo.

Para mim, ele era um animal.

Enquanto minha mãe viveu, fui poupado do pior de seus excessos, mas ela morreu ainda jovem, e fui deixado à sua mercê. Ele era um homem matreiro, sabe. Para os aldeões, era um sujeito agradável, sempre disposto a lisonjear as damas e a brincar com os cavaleiros. Longe do balcão, porém, nos fundos da loja fria, ele era um homem diferente. Era um monstro. Ele me batia, todos os dias com qualquer coisa em que conseguisse pôr as mãos: pés de porco, bifês de corte traseiro e até mesmo galinhas ainda não depenadas. Todo o tempo me dizia que eu devia ser agradecido a ele por ter-me ensinado seu ofício.

— Ninguém mais aceitaria você — dizia, e comeci a acreditar nele.

Ficava tão nervoso que cometia mais erros ainda, e ele ficava ainda mais furioso. Ria da minha dicção, mas não me permitia estudar; zombava da minha gagueira, sabendo que isso só a tornava pior. Quanto ao meu trabalho, fazia o melhor possível, mas eu não sou um talhador — fico cheio de dedos, o que restou deles. Como castigo, ou de gozarão, ele me trancava no depósito de gelo até minha mão ficar tão dura que eu não conseguia dobrá-la em volta de uma faca.

Minha vida era uma desgraça. À noite, dormia sobre a serragem atrás do balcão, enquanto ele roncava no andar de cima, diante de uma lareira aconchegante e com um copo de uísque. Queria fugir, mas ele me deixava com tanto medo que eu não conseguia pensar direito. Então eu sofria o açoite verbal e físico, e, intencionalmente, fervia como uma montanha prestes a explodir.

E também havia Jeremiah Ratchet. Meu pai via em Jeremiah uma alma gêmea — ou seja, um glutão com um apetite insaciável por dinheiro —, e os dois ficavam sentados diante da lareira, no andar de cima da loja até altas horas, bebendo cerveja e conhaque, enquanto eu atendia a cada capricho deles.

- P-p-ponha outro, p-p-por favor, Horatio — dizia Jeremiah, me imitando, e os dois caíam numa gargalhada risonante. Ou: — Me lembre, Horatio, qual é o preço da sua carne de ovelha?

- Doze p-p-pennies o p-p-pedaço.

Certo dia, Jeremiah chegou rindo.

- Vejo que tem um novo produto — disse ele, apontando para um cartaz na vitrine, um cartaz que eu escrevera. Para minha vergonha, estava escrito: "Torta de peito de rato - três pense cada".

- Torta de peito de rato? — urrou meu pai, agarrando uma galinha, o rosto castanho-avermelhado de raiva.

Naquela noite, me dei conta de que não me restava mais nada a perder. Chegara a hora de eu reagir. Dizem que vingança é um prato que se come frio. Eu o servi quente e fumegante. Na noite seguinte, como sempre, meu pai fez uma farta refeição com batatas e torta, uma de minhas criações, e Jeremiah o acompanhou, como de costume. Ver aqueles homens à mesa era repulsivo ao extremo. Comeram como se só tivessem algumas horas de vida. Mal um bocado era mastigado e outro já era enfiado na boca. Escoria molho pelos seus queixos, pedaços de crosta de torta pendiam de suas bochechas untuosas, e os guardanapos estavam manchados com comida.

Eu observava, fascinado e enojado ao mesmo tempo, à medida que enfiavam a comida goela abaixo. Pois eles tinham acabado de comer uma torta especial. De carne de rato mesmo!

Na manhã seguinte, acordei com o som de gritos agonizantes vindos do andar de cima. Encontrei meu pai gemendo e se contorcendo na cama. O rosto estava coberto por bolhas cheias de pus, suor escoria da testa e sua respiração era rápida e dolorosa. Ele segurava a barriga e, com frequência, emitia um grito agudo de dor. Chamei o Dr. Mouldered, mas quando ele chegou, ficou claro para todos nós que meu pai estava à beira da morte. Mouldered parecia perplexo.

— Bem, embora eu ache que provavelmente seja um problema no coração, estou um pouco intrigado com essas bolhas. São esquisitas. O sr. Cleaver teria sido mordido por um rato?

Senti meu rosto queimar e o coração disparar. Fosse qual fosse a sua doença, não seria porque um rato mordeu meu pai, mas porque meu pai mordeu um rato. Possivelmente o tal que eu lhe servira na torta, na noite anterior. Ou, talvez tivesse sido outro de meus ingredientes. A receita era simples: se estava morto, entrava; cabelo, pelo, patas, garras e tudo o mais. Entraram um rato moído, dois punhados de besouros de casca grossa, gordas varejeiras e succulentas minhocas roxas, sem esquecer o sapo que encontrei na estrada esmagado pela roda de uma carroça.

Observei meu pai durante um dia e uma noite, e, o tempo todo em que ele gemia de agonia, me repreendi severamente pela minha estupidez. Eu só queria castigá-lo. Não queria que ele morresse.

Mas ele morreu.

Exalou o último suspiro enquanto eu o vigiava. E o que senti? Tudo: remorso, culpa, raiva... e alívio. Fechei seus olhos, cobri-o e fui atrás do Dr. Mouldered.

— Ataque cardíaco — disse ele, enfadado, sem mesmo abrir sua maleta, e foi embora quase que imediatamente.

É claro que os aldeões prantearam seu falecimento.

- O que faremos sem Stanton? — beravam. — Quem nas representará nas competições municipais?

- Eu poderia tentar — disse certa vez, e eles me olharam como se eu fosse um pedaço de cartilagem numa torta barata.

Bem, com o meu pai morto, minha vida deveria ter mudado para melhor. Mas eu não imaginava que a culpa me consumiria, nem em Jeremiah Ratchet.

Poucos dias depois, ele me fez uma visita. Eu não o via desde a noite da refeição fatal. Ele estava tão branco quanto uma folha faminta de sol, e os olhos injetados tinham afundado em sua carne ressecada.

— Tenho contas a ajustar com você — disse ele rispidamente. Estendeu a mão, e lá estava, em sua palma, um pequenino, mas inconfundível polegar de rato. — Encontrei-o entre meus dentes. Depois daquela torta que você nos serviu, a tal que me deixou tão guinchante quanto um porco nos últimos três dias. A mesma torta que matou seu pai. Vejo que o enterrou muito rapidamente.

Meu coração gelou no peito, mas consegui gaguejar:

— Sr. Ratchet, o que está dizendo? Se a torta tivesse matado meu p-p-pai, então como é que você estaria vivo e bem?

Ratchet estreitou os olhos.

— Obviamente, não comi o resto do rato envenenado.

Ele se curvou sobre o balcão para que eu pudesse senti-lo cheiro de seu bafo azedo.

— Vou ficar de olho em você — disse ele.

E foi embora, mas não sem antes se servir de alguns ótimos bifês e uma peça de carne de carneiro, ignorando completamente as tortas. E porque eu não o impedi, Jeremiah soube que estava com a razão.

Que cruel e imprevisível é o destino: matou um, mas deixou o outro para me torturar, Ratchet vai lá todas as semanas e apanha o que quer: um ou dois gansos, um faisão, uma peça de carne. Por quanto tempo isso o satisfará? O que acontecerá comigo, se ele contar? Sei que o que fiz foi errado, mas preciso sofrer o resto de minha vida por causa disso? Não há alívio dessa agonia?

Não sou um homem sem consciência, sinto-me profundamente envergonhado do que fiz, mas não sei quanto tempo mais conseguirei suportar essa tortura. Não tenho dormido à noite desde que meu pai foi enterrado.

Ludlow pousou a pena, colocou uma folha de mata-borrão entre as páginas e fechou o livro.

— Eu posso lhe dar um alívio — disse Joe, e olhou nos olhos perturbados de Horatio. — Seu segredo agora está a salvo no livro, eu lhe juro.

Horatio deu um suspiro profundo e as rugas em sua testa foram desaparecendo lentamente. Seus olhos se iluminaram e ele bocejou.

— Já me sinto melhor. — Levantou-se, mas hesitou em apanhar as moedas que Joe lhe ofereceu, uma quantia substancial. — Sr. Zabbidou, sinto que sou eu quem deveria lhe pagar!

Joe sacudiu a cabeça.

- De modo algum, sr. Cleaver. É uma troca justa.

- Está bem — disse Horatio, e dirigiu-se à porta, onde parou por um momento.

— Jurei que nunca mais assaria uma torta com um roedor, mas não posso negar que há dias em que me sinto tentado. Toda vez que Jeremiah Ratchet aparece, andando pelo açougue como se fosse o dono, ostentando suas roupas alinhadas e cheirando como uma perfumaria, não me importaria em lhe servir uma mais especial.

— Chegará o dia em que não terá de sofrer mais — disse Joe. — Ratchet receberá o que merece. Apenas seja paciente.

Joe acompanhou Horatio até a porta e Ludlow ficou sentado à mesa em silêncio. A história de Horatio lhe lembrara coisas que ele gostaria de esquecer. Ludlow sabia o que era ter um pai violento. Que má sorte a de Horatio ter nascido daquele homem. Mas isso significava que, desde o berço, ele estava destinado a matá-lo?

Joe observou Horatio seguir o caminho de volta ao açougue. Esperou até vê-lo entrar na loja e as luzes se acenderem no andar de cima. Sorriu. Horatio ia dormir naquela noite. Mas havia outros que não conseguiriam.

Capítulo 19
Uma noite perturbada

ENQUANTO JOE OUVIA AS lamúrias dos aldeões, a meio caminho colina abaixo Jeremiah Ratchet permanecia acordado, deitado em sua cama. Antes da chegada de Joe, era raro ver luz acesa na casa de Jeremiah depois da meia-noite. Um homem sem consciência geralmente dorme profundamente e Jeremiah roncava hora após hora (mantendo Polly acordada em seu quarto no sótão), todo feliz, ditosamente sereno quanto ao fato de que ele era a principal causa de insônia em Pagus Parvus.

Agora Jeremiah passava as noites debatendo-se e virando-se na cama. Chamava por Polly nas horas mais atroz, pedindo leite morno ou um livro para ler ou novas brasas para o seu aquecedor de cama. Nada, porém, funcionava. O sono não vinha.

Jeremiah Ratchet morava bem no meio da rua, numa casa que tinha cinco vezes o tamanho das que alugava para seus infelizes inquilinos. Ele passara muitos anos enchendo-a com todos os tipos de tesouros, entretanto, no fim das contas, o efeito era semelhante ao de suas roupas: berrantes e difíceis de se ignorar, não eram uma visão agradável. A casa tinha sete dormitórios (embora ele nunca recebesse um convidado para pernoitar), uma maravilhosa sala de jantar servida por uma enorme cozinha (na maioria das noites, ele comia sozinho) e um quarto para cinco criados, no sótão (sua mesquinharía inata deixava-o manter apenas dois: Polly e um garoto que cuidava de seus cavalos, mas este dormia no palheiro).

Jeremiah tinha grande prazer em vagar pelos corredores bolorentos, sombrios, com as mãos presunçosamente unidas atrás das costas. Contemplava os quadros na lateral da escada: sete gerações de Ratchet observando-o com olhos frios e lábios contraídos. Admirava o brilho de sua prataria e deleitava-se na luxúria dos tapetes importados — feitos a mão por tecelões do deserto africano. Às vezes, quando enfiava os dedos na pilha, imaginava que podia sentir os grãos de areia sob as unhas. Aliás, não era imaginação. A limpeza de Polly deixava muito a desejar.

Mas tudo isso foi antes de Joe Zabbidou chegar.

Joe havia deixado Jeremiah aturdido desde aquela primeira manhã. Embora, desde então, não tivesse subido até a loja, muito menos à luz do dia, Ratchet sabia o que havia na vitrine. Polly fora instruída a fazer visitas regulares — mas sem entrar na loja — para lhe descrever, com todos os detalhes, o que estava exposto.

— Penicos rachados e botas velhas! — exclamou Jeremiah. — Como alguém pode ganhar a vida dessa maneira? Ele deve ser um idiota!

Por gerações, a família Ratchet, em Pagus Parvus, lucrara com os pobres infelizes da aldeia. Por meios escusos, força e dissimulação herdada, Jeremiah continuara a tradição. Obtivera a propriedade de cabanas e terras as quais alugava aos aldeões a preços que só podiam ser descritos como criminosos. Periodicamente, ele os despejava, para lhes mostrar que era durão, então deixava que voltassem, mediante um acordo de que lhe deviam ainda mais aluguéis. Obadiah não foi o único que caiu na besteira de ficar seu devedor, e era desse modo que a fortuna de Jeremiah crescia.

No seu entender, isso se devia à sua habilidade como homem de negócios. Claro que era fácil ser um homem de negócios habilidoso quando não havia competição, mas Jeremiah começava a se dar conta de que Joe poderia ser o rival que ele nunca tivera. Infelizmente para Jeremiah, ele não era dono da loja de Joe, um fato que lhe causava enorme irritação. O que o amargurava ainda mais do que isso era a aparente riqueza de Joe. Ele se convencera de que era o dinheiro de Joe que lhe proporcionava seu status elevado, principalmente por ser tão generoso, e de que isso não poderia durar. Duas semanas após o penhorista ter aberto sua loja, Jeremiah ficou surpreso em descobrir que Joe continuava fazendo negócios, e, a julgar pelo número de pessoas que passava pela casa de Jeremiah a caminho do topo da colina, o comércio insensato que Joe fazia com penicos e botas velhas, estava prosperando.

Jeremiah ficou ainda mais aborrecido quando Obadiah Strang alcançou-o na rua, com uma estranha expressão no rosto.

- Muito bem, Obadiah — disse Jeremiah com impaciência —, espero que não tente atrasar novamente o aluguel desta semana. Já lhe disse...

- Aqui, tome isto — disse Obadiah triunfantemente. — Enfiou um saco de couro em direção a Jeremiah, que, curioso, o abriu. Estava cheio de moedas.

- Está tudo aí — disse Obadiah. — Minha dívida está paga.

O coveiro foi embora com a cabeça erguida, enquanto Jeremiah, boquiaberto, permanecia debaixo da neve. Quando os transeuntes começaram a rir com escárnio, ele se virou e correu para casa. Polly saiu da cozinha e se encontrou com ele na entrada.

— Alguém lhe deixou isto — disse ela. Polly segurava a pá de madeira. Jeremiah bufou, empurrou-a para passar e foi para o gabinete. Bateu a porta com tanta força que as janelas chocalharam.

Obadiah não era o único a, subitamente, ter faturado uma pequena fortuna. Pelo menos três outros devedores haviam pago suas dívidas. "Onde estão conseguindo isso?", perguntou Jeremiah a si mesmo, e a única resposta que pôde encontrar foi Joe Zabbidou. Agora a calma de Jeremiah estava quase toda perdida, e Polly e o cavaliço teriam de aguentar as consequências. Ele nunca imaginara que alguém conseguisse pagar suas dívidas. Se os negócios continuassem desse modo, Jeremiah teria de encontrar outros modos de

ganhar dinheiro.

Recentemente, ele ouvira dizer que a venda de dentes, tanto falsos quanto verdadeiros, estava dando lucro. Ironicamente, os ricos sofriam mais do que os pobres com podridão nos dentes. Sem dúvida, a culpa era de sua dieta mais doce, mais exótica, diferente da alimentação ordinária de seus conterrâneos mais pobres. Damas e cavalheiros abastados pagavam generosamente por um conjunto de dentes de verdade para preencher seus espaços vazios, no mínimo porque era um sinal óbvio de riqueza. Jeremiah ficava imaginando se poderia tirar vantagem dessa oportunidade de negócio. Na última vez que esteve na Dedo Ágil, ouvira menção sobre um certo Barton Gumbroot, que sabia mais sobre este tipo de negócio. Precisava lembrar de se encontrar com ele da próxima vez que fosse à Cidade.

Por enquanto, ele teria de lidar com o penhorista. Sempre que pensava em Joe, aquele varapau cujo cabelo desafiava uma descrição, podia sentir os dentes se cerrarem e uma dor de cabeça começando na base do pescoço. Quanto ao garoto, seu criado magricela de pernas curtas que ia com ele a toda parte, parecia um diabinho ardiloso. Usava lenço no pescoço e luvas que pareciam suspeitosamente com os seus, os tais que Jeremiah estava certo de que tinham sido roubados pelo cocheiro. E aqueles enormes olhos escuros, Jeremiah nem uma só vez conseguira sustentar o olhar de Ludlow. Sempre tinha de desviar o olhar.

Desde o primeiro encontro que tiveram, uma rastejante sensação de insatisfação infiltrara-se nas veias de Jeremiah. Agora, quando ele andava pelas ruas, os aldeões olhavam-no de banda, e isso o enervava. Seus ouvidos se enchiam com os sons das risadas, embora as caras à sua volta estivessem fechadas. Houvera uma mudança na aldeia. Estava no próprio ar que se respirava. Podia sentir nos ossos, e isso o deixava arrepiado. E sabia que isso tinha algo a ver com o penhorista.

Não demorou muito para Jeremiah perceber os visitantes noturnos de Joe. Mas o que significava aquilo? Acordado no meio da noite, Jeremiah agitava-se e rolava na cama importada de quatro colunas. O menor ruído parecia se multiplicar por dez, enquanto ele ouvia as passadas debaixo de sua janela. Tentou ignorá-las, enterrando o rosto no colchão, mas não conseguiu aguentar o cheiro de seu próprio bafo e teve de erguer a cabeça para respirar. Sentou-se e franziu a testa e falou sozinho e tamborilou os dedos na colcha até ouvir o suave triturar de neve na calçada lá fora. Então levantou-se com um salto da cama e correu para a janela. Pôde ver as figuras escuras subindo para a loja de Joe, mas não conseguiu distinguir quem eram. Fosse o que fosse o que estivessem planejando, isso só podia significar mais problemas para ele. Metido em sua camisola, Jeremiah sacudiu na direção deles o punho fechado e pisoteou furiosamente o chão.

— Esse homem precisa ser detido — berrou para dentro da noite.

SE JOE ERA UMA FONTE de interesse para os aldeões, então eu era igualmente uma fonte de interesse para os mais jovens — isto é, Polly e os Fermentados. Eu não tivera amigos antes, e de onde vim as pessoas só eram laias ao dinheiro. Mas os Fermentados não eram assim. Eram uma boa companhia e me faziam rir, e eu gostava deles. Exceto, talvez, pelo mais velho. Sempre tinha a sensação de que não podia confiar completamente nele. Você nunca sabia realmente o que ele pensava.

Polly, entretanto, era menos interessada em Saluki e mais interessada nas histórias do meu passado. "Me fale sobre a Cidade", insistia. "Quero saber de tudo."

Então eu lhe contei: sobre a escuridão, as ruas apertadas com as casas tão próximas que o sol nunca conseguia atravessar; sobre as calçadas rachadas entulhadas de comida podre, animais mortos, cachorros e ratos putrefatos; sobre as poças de água fedorenta e os enxames de moscas que pairavam em nuvens sobre a superfície. Contei-lhe sobre as pessoas, sentadas na sarjeta implorando por dinheiro para irem às tavernas, ou deitadas bêbadas, já expulsas das mesmas; e lhe contei sobre o insuportável frio do inverno, quando gente e animais morriam e congelavam ali mesmo onde se encontravam.

Através de tudo isso corria o rio Fedus, suas águas lentas e espessas como sopa. Meu Deus, como ele fazia jus ao nome; seu inexorável fedor pendia sobre a Cidade como uma mortalha. Ele não era confiável. Eu já o tinha visto estremecer, para sacudir navios amarrados aos molhes, fazendo com que balançassem violentamente de costado a costado, os protestos rangentes e bufantes das naves misturando-se com os gritos amedrontados dos remadores e passageiros das pequenas embarcações que atravessavam suas margens largas. Todos temiam suas águas turvas. Conheciam-se poucos que haviam sobrevivido a tal nocivo mergulho. E uma vez que conseguiam, o Fedus não abria mão facilmente de suas vítimas. Ele as arrastava para o fundo e sugava suas vidas, antes de vomitá-las dias depois, os olhos esbugalhados e inchados de gases letais, prestes a explodir.

O Fedus dividia a Cidade ao meio e separava as pessoas em duas. Os ricos viviam na margem norte; os pobres, na sul. Apenas uma ponte estendia-se sobre suas margens. Talvez outrora tivesse tido um nome, mas agora era conhecida simplesmente como a ponte. De cada lado, era enfileirada de tavernas, estalagens e albergues da espécie mais abjeta, e, nesses escuros e esfumaçados antros de vício, todos os homens, fossem do norte ou do sul, eram iguais: brigavam, jogavam, bebiam, matavam. Eu também estive na Estalagem

do Dedo Ágil, a tão adorada taverna de Jeremiah Ratchet e de Ma e Pa. Numa cidade cuja força vital é o crime, também há o castigo para represar seu fluxo. É um vento doentio que não sopra nada de bom e, embora deteste admitir isso agora, eu vivia no bem-bom por causa dos delitos dos outros, principalmente numa quarta-feira, dia de enforcamento no Canto do Patíbulo. Um enforcamento era tão bom quanto um feriado. As multidões desfrutavam o espetáculo quase tanto quanto o pobre coitado no patíbulo o detestava. O prisioneiro chegava na parte de trás de uma carroça, após ter sido retirado da Prisão do Portão de Ferro e conduzido pela Viela da Melancolia até a forca. Ele começava a viagem num estado lamentável, mas, ao final, estava completamente arrasado. Era comum os espectadores arremessarem contra a carroça, à sua passagem, o que lhes viesse nas mãos: frutas e legumes podres da sarjeta e, de vez em quando, um gato morto. Eu nunca joguei nem mesmo uma casca de batata contra qualquer um desses pobres-diabos. Quem poderia dizer se não seria eu na semana seguinte?

A multidão vibrava enquanto o criminoso era levado escada acima e o laço era colocado em volta do pescoço dele (ou, não tão frequentemente, dela). Agora eu virava de costas, pois era o principal momento para se bater uma carteira. Enquanto todos fixavam a vista na cena horrível que se desenrolava diante deles, eu agia no meio da multidão, pegando tudo em que conseguisse colocar as mãos. Ouvia o alçapão se abrir e a trave ranger com a queda do peso. E, enquanto a multidão rugia, eu saía sorratamente, antes que alguém percebesse que sua bolsa havia sumido.

Polly escutou avidamente cada palavra. "Um dia, ainda irei lá", disse ela, os olhos brilhando. E não importava o que eu dissesse, não conseguia convencê-la do contrário.

Embora eu tivesse dito muitas coisas para Polly, não lhe falei sobre Ma e Pa. Não lhe contei como me roubaram e me surraram ou por que realmente deixei a Cidade. E nem uma só vez eu lhe disse o que tinham tentado fazer comigo e como isso retornava todas as noites em meus sonhos. Era sempre o rosto de meu pai assomando acima do meu e suas mãos em volta do meu pescoço, ou seriam as minhas em volta do dele?

Nunca perdooarei Ma e Pa pelo que fizeram, mas também me sentia agradecido a eles. Batedores de carteira, não importava sua idade, eram tratados severamente pelos tribunais. Se Ma e Pa não tivessem me afugentado da Cidade, sei que, mais cedo ou mais tarde, o laço estaria em volta do meu pescoço, e meu corpo sem vida penderia daquela forca.

Capítulo 21
Stirling Oliphaunt

COM o PASSAR DOS dias, mais e mais aldeões se beneficiavam não apenas dos generosos pagamentos de Joe pelos seus objetos empenhados, mas também de seu comércio à meia-noite. Embora eles não comentassem sua boa sorte, era óbvio que havia algo em ação. Sem dúvida, Joe era o sopro de ar fresco que a aldeia vinha precisando há muito, muito tempo. O lugar de alguma forma parecia mais radiante, como se as próprias edificações tivessem soltado um imenso suspiro de alívio e se recostado para permitir que a luz penetrasse. Certa manhã, a rua inteira parou quando as nuvens se abriram por um ou dois minutos e avistou-se o céu azul entre elas.

— É um milagre — declarou Ruby Fermentado. É claro que as nuvens voltaram a se fechar e o céu azul sumiu, mas foi o bastante saber que ele existia.

Se foi ou não um milagre, a única pessoa da aldeia realmente com capacidade para fazer tal afirmação ainda estava na cama e perdera o histórico acontecimento.

O reverendo Stirling Oliphaunt.

Durante vinte anos, Stirling Oliphaunt se olhara no espelho todas as manhãs (normalmente não muito distante do meio-dia) e se felicitara pela sua transferência para Pagus Parvus. Um homem de sua classe não poderia ter pedido um trabalho melhor — sua classe, no caso, a de um relaxado camponês preguiçoso cuja crença num poder mais alto lhe proporcionara uma vida de moleza. Quando chegara à aldeia, duas décadas atrás, ele havia parado no portão da igreja e lançado um olhar ávido e carrancudo colina abaixo.

Era aquilo que estava esperando, pensou ele. Aquela ladeira devia ter uns quarenta graus, se não mais.

Naqueles dias, os aldeões eram um pouco mais inclinados a ouvir a palavra do Senhor, por isso, por quase oito meses, para sua grande decepção, Stirling foi obrigado a fazer um sermão todo domingo. Sua inconfundível monotonia e a natureza repetitiva de seu assunto (o diabo, o lado negro, inferno, fogo, enxofre e todos os temas relacionados) asseguraram que sua oratória fosse dirigida a uma plateia cada vez mais minguante. Finalmente, como era seu desejo, esta minguou para nada. Daí em diante, Stirling passava seus dias serenamente, desfrutando requintados vinhos e boa comida à custa da igreja e, em geral, fazendo o que queria, que era muito pouco. Ainda acreditava em Deus. Tinha de existir um, pois de que outra maneira um homem poderia ser abençoado com tal boa sorte?

Agora Stirling sentia-se mais do que um pouco desconcertado pelos

acontecimentos das últimas semanas. De sua elevada posição no topo da colina, ele não deixara de notar o aumento no tráfego de pedestres. A princípio, pensou que talvez os aldeões estivessem vindo procurá-lo, na espera de algum tipo de serviço religioso, e deu um suspiro de alívio quando se deu conta de que era Joe Zabbidou quem os atraía.

Stirling se acostumara a uma vida de moleza com poucas interrupções e certamente nenhuma exigência de seus paroquianos. Quando Jeremiah o havia procurado com o plano de roubo de cadáveres, ele não viu nenhum motivo para ficar em seu caminho e foi generosamente recompensado com presentes da adega de vinhos de Jeremiah. Isso poderia não parecer típico de Jeremiah, até se levar em conta que ele bebia a maior parte de suas doações, quando ia visitar Stirling às quintas-feiras.

Stirling tinha visto Joe Zabbidou e seu jovem assistente naquela primeira manhã, no cemitério, mas não se sentiu inclinado a dar formalmente as boas-vindas aos novos integrantes de sua congregação. Mais tarde, Polly, que todos os dias ia lá em cima para cozinhar e fazer limpeza, através de um acordo com Jeremiah, disse-lhe que a loja de chapéus tinha um novo dono.

- Um chapeleiro? — perguntou o reverendo.

- Não, um penhorista.

- Um penhorista?

Polly não respondeu. Stirling tinha a tendência a transformar afirmações em indagações — isso ajudava enormemente quando não se tinha qualquer resposta.

Ele desenvolvera o hábito em uma paróquia anterior, onde os habitantes locais eram um bando inquisitorial que adorava o intenso debate teológico e estava resolvido a fazer com que Stirling também gostasse.

— Um penhorista? — repetiu. Refletiu brevemente sobre como isso poderia afetar sua posição na aldeia e concluiu que não o afetaria de modo algum. Aliás, não achava que a chegada de Joe pudesse afetar alguém. Ficou surpreso, portanto, com o nível de animosidade que Jeremiah Ratchet sentia em relação ao recém-chegado.

Corria o fim da tarde e o reverendo cochilava numa poltrona, quando foi trazido rapidamente de volta à vigília por uma tremenda batida na porta. Polly estava lá para abrir, mas foi afastada do caminho com uma cotovelada, quando Jeremiah passou por ela a passos largos em direção à sala de estar.

- Jeremiah — disse Stirling. — Um prazer, certamente. Mas já é quinta-feira?

- É terça-feira, mas tenho um assunto importante para discutir com você.

- É sobre Obadiah e os cadáveres?

- Que Obadiah que nada. É o maldito penhorista.

Stirling aprumou-se.

- O sr. Sobbi... seja lá qual for seu nome? Não é um sujeito inofensivo?

- Inofensivo! — vociferou Jeremiah. — Inofensivo! O homem é o diabo encarnado.

Exausto pela explosão e pela viagem colina acima, Jeremiah desabou na poltrona diante da do reverendo. Polly trouxe-lhe uma bebida, completou a de Stirling e deu o fora. Não era uma boa ficar no mesmo aposento com aquela dupla. Ela preferia ficar ouvindo do outro lado da porta.

Jeremiah terminou seu cálice com uma só golada. Foi até a mesa, pegou o decantador de vinho e colocou-o a seu lado, no chão, perto da lareira.

- Stirling — anunciou ele —, esse penhorista é péssimo para os negócios. Em particular, para os meus negócios. Ele encheu sua vitrine com a maior coleção de lixo que já se viu e, não apenas isso, ele tem pago por essas porcarias.

- Como isso pode ser um problema? — Stirling tentava parecer interessado, mas estava com um princípio de dor de cabeça e foi dominado pela necessidade de bocejar.

- O que ele paga é tão em desacordo com o verdadeiro valor das cauções que eu receio que, em breve, todos os aldeões conseguirão pagar suas dívidas.

- Entendo — disse Stirling.

- E, se as pessoas não ficarem me devendo, como ganharei dinheiro? — continuou Jeremiah, e, para enfatizar bem a sua questão, inclinou-se para a frente e, com seu gordo dedo indicador, deu uma cutucada em Stirling. — Você tem de fazer alguma coisa. Meu sustento depende disso.

Agora Stirling estava desperto.

- Eu? Fazer alguma coisa? O que eu posso fazer?

- Precisa convencer esses caipiras de que Joe Zabbidou é o germe do demônio.

- Verme do demônio? Mas isso é verdade? — Nunca antes Stirling pensara que tivesse de lidar com um verme do demônio.

- Germe, verme — disse Jeremiah com intensa irritação. — A verdade não tem nada a ver com isso. Isso é negócio. As pessoas não devem mais lidar com ele, sob pena de morte.

- Não sei, não — disse Stirling cautelosamente.

- Apenas faça isso — disparou Jeremiah.

Capítulo 22
Stirling toma uma posição

- BOA GENTE DE PAGUS Parvus — começou Stirling —, insisto que me ouvam. "Ouvam?", pensou, subitamente em pânico. "Isso está certo? Não importa, vai servir. Não há ninguém por aqui que seja um especialista nas complexidades da linguagem." Sua voz vacilava e suas mãos tremiam. Desejou ter tomado uma segunda dose de uísque para acalmar os nervos. Já haviam se passado anos desde que se dirigira a uma multidão e, certamente, nunca em circunstâncias tão constrangedoras. Nevava levemente e ele estava em cima de uma caixa no meio da rua principal, bem à frente da casa de Jeremiah. Ele achou que seria um bom local. Pigarreu e aumentou a voz.

— Pois agora lhes digo que, durante a noite, fui visitado por um anjo.

Até esse momento, sua plateia consistia em três mortais, a saber, os meninos Fermentados, armados e a postos com bolas de neve. Todos os demais, assim que perceberam quem era, tinham caminhado em sua volta e ido embora, tanto que seu pódio já estava marcado por um anel de pegadas na neve pisoteada. Somente quando ele pronunciou a palavra "anjo" as pessoas pararam para escutar. Essas criaturas celestiais tinham um forte apelo para suas ávidas imaginações. Em pouco tempo havia uma pequena multidão reunida diante dele, seus rostos com narizes vermelhos olhando-o à espera.

- Um anjo? — perguntou um deles.

- Sim, um anjo.

- Tem certeza disso, Stirling? — gritou Horatio. — Talvez tenha sido uma visita saída da garrafa. Vinho do Porto demais pode ter esse efeito.

O reverendo enrubesceu e prosseguiu.

- Um grande anjo desceu das nuvens e me acordou em minha cama.

- E o que disse esse anjo? — zombou Horatio, sem fazer qualquer esforço para ocultar sua descrença.

- Ele disse: "Stirling, você precisa dizer para as pessoas de Pagus Parvus que tomem cuidado, pois o demônio está entre vocês e ele os engana com seus ardis e ganância torpes."

- Ardis e ganância torpes? — gargalhou Elias Fermentado. — Que língua ele fala? Esse anjo é estrangeiro?

— Dinheiro — disse Stirling impacientemente. — O demônio está entre nós e nos seduz com seu dinheiro.

— Só existe um demônio nesta cidade e não vemos o seu dinheiro — disse Job Wright, o ferreiro, e apontou para a casa de Jeremiah. No mesmo instante, uma cortina no andar de cima se contraiu e Stirling ficou imaginando se não deveria ter ido um pouco mais para cima da colina.

— Não é o sr. Ratchet — ciciou ele, e então ergueu a voz —, mas Joe Zabbidou, o Penhorista do Demônio.

Ele disse isso com grande compaixão, ao mesmo tempo que sacudia o punho fechado em direção ao céu. Houve arquejos por toda a parte, e Stirling se deu conta de que finalmente tinha obtido a atenção total de todos. Sem querer perder essa vantagem, ele se apressou em prosseguir.

— Joe Zabbidou chegou até nós sem avisar, surgindo do nada, durante a noite, para atrair todos vocês à sua loja com mercadorias luxuosas.

Ludlow, que observava tudo da porta de Horatio, ergueu as sobrancelhas.

— Mercadorias luxuosas? Um penico rachado? Essa não.

- O que ele pretende fazer com a gente? — perguntou Lily Weaver.

- O que ele pretende fazer com a gente? — repetiu Stirling, por força do hábito,

Ele não antecipara essa pergunta, quando preparou o seu discurso. Não achava que pudesse ser desafiado. Não se lembrava de tal coisa, quando falava na igreja; também, nessa época, a maioria das pessoas ficava dormindo.

O silêncio era ensurdecedor.

— Ah, bem, deixe-me ver, ah, sim, assim que seduzir vocês, ele os atrairá para o seu lado, o lado negro.

Infelizmente para Stirling, foi aí que ele perdeu seu tênue domínio sobre a multidão. Os pagus-parvianos não consideravam o lado negro ameaçador, de modo algum. Não tinham esquecido aqueles longos sermões de domingo de anos atrás, quando o reverendo os entediava até quase a morte com esse mesmo assunto. Eles começaram a arrastar os pés, conversar com o vizinho ou simplesmente ir embora. Desesperadamente, Stirling tentou recapturar o momento. Jeremiah lhe prometera uma caixa do melhor vinho do Porto.

- Se vocês forem para o lado negro, ficarão perdidos para sempre e queimarão nas fogueiras do inferno.

- Pelo menos estaremos aquecidos — gritou Obadiah, e a multidão caiu na gargalhada.

- Não brinquem com o demônio — alertou Stirling, numa tentativa final de manter o controle sobre eles. — Nunca se sabe quando ele está ouvindo.

- Um momento, reverendo — disse Ruby Fermentado. — Aí vem a besta em pessoa. Por que não perguntamos a ele sobre esse tal de lado negro?

De fato, Joe se aproximava com seu habitual caminhar vistoso. Ele tinha o equilíbrio de um bode montanhês. Naquele momento, uma ou duas pessoas ficaram imaginando se seus sapatos não escondiam realmente pés fendidos.

— Bom dia a todos — cumprimentou e sorriu. — Será que ouvi alguém mencionar o meu nome?

Embora Stirling não tivesse sido levado a sério, parecia uma coincidência um tanto quanto curiosa para alguns o fato de Joe ter surgido naquele momento

em particular.

— Ei, escute isso, sr. Zabbiduf — disse o mais novo dos Fermentados, diante da multidão. — Stirling diz que você é o demônio que veio aqui pra mandar a gente queimar no inferno.

Stirling protestou imediatamente. Nunca fora sua intenção confrontar Belzebu de fato, mas meramente caluniá-lo em sua ausência.

- Eu não disse isso — apressou-se em negar. — Mentir é pecado, menino.

- Ele disse, sim — disse Elias Fermentado para Joe. — E disse que você ia nos atrair com seus truques e ardis.

Joe sorriu.

— Eu não tenho truques. Vocês sabem o que eu sou, um penhorista. Alguma vez pretendi agir de outra maneira? Quanto a ardis, vocês são bem-vindos para irem procurar por eles. Quem sabe não estão na vitrine?

Com isso, todos caíram numa tremenda gargalhada. Stirling fechou a cara, apanhou sua caixa e saiu de fininho.

O DESEMPENHO DE STIRLING NA rua foi o assunto dos aldeões durante três dias inteiros. No que lhes dizia respeito, a humilhação do reverendo foi apenas mais uma derrota para o sr. Ratchet (que observara toda a cena de sua janela, mal escondido atrás da cortina) e outra vitória para o sr. Zabbidou. É possível que as linhas de batalha tenham sido traçadas na neve.

Sem qualquer dúvida, Pagus Parvus dera calorosas boas-vindas a Joe. Isso podia ser medido quase desde o momento em que ele desafiou Jeremiah Ratchet. Esse entusiasmo inicial não diminuiria — pelo contrário, aumentara imensamente. Agora, bastava avistá-lo, e os aldeões se comportavam como se ele fosse da realeza. Juro pelo meu malvado Pa que presenciei mais de uma vez algum sujeito se ajoelhar diante dele. Pobre Joe, não podia ir de uma extremidade à outra da rua sem ser parado dezenas de vezes por pessoas bem-intencionadas que perguntavam sobre sua saúde e seus negócios e ate mesmo sobre Saluki. Joe era sempre educado. Sua recepção era invariavelmente calorosa e amigável, mas eu podia perceber que essa adulação começava a incomodá-lo.

— Não vim aqui para ser venerado — murmurava.

Enquanto eu permanecia deitado longas horas insone, a mesma pergunta percorria minha mente: "O que você veio fazer aqui?" Eu sabia agora que as coisas não eram, e não podiam ser, tão simples quanto pareciam. Um homem chega do nada a uma aldeia isolada e dá dinheiro, de uma fonte inesgotável, em troca de objetos sem valor e de segredos. Isso não fazia sentido para mim, mas sempre que tentava perguntar a Joe sobre seu passado, ele me falava sobre outra coisa.

Eu imaginava se a aversão de Joe a toda atenção não seria modéstia e não ligava muito para seu constrangimento. Enquanto ele tentava evitar as luzes da ribalta, eu me banhava no reflexo de sua glória. Quando eu andava pelas ruas da Cidade, não era ninguém; em Pagus Parvus, era príncipe do rei Joe. Claro que Joe era o único com quem eles queriam falar, era sua mão que queriam apertar, mas também falavam comigo, no mínimo para dar bom dia. Isso me fazia sorrir. Se tivessem até mesmo me visto na Cidade, eles atravessariam para o outro lado da rua.

Talvez o fato de a aldeia ser tão isolada fosse o que fazia Joe (e eu) ainda mais especial. Mas, especial ou não, eu tinha a sensação de que, enquanto Jeremiah Ratchet estivesse em Pagus Parvus, isso não seria o bastante.

Nossos dias eram sempre ocupados. Eu tinha minhas tarefas para fazer e Joe tinha as suas, mas nunca nos apressávamos. Estar na loja às vezes parecia

como estar em um outro mundo, onde tudo acontecia na metade da velocidade. Nunca vi Joe fazer um movimento apressado; não havia urgência em sua vida, mas, por tudo isso, era difícil eu me livrar da sensação de que estávamos esperando que algo acontecesse.

No fim da tarde, quando tudo ficava mais calmo, Polly e os Fermentados já tinham vindo e ido, nós dois nos sentávamos junto ao fogo e desfrutávamos o calor e o conforto que ele proporcionava. Em tais ocasiões, eu não conseguia imaginar voltar algum dia à Cidade.

- Nunca voltarei — disse a Joe, certa noite.

- Nunca diga nunca — rebateu Joe rapidamente. — Todas as coisas mudam. Certamente minha sorte havia mudado. No meu entender, Joe era o pai que sempre desejei. Eu tinha roupas novas, que ele me dera. Quanto aos meus trapos, nós dois adoramos vê-los queimar na lareira. Pelo menos uma vez a cada duas semanas eu relaxava diante do fogo em uma enorme banheira cheia de água quente até a beirada, e todos os dias tínhamos duas refeições decentes. Os pagus-parvianos eram muito hospitaleiros e não se passava um dia sem que um pacote com algum tipo de comida fosse deixado no batente da porta: coelhos, pombos, pardais (uma iguaria naquelas bandas, maravilhosamente recheados com cebola e alho) e, de vez em quando, uma galinha inteira do açougueiro.

— Subornos — ria Joe. — Eles acham que me alimentando me farão mudar de ideia. — Ele não mudava, mas continuava levando as carnes para a panela.

À medida que as duras lembranças de minha vida anterior desapareciam, minha mente passava a me pregar estranhas peças. Comecei a me preocupar com o fato de a vida estar boa demais. Claro que um garoto como eu, com o meu passado e os crimes que cometi, merecia castigo e não uma recompensa. Joe tentou me tranquilizar.

- É muito comum pensar assim — disse ele —, sentir-se indigno de uma boa sorte, mas já esqueceu o que eu lhe disse sobre a sorte?

- Você disse que nós fazemos a nossa própria sorte.

- Exatamente. Você fez a sua, ao vir para cá. Agora trabalha arduamente e merece o que tem.

- Mas nunca pretendi vir para cá — insisti. — Foi por acaso que a diligência de Ratchet estava diante da Dedo Ágil.

- Mas foi você quem escolheu a carruagem de Jeremiah.

- E se eu tivesse descido a colina, em vez de ter subido? Poderia estar trabalhando com Job Wright, ferrando cavalos. Então você teria empregado um dos Fermentados, quando eles viessem ver a rã.

- É uma possibilidade — disse Joe —, mas os Fermentados demoram para aprender.

- Eu só sei fazer isso porque fui até o sr. Jellico.

- Mas foi você quem o procurou.

E, assim, isso prosseguiu em círculos até uma noite, quando Joe perguntou:

- Você é feliz aqui?

- Sou.

- Se pudesse voltar no tempo, voltar à Cidade, o que você mudaria?

- Não sei — respondi. — Se eu tivesse feito alguma coisa diferente, talvez nunca tivesse encontrado você.

- Exatamente — disse Joe, com determinação. — Tudo que aconteceu com você, de bom ou de ruim, acabou por trazê-lo para cá.

Então a conversa acabou porque a porta da loja se abriu e alguém precisava ser atendido. Joe sempre acordava ao som da porta, independentemente quão profundo fosse seu sono, mas para o caso de ele não acordar, Saluki coaxava bem alto sempre que ouvia alguém se aproximando. Eu achava que isso era um alerta.

Para uma rã, Saluki era uma boa companhia. Quando eu tinha chance, gostava de alimentá-la, de ver sua língua disparar de um lado a outro do tanque e, quase veloz demais para se enxergar, o besouro ou lagarta ou inseto sumir. Desde aquele primeiro dia, eu não havia tirado novamente a tampa do tanque. Joe me proibira de fazer isso, e eu não queria tocar nela. De vez em quando, ele tirava a rã e a mantinha na palma da mão. Alisava suas costas com muita delicadeza, e ela parecia brilhar e arrotava baixinho. Eu não tinha esquecido o que ele dissera sobre ganhar sua confiança e esperava um dia conseguir isso.

Lembro-me bem daqueles dias na loja, quente e aconchegante, longe do frio mundo exterior. Mas, é claro, o mundo exterior continuava batendo na porta. Os aldeões obviamente se sentiam agradecidos por tudo que Joe fizera por eles e, aos poucos, um por um, se livravam do controle ferrenho de Jeremiah. Mas o desespero anterior deles foi substituído pela raiva — pois Jeremiah os tinha tratado tão mal por tanto tempo, havia tirado tanta coisa deles, que os mantivera vivendo sob o medo. À medida que cada um pagava a Jeremiah o que lhe devia, também desejava lhe pagar de uma outra maneira.

Certa noite, tivemos a visita do médico local, Dr. Samuel Mouldered. Não me surpreendi. Afinal de contas, Joe o tinha procurado no dia anterior, como fazia com todos os seus clientes da meia-noite, e o convidara a subir. Como a maioria, ele tinha uma história interessante para contar.

Samuel Mouldered era um homem um tanto mórbido, com uma expressão permanentemente sombria no rosto, tanto que seus pacientes nunca sabiam se iam morrer ou se curar. Talvez ficassem alarmados ao descobrir que, geralmente, o médico também não sabia. Sabe, Mouldered não era médico coisa nenhuma, apenas um charlatão convincente que fugia de um bando de clientes ludibriados que descobrira que seu elixir milagroso não passava de urtiga cozida com vinho estragado.

Pagus Parvus era um esconderijo ideal para um homem assim. Para ser justo, Mouldered era um homem inofensivo. Desde que chegara à aldeia, cerca de dez anos atrás, ele praticava medicina baseado na premissa de que a maioria das doenças se curava por si mesma num período de sete dias. Desse modo, ele receitava seu elixir milagroso (agora uma mistura mais palatável de mel e cerveja) durante uma semana e obtinha resultados espantosos. Quanto às mortes propriamente ditas, ninguém nunca questionou o extraordinariamente alto índice de ataques cardíacos na área. Eles confiavam no médico e em seus diagnósticos.

O maior temor de Samuel Mouldered era que Jeremiah descobrisse o seu segredo.

— Não posso prometer que Jeremiah jamais descobrirá — dissera Joe —, mas ele não saberá isso de nós. Você tem a minha palavra.

Joe manteve a porta aberta, mas Mouldered pareceu relutante em ir.

- Esse homem é um monstro — declarou. — Há anos sofremos em suas mãos. Os aldeões querem vingança. Sei que eles esperam que você os ajude.

- O que posso fazer? — perguntou Joe, baixinho. — Sou um mero penhorista.

- Não é isso que eles acham — murmurou o médico ao sair para a rua. Joe apenas deu de ombros e entregou ao Dr. Mouldered uma bolsa com moedas.

- Vincit qui patitur — gritou Joe atrás do médico, mas ele já estava fora do alcance da voz.

Olhei para ele.

— "Quem espera vence".

Ouvi a confissão do Dr. Mouldered, anotei-a toda, como era meu dever, mas fiquei intranquilo. Perguntei novamente a Joe se ele não achava que devíamos fazer algo.

— As vidas das pessoas podem estar em perigo — falei. — O Dr. Mouldered não sabe o que está fazendo.

Joe permaneceu irredutível.

— Ele não está causando nenhum mal. E não há mais ninguém na aldeia capaz de fazer o trabalho dele.

Protestei um pouco mais e Joe teve de me lembrar que estávamos no negócio de guardar segredos.

— Quanto tempo você acha que iríamos durar, se revelássemos essa informação? O negócio seria arruinado.

"O negócio", pensei. Que negócio? Certamente não estávamos tendo qualquer lucro. Certamente o dinheiro acabaria, algum dia, e o que aconteceria então? Mas eu tinha me adaptado tão facilmente ao seu modo de vida que não suportava a ideia de que isso pudesse mudar, portanto mantinha minhas dúvidas para mim mesmo, pois, entendesse ou não o que estava acontecendo,

eu não estava disposto a fazer qualquer coisa que pudesse chatear Joe.

Capítulo 24
Jeremiah tem um plano

JEREMIAH RATCHET ESTAVA perto de perder o juízo. Já estava farto do aparente pouco caso de Joe Zabbidou pela sua posição perante a comunidade. Seus negócios, seu estilo de vida, seus prazeres, tudo corria risco por causa daquele homem. Mal conseguia forçar a si mesmo a dizer o nome dele e, ainda assim, só era capaz de cuspi-lo, normalmente acompanhado por uma chuva de escura saliva viscosa e perdigotos. Jeremiah gostava de refletir sobre as coisas durante o jantar.

Raramente comia em sua magnífica sala de jantar e em geral fazia as refeições no gabinete, com uma bandeja sobre os joelhos. Era um aposento de proporções generosas, apesar de mal iluminado, e com prateleiras do chão ao teto. Cada prateleira estava apertada, abarrotada, curvando-se sob o peso de uma extensa fileira de livros. Jeremiah era colecionador. Adorava possuir coisas, às vezes sem qualquer outro motivo além desse. Não era, porém, de ler muito; descobriu que a concentração exigia muito esforço de sua mente. Como regra, só guardava livros que achasse que iriam impressionar os outros ou aumentar de preço. Como resultado, os títulos tendiam a ser obscuros ou repletos de fatos que ele não entendia ou enredos que não conseguia perceber. Jeremiah era um excelente exemplo do tipo de pessoa que sabia o custo de tudo, mas não seu valor.

Em seu gabinete, abocanhou um pedaço de carne de cordeiro e mastigou pensando em Joe Zabbidou. O homem era uma completa ameaça. Mais cedo, naquele dia, Job Wright encontrara Jeremiah em frente à padaria e entregou-lhe uma bolsa com dinheiro para pagar metade de sua dívida. Então, depois do almoço, Polly falou-lhe sobre o par de ferraduras que vira na vitrine do penhorista, e Jeremiah soube que, novamente, Joe Zabbidou estivera em ação.

- São lindas e brilhantes — dissera Polly inocentemente. — Acho que Joe pagou um bom dinheiro pelo par. — Ela deixou o aposento depressa e Jeremiah teve certeza de que a ouviu rir baixinho o caminho todo até a cozinha.

— Eu devia tê-lo expulsado naquele primeiro dia - disse ele, cheio de pesar. — Deixei para tarde demais.

— Mas o próprio Jeremiah suspeitava que não seria tão fácil assim.

Ele sabia, é claro, que a repentina habilidade de seus inquilinos de pagarem suas dívidas estava diretamente ligada ao que era exposto na vitrine do penhorista. Supunha, contudo, que Joe não teria possibilidade de financiar o débito de todos e que, mais cedo ou mais tarde, ele abandonaria seu negócio e então tudo voltaria ao normal. Joe, porém, não operava dentro dos procedimentos normais do comércio.

Jeremiah sacudiu a cabeça lentamente. "Como alguém pode prosperar, se paga uma pequena fortuna por lixo imprestável?", perguntava-se todos os dias. E todos os dias esperava Polly retornar da casa do reverendo Stirling para poder ouvir o mais recente relatório sobre a vitrine da loja. E todos os dias isso o mergulhava numa profunda depressão. Como lhe doera recorrer a Stirling por ajuda, tendo em vista que nisso ele se revelara pouco mais do que inútil.

— O que vou fazer? — gemeu Jeremiah, ao ver sua renda encolher ainda mais, pois, assim que todas as dívidas fossem pagas, não haveria a possibilidade de ele viver só dos aluguéis.

Ele ainda tinha dinheiro no banco, herdado do pai, mas fora sangrado em grande parte, ao longo dos anos, por causa de sua frequente jogatina. A boa vida de Jeremiah tinha um preço. Devia ao alfaiate e ao chapeleiro, ao peruqueiro e ao sapateiro, e preferia não pensar nas dívidas que se acumulavam na mesa do carteador.

Havia a chantagem, é claro. Desde que ele desencavara o pequeno segredo de Horatio, não faltava carne fresca em sua cozinha. E até recentemente, havia Obadiah e o roubo de sepulturas. Infelizmente, com relação ao roubo de sepulturas, as coisas não pareciam tão bem no presente, e a culpa não era apenas de Joe. Os ladrões de cadáveres de Jeremiah (que também agiam como capangas, durante o dia, quando ele precisava de ajuda com um despejo) haviam lhe trazido a má notícia duas noites atrás.

— Os anatomistas da Cidade não querem mais os corpos de velhos — disse um dos ladrões de cadáveres. — Querem cadáveres de jovens.

Jeremiah bufou:

- Eles não entendem? Não há cadáveres de jovens em Pagus Parvus.

- Isso não será um problema — disse o outro, cautelosamente.

- O que quer dizer? — perguntou Jeremiah.

A dupla indecisa trocou olhares de cumplicidade, o que não era fácil através de suas máscaras pretas, e caiu na gargalhada.

- Bem, digamos que há um jovem no topo da colina, na antiga chapelaria, que daria um excelente espécime.

- Ludlow? — perguntou Jeremiah. — Mas ele está vivo e saudável.

- Quanto mais fresco, melhor — disse o primeiro. Por um rápido momento, Jeremiah realmente levou em conta o que eles sugeriam. Muitas vezes desejara nunca ter de enfrentar o olhar sabedor de Ludlow de novo, mas, como solução para seus problemas, um assassinato com certeza era um pouco radical até mesmo para Jeremiah.

- Não, não — disse Jeremiah apressadamente. — Tenho certeza de que isso não será necessário. Tem de haver outra maneira. Que tal dentes?

- Dentes?

- Soube que são vendidos — começou Jeremiah, mas os dois homens

simplesmente riram. — Ah, esqueçam — encerrou, desanimado.

Os homens deram de ombros ao mesmo tempo.

— Então não há mais nada que possamos fazer por você. Dê o nosso dinheiro e não o incomodaremos mais. E assim foi.

Jeremiah colocou o prato de lado, a refeição comida pela metade, e recostou-se na poltrona. Estava sem apetite. Estava deprimido demais para olhar seus livros; nem mesmo a solidão do pastor das montanhas altas — seu favorito entre os favoritos, tendo em vista o fato de os pastores terem um vocabulário limitado e contarem uma história simples.

Se Joe permanecesse na aldeia e continuasse a fazer o que vinha fazendo até agora, Jeremiah sabia que isso só poderia significar mais problemas para ele. Teria de cuidar pessoalmente desse assunto.

— Pagus Parvus não é grande o suficiente para nós dois — declarou para as sombras. — Um de nós terá de ir embora.

Sentindo muita pena de si mesmo, subiu a escada desanimado e se preparou para dormir. Não resistiu olhar pela janela. Agora isso era uma obsessão. Podia ver a loja do penhorista no topo da colina e a fumaça que todas as noites espiralava da chaminé até altas horas.

— O que ele faz ali em cima? — perguntou-se pela centésima vez.

Jeremiah não estava nem perto de descobrir por que o penhorista recebia visitas tarde da noite, e carecia de imaginação para que lhe ocorresse uma explicação toda sua. Ouvira alguém dizer que Joe dava conselhos, porém não conseguiu descobrir nada mais do que isso. Muitas vezes perguntou se Polly sabia o que significava tudo aquilo, mas ela apenas olhava-o inexpressivamente.

"Se ao menos eu descobrisse", pensou Jeremiah, "então talvez eu pudesse fazer algo." Mas, fosse qual fosse o comércio noturno na casa de penhores, ninguém falaria sobre isso. Então Jeremiah tirou suas próprias conclusões e decidiu que tudo era parte do plano de Joe contra ele. Tendo concluído isso, ficou ainda mais desesperado para saber a verdade. Certa manhã, portanto, quando o mais velho dos Fermentados foi entregar o pão, Jeremiah estava à sua espera do lado de fora da porta da cozinha, e agarrou-o pelo cangote.

- Quero que você faça um trabalhinho para mim — murmurou.

- Quanto eu ganho? — perguntou o menino. Jeremiah gargalhou, e ao pobre garoto foi oferecida uma vista panorâmica do interior de sua boca. A língua sarapintada, a úvula carnuda, os dentes manchados e a carne e a crosta de torta da noite anterior ainda enfiadas firmemente entre eles.

— Eu vou lhe dizer o que você vai ganhar se não fizer isso — murmurou ele. — Direi a seu pai que peguei você andando furtivamente pela minha cozinha à procura de algo para roubar. Algo como isto — e, com uma agilidade manual que teria surpreendido até mesmo Joe, de algum modo Jeremiah conseguiu

tirar um castiçal de prata do bolso do menino, um truque que levou o pobre garoto a cair no choro.

Jeremiah soltou-o.

— Faça o que eu mandar—grunhiu — ou será pior do que isso. Quero que descubra o que está acontecendo na casa de penhores.

O garoto hesitou, mas a ameaça de enfrentar seu pai foi o bastante. Ele realmente não teve escolha. Levou uma semana, parado, hora após hora, no congelante frio da meia-noite nos fundos da loja do penhorista. E todas as noites era a mesma coisa. Ouvia a neve esmagada por pés e uma batida na porta. Observava enquanto Joe servia uma bebida ao visitante e mandava-o sentar perto do fogo. No canto, podia ver Ludlow escrevendo furiosamente num grande livro negro. Não conseguia ouvir o que era dito, mas adivinhou muito rapidamente o que havia no saco de couro que Joe entregava ao final do encontro. Ao final, ele decidiu que já aprendera o suficiente sobre o que acontecia (e também ficava cada vez mais temeroso de que Joe o visse) e foi ao gabinete de Jeremiah.

- E aí? — perguntou Jeremiah ansiosamente. — O que descobriu?

- Eles falam para Joe, e Ludlow anota o que dizem num grande livro negro.

- Só isso? — Não era bem o que Jeremiah esperava. O menino fez que sim.

- Seja o que for o que dizem para ele, isso vale dinheiro. Joe paga para eles bolsas de dinheiro. O Dr. Mouldered esteve lá, noite dessas. Não consegui ouvir o que ele dizia, mas, pelo rosto, parecia ser algo importante. E soube que meu próprio pai esteve lá.

Jeremiah também soube. Elias Fermentado lhe pagara quase todo o aluguel devido.

- E aquela rã? — perguntou Jeremiah em desespero. Ele não sabia como isso tudo poderia ajudá-lo.

- Ela se chama Saluki. Joe a trata como se fosse algo especial. Não deixa ninguém tocá-la, mas às vezes ela se senta em sua mão. Acho que ela deve valer alguns trocados. Nunca vi algo parecido com ela.

Jeremiah estava perplexo. Naquela noite, deitado na cama, pensando no que lhe fora contado, as coisas começaram gradualmente a se aclarar, pois, de fato, o menino Fermentado tinha lhe fornecido exatamente o que ele precisava saber.

— O livro — disse em voz alta e sentando-se de repente. — O livro tem a resposta.

A mente de Jeremiah trabalhava depressa. Por causa do que quer que houvesse naquele livro, Joe estaria disposto a pagar muito por ele. Se de algum modo Joe perdesse o livro, ou se lhe fosse tirado, fazia sentido então ele pagar regamente para tê-lo de volta. Ou, melhor do que isso, talvez ele concordasse em deixar Pagus Parvus e pagar para recuperar o livro. Com Joe fora do

caminho, todos os problemas de Jeremiah se resolveriam. Sua empolgação aumentou. Que bela vingança ele poderia obter por todos os problemas que Joe lhe causara. Havia, porém, uma pequena falha no plano.

Em primeiro lugar, como conseguiria o livro?, pensou. Mas, antes do nascer do sol, ele teve a resposta. Estava na hora de Jeremiah Ratchet fazer uma visita a Joe Zabbidou.

Capítulo 25
Quando o gato sai...

LUDLOW ATIÇOU o FOGO. Uma acha rachou na fogueira junto a ele e uma nova chama irrompeu de seu âmago. Acolheu com prazer o calor. Há muito que Joe pegara de volta sua capa.

— Algum dia você terá uma capa como esta, Ludlow — dissera ele —, mas isso precisa ser merecido. Lã de jocarstar não é barata.

Joe não o deixara sem nada. No lugar da capa, dera a Ludlow uma enorme almofada recheada de palha, além de dois cobertores grosseiros, mas que cheiravam bem. Todas as noites Ludlow se aninhava sobre a almofada e se cobria até as orelhas com os cobertores.

O sono, porém, não veio fácil, e, quando ele dormiu, seus vívidos sonhos faziam com que se contraísse e murmurasse. Frequentemente acordava suado, após alguns sonhos estranhos com um dos aldeões. Jeremias, cheirando tão mal que Ludlow torcia o nariz durante o sono; Obadiah, sempre num buraco, sempre cavando; Horatio, misturando os ingredientes de uma de suas tortas repulsivas. As confissões dos pagus-parvianos o perseguiam até o sonho tornar-se um pesadelo. Os aldeões recuavam para uma espécie de neblina, e o rosto de seu pai surgia repentinamente acima deles. Suas mãos se estendiam para fora da neblina e apertavam-se em volta do pescoço de Ludlow até tudo ficar preto. Então ele acordava violentamente e deixava a cama para ir olhar a rua pela janela, até ser forçado a voltar por causa do frio.

Todas as manhãs Joe perguntava "Como você dormiu?", e todas as manhãs Ludlow lhe dava a mesma resposta: "Bem, muito bem, aliás." Joe erguia uma sobrelanceira descrente, porém não dizia mais nada.

Certa manhã, após uma noite particularmente ruim, quando Ludlow acordara cinco vezes sacudido pelas mãos que o estrangulavam, Joe anunciou que ficaria fora durante alguns dias.

— Se preferir, não precisará abrir a loja — disse ele. — O tempo parece meio tempestuoso. Duvido que haja muitos clientes.

Embora quisesse mostrar disposição, Ludlow protestou apenas levemente. Gostou da ideia de ter o lugar por um tempo só para ele.

- Quando você vai voltar? — perguntou, quando Joe saiu para a rua.

- Quando meu negócio estiver feito.

Ludlow pôde perceber que não havia sentido em insistir com o assunto e observou seu empregador coxear no topo da colina e passar pelo cemitério. Joe tinha razão. O céu estava ominosamente escuro e os paralelepípedos estavam enterrados debaixo de neve recém-caída. Não havia qualquer outro movimento na rua, mas eram apenas cinco da manhã. Assim que Joe sumiu de

vista, Ludlow fechou a porta e prontamente pulou para a cama de Joe e voltou a dormir.

Quando acordou, algumas horas depois, achou por um momento que tinha dormido o dia todo e mais a noite. Aliás, corria a metade da tarde, e estava anormalmente escuro e frio. Lá fora, um vento uivante golpeava paredes e janelas; do lado de dentro, a neve tinha caído pela chaminé e se concentrado na lareira. O fogo praticamente se apagara e Ludlow sabia que precisava avivá-lo. Quando finalmente conseguiu trazê-lo de volta à vida, pendurou uma chaleira em cima da chama, atravessou a loja e ficou parado na porta. Sua visão da rua estava um tanto obscurecida, pois a aldeia se encontrava sob o domínio de uma tempestade de neve de um tipo que ele nunca vira antes. Os três globos dourados sacudiam violentamente ao vento e a neve se empilhava em cada canto e em cada vão de porta. Não conseguia enxergar mais do que poucos centímetros rua abaixo.

E Joe? Pensou. Só podia torcer para que ele tivesse encontrado abrigo antes da tempestade. Então um repentino brilho vermelho em meio à rajada branca atraiu sua vista. Havia alguém lá fora.

— Meu Deus! — disse Ludlow. — É Polly. — Abriu a porta e esta foi arrancada de sua mão pelo vento. Enormes flocos ferrouaram seu rosto e ele ficou praticamente cego pela forte nevasca. — Polly! — gritou. — Polly!

Polly estava perto o bastante para tocá-lo, mas não conseguia ouvi-lo por causa do gemido do vento. Ludlow não parou para pensar e avançou para enfrentar a força total da tempestade. Agarrou Polly pelo braço e puxou-a em sua direção. Seu rosto pálido iluminou-se debaixo do capuz e, juntos, eles se curvaram na ventania e desabaram no interior da loja. A porta fechou-se ruidosamente atrás deles.

- O que estava fazendo lá fora? — ofegou Ludlow. Polly respondeu com curtos arquejos esbaforidos.

- Eu estava voltando... da casa de Stirling Oliphaunt. — Ela tremia violentamente, o nariz vermelho e brilhante por causa do frio. — Ele não liga... para o tempo. Ainda quer que faça a limpeza para ele.

Ludlow sacudiu a cabeça, descrente.

— Você poderia ter morrido lá fora. Está congelando. Venha, vamos tomar uma sopa. O fogo está aceso. Pode ficar aqui até o tempo melhorar.

Polly hesitou. Ela só tinha estado uma vez atrás do balcão, na noite em que confessou seus vários crimes menores, principalmente relacionados a Jeremiah Ratchet e aos surrupios de pequenas bugigangas da casa dele. Embora achasse que ele merecia isso, e ela precisasse do dinheiro, Polly também sentira a vontade de se confessar.

— Onde está ele? — perguntou ela, olhando nervosamente em volta. Não conseguia evitar de sentir um pouco de medo de Joe Zabbidou e sempre temia

o que ele pudesse dizer, se a olhasse com seus frios olhos cinzentos.

Ludlow sacudiu a cabeça.

— Está ausente. Sou eu que mando.

Polly se descontraíu um pouco e seguiu Ludlow até a lareira, onde ela ficou perto o bastante para ser chamuscada, mas não tanto assim para pegar fogo.

- O sr. Ratchet me mataria, se soubesse que eu estive aqui com você. — Ela deu uma risada. — Ele não se importa que eu espione para ele, mas disse para eu não confra... confra-alguma-coisa com vocês dois.

- Confraternizar?

- Isso aí.

- O que quis dizer com espionar? — interrompeu Ludlow. — É por isso que vem aqui?

- Claro que não — disse Polly com indignação. — Mas isso me dá uma boa desculpa. O seu sr. Zabbidou tem feito o sr. Ratchet arrancar os cabelos. Jeremiah quer tão loucamente saber o que se passa aqui que me mandou olhar todos os dias a vitrine e lhe contar o que vejo.

- E o que você vê? — perguntou Ludlow duramente.

- Lixo — disse ela.

- E?

Ela viu a expressão no rosto de Ludlow e acrescentou rapidamente:

- Eu não lhe falo mais nada. Nem sobre o livro.

- Talvez Jeremiah devesse vir aqui em cima numa noite dessas — disse Ludlow.

- Aah, sim, aposto como ele tem um ou dois segredos. — Polly afastou-se um pouco do fogo e olhou diretamente para Ludlow. — Você tem?

Ludlow franziu a testa.

- Eu? Não. O que você quer dizer?

- Não faça tempestade em copo d'água — zombou Polly. — Perguntei por perguntar. Suponho que, com o que Joe lhe paga, você não precise vender os seus segredos.

- Hum — fez Ludlow, pensando num meio de mudar de assunto.

- Conte algumas mentiras quando estive aqui em cima — disse Polly de repente. — Quando Joe disse que pagava por segredos, achei que, quanto pior o segredo, mais dinheiro ele me daria. — Rapidamente ela colocou a mão sobre a boca e sacudiu a cabeça, chateada consigo mesma. — Não sei por que lhe contei isso. Não quero que pense mal de mim. — Então deu uma risada. — Pare de me olhar desse jeito, isso faz a minha língua se soltar!

Ela olhou em volta novamente, dessa vez mais lentamente.

- E aí, onde é que está ele?

- O quê? — Ludlow gostaria que Polly parasse de lhe fazer tantas perguntas.

- O livro dos segredos. O tal no qual você escreve.

- Está escondido — disse ele rapidamente, mas, antes que pudesse evitar, seus

olhos se moveram de repente na direção da cama de Joe. Polly percebeu e, num instante, disparou para lá. Ludlow se lançou na direção dela, mas foi lento demais. Polly enfiou a mão debaixo do colchão e agarrou o Livro negro. Puxou-o para fora, saltou para cima da cama e o pôs fora do alcance de Ludlow.

- Vamos dar uma olhada, então — disse ela maliciosamente, agitando-o acima da cabeça. — Deve haver histórias interessantes aqui.

— Não — disse Ludlow desesperado —, é proibido. Joe diz que é.

Polly deu uma risada.

- Caso não tenha notado, Joe não está aqui. Que mal isso pode fazer?

- Não — disse Ludlow, porém com menos convicção. Afinal de contas, Polly não estava sugerindo nada que ele não tivesse pensado em fazer antes.

- Eu prometi a Joe — disse ele fracamente.

- Joe não vai saber — alegou Polly lentamente. — E você já deve ter ouvido esses segredos.

- Somente os das páginas de Pagus Parvus.

- Então vamos dar uma olhada nos outros, de antes de Pagus Parvus, de um lugar onde não conhecemos ninguém. Como isso poderia ser errado?

Ludlow concluiu que isso fazia sentido, provavelmente porque ele também queria. Sentou-se na cama, sentindo uma torturante pontada de culpa, mas a ignorou. Era a primeira vez que se via sozinho com o Livro negro dos segredos e já estava prestes a trair Joe. Entretanto, sendo honesto consigo mesmo, ele queria ler as histórias tanto quanto Polly.

- Acho que poderíamos ler o início.

Polly concordou ansiosamente.

- A primeiríssima história, a mais antiga.

- Está bem — admitiu Ludlow com firmeza. — Mas só isso.

- Claro — aceitou Polly. — Então tome — disse ela, passando-lhe o livro.

- Pensei que você quisesse fazer isso — disse Ludlow, colocando as mãos para trás, como se, não tocando sequer no livro, não fosse participar da traição.

— Mas eu não sei ler, seu burro — lembrou Polly prosaicamente. — Nem todos tivemos a sua excelente educação.

Ludlow suspirou e, sem conseguir mais se conter, pegou o pesado livro das mãos de Polly. Sentindo-se ligeiramente enjoado, abriu lentamente a capa, alisou a primeira página e começou.

A confissão do fabricante de caixões

Meu nome é Septimus Stern e tenho um segredo odioso. Ele tem me seguido há quase vinte anos. Aonde quer que eu vá, sei que ele está lá, como uma sombra, esperando para se lançar sobre mim quando eu menos esperar, para me torturar mais uma noite, para fazer que me odeie ainda, mais do que já me odeio.

Sou um prisioneiro de minha própria mente, e você, sr. Zabbidou, é minha última, esperança de libertação.

Sou um fabricante de caixões por ofício, e muito bom no que faço. Através dos anos, minha reputação se espalhou pelos quatro cantos da região e nunca fiquei sem trabalho. Pode lhe parecer estranho que eu ganhe a vida, com a desgraça dos outros, mas não sou um sentimental, sr. Zabbidou. Acredito que presto um serviço aos necessitados, independente das circunstâncias, e obtenho minha recompensa.

Certa manhã, bem cedo, no final do outono, um estranho foi à minha oficina. Afirmou ser médico e insistiu para que o chamasse de Dr. Sturgeon.

— Um paciente meu acaba de falecer — disse ele pesarosamente —, e preciso de um caixão. Ele parecia um pouco nervoso, mas isso não era incomum. Disse-lhe que era esse o meu negócio e que, com certeza, poderia ajudá-lo.

— Foi-me garantido que você é um excelente fabricante de caixões — prosseguiu. — Quero que faça algo especial para mim.

Novamente, não achei nada demais no pedido. Supus que ele quis dizer que eu deveria revestir o caixão com um material mais luxuoso, seda possivelmente, ou talvez usar uma madeira mais cara. Às vezes, me pediam para equipar o caixão com alças e placas de ouro ou prata. Todas essas coisas já foram feitas antes, eu lhe disse isso, mas ele sacudiu a cabeça.

— Não, não é isso que eu quero. Sabe, você deve se lembrar de um caso recente no qual um jovem foi enterrado ainda com vida. Apresso-me em dizer que não fui eu quem o declarou morto. Você pode imaginar a tensão que isso causou à família, quando, posteriormente, descobriu-se que ele tentara se libertar do caixão e não conseguiu.

Disse ao Dr. Sturgeon que, de fato, eu me lembrava do caso em questão, pois eu fomecera o caixão. O morto fora colocado no mausoléu da família e, um mês depois, por causa da morte de outro membro da família, abriram o mausoléu e encontraram o caixão tombado de lado, no chão. Abriam a tampa, mas, claro, já era tarde demais. O filho estava muito decomposto, mas ainda dava para ver claramente que suas mãos não estavam mais dos lados e, de acordo com todos os relatos, a boca estava aberta numa expressão de torturante desespero.

— Quero me assegurar de que a mesma tragédia, não volte a acontecer.

Achei uma idéia sensata e ouvi enquanto ele esboçava seu conceito para um caixão com um mecanismo que permitia que o ar circulasse, para o caso de o falecido vir a despertar. Combinamos o preço e, como o principal era a pressa, comecei a trabalhar imediatamente. Não se tratava de um projeto complicado, e exigia apenas um cano, ligado ao caixão, que chegasse à superfície para permitir que o ar entrasse (o médico insistira para que a coisa ficasse escondida — "Isso pode imitar o vigário", explicou) e terminei tarde daquela noite. No dia seguinte, entreguei-o pessoalmente no endereço fornecido, uma imponente mansão rural, distante algumas horas de cavalgada. O médico atendeu ele mesmo a porta.

— Bem-vindo — disse ele. — O patrão está um pouco indisposto no momento. Ele me pediu que cuidasse deste assunto.

Acenou-me e entramos pela porta aberta e, quando olhei de relance dentro da casa, vi um

homem que presumi ser o patrão, sentado completamente imóvel à janela. Era um homem pálido e velho e parecia muito doente. O médico examinou inteiramente o caixão e fez muitas perguntas a respeito de sua confiabilidade, finalmente, quando se convenceu de que funcionaria com eficiência, levamos o caixão até o porão.

- Foi a esposa do patrão que morreu — disse ele. — Ela está no porão, onde é frio.

- Como foi que ela morreu? — perguntei, enquanto pelejavamos com a incômoda carga.

- Febre intermitente — disse ele, e não foi além disso.

Finalmente chegamos embaixo. A temperatura era consideravelmente mais baixa do que lá em cima e avistei a senhora deitada, estendida sobre uma mesa. Sua aparência era pálida, porém tranquila, e, ao contrário de minhas expectativas, não havia sinais de doença. Não sei o que significava tudo aquilo, mas, de repente, minhas suspeitas foram atizadas. Ela parecia tão tranquila que era difícil acreditar que estivesse morta, contudo, certamente não havia sinais de vida. Havia um cheiro estranho no aposento, o qual, na ocasião, atribuí a umidade.

- Trágico — murmurei.

- De fato — rebateu o médico e, a despeito da frialdade, percebi que ele suavava. Acariciou a mão da senhora com inigualável ternura e me perturbou perceber o quanto ele a olhava com respeito. Afinal, ela não era sua esposa.

- Tão jovem e bela — disse ele. — O vigário vem esta tarde e a enterraremos no túmulo da família.

Assim que largamos o caixão, o médico pareceu ansioso de me levar até a porta.

— Acredito que talvez não deva se demorar mais — insistiu. — O tempo está virando e o dia já está se esgotando. Não gostaria de imaginá-lo nessa estrada durante a noite. É famosa pelos seus assaltantes.

Deduzi, pelo seu tom de voz, que eu estava abusando da hospitalidade, então parti sem demora. Senti que o tempo não estava pior do que naquela manhã, aliás, parecia até melhor, mas estava contente em ir embora daquele lugar. Eu fora bem pago pelo meu trabalho, mas ficara com uma importuna dúvida de que algo não estava direito. Por dias, depois disso, não consegui livrar minhas narinas do cheiro daquele porão.

Alguns meses depois, por acaso, viajei novamente pela mesma região. Um impulso me fez pegar a encruzilhada da estrada que levava à mansão, e parei no portão. Estava trancado, mas entre as grades pude ver que a casa estava fechada e o jardim, coberto de vegetação. Havia, um aviso na coluna informando que a propriedade estava à venda e que fossem contactados os agentes srs. Cruickshank e Butterworth na cidade vizinha. Como esta era o meu destino pretendido, fiz uma visita aos escritórios dos dois para perguntar sobre o paradeiro do dono. Falei com o sr. Cruickshank, um cavalheiro dos mais afáveis, que respondeu com compreensão às minhas muitas perguntas.

- Um caso estranho — disse ele. — Primeiro, morreu a esposa e depois o patrão. Só restou o filho. Ele herdou tudo. Viajou para o exterior e nos deixou instruções para que vendêssemos a propriedade em seu favor. Isso lhe dará uma pequena fortuna.

- Filho? — indaguei.

- Sim, um médico.

- De que morreu o velho? — perguntei.

- Essa é uma história ainda mais estranha. Na noite após a esposa ter sido enterrada, o médico ouviu gritos vindos do quarto de seu pai. Correu para lá e encontrou o pai semimorto na cama, o rosto roxo, aparentemente quase sem poder se mexer, e mal conseguindo falar. Ele disse ao médico que acordou e viu sua esposa morta ajoelhada sobre ele, as mãos em sua garganta, estrangulando-o. Ele morreu pouco depois. O choque o matou... ele tinha complexão frágil e seu coração não aguentou. Senti pena do filho. O pobre sujeito perdeu o pai e a madrastra de uma só vez.

- Quer dizer que a morta não era sua mãe?

O sr. Cruickshank sacudiu a cabeça.

- Sua mãe verdadeira morreu quando ele era um rapazote, e seu pai se casou novamente. Ela era a mulher mais bonita, que eu já vi, embora quase quarenta anos mais nova que ele. Não sei o que ela viu nele.

Agradei ao sr. Cruickshank pelo seu tempo e segui meu caminho, mas fiquei ainda mais perturbado do que antes. Minha curiosidade fora satisfeita, mas minhas suspeitas não tinham sido aliviadas. Como fora o tempo todo a minha intenção, fiz uma visita ao boticário para comprar um remédio para a tosse. Quando entrei na loja, fui detido por um potente e inconfundível cheiro. Exatamente o mesmo cheiro que percebera no porão da mansão. Quando ouviu a sineta, o boticário veio me atender.

- Que cheiro é esse? — perguntei sem demora.

- Ah — fez ele conspiratoriamente —, é a minha poção especial do sono. Altamente eficaz, muito poderosa. Causa na pessoa um sono profundo e, uma vez adormecida, ela parece sem vida e não sente dor. Creio que os cirurgiões nos hospitais talvez a achem útil nas operações.

- Diga-me — perguntei, com o coração disparando —, o senhor conhece um certo Dr. Sturgeon?

- Um dos meus melhores clientes — respondeu orgulhosamente. — Ele afirmou que a poção era a melhor que havia e a única cura para sua insônia.

Peguei o meu xamope para tosse e parti para casa com o coração pesado. Agora eu sabia a verdade da fraude para a qual eu fora involuntariamente arastado. Que trama complicada. Só as mentes mais diabólicas conseguiriam imaginá-la. Afinal, como se pode julgar um fantasma por assassinato?

Sabe, sr. Zabbidou, acredito que o jovem médico administrou a poção do boticário à esposa do pai e levou este a acreditar que ela havia morrido. Então, com a ajuda do meu caixão, ele a enterrou. Visto que ela era capaz de respirar debaixo da terra, quando, mais tarde, naquela noite, cessou o efeito da poção, ele a desenterrou e ela estava suficientemente viva para aparecer à beira do leito do marido e praticamente o estrangular, sabendo que seu coração era frágil. Portanto, o médico não herdou apenas suas propriedades, mas também a jovem esposa. Sem dúvida, os dois agora apreciam os frutos de sua perversidade em um país distante.

Não posso me perdoar pelo papel que desempenhei. Você é a única pessoa no mundo que sabe disso, sr. Zabbidou. Detesto pensar que mais alguém venha a descobrir o que eu fiz. Dizem que você é um homem de palavra e acredito nisso. Agora creio que consigo dormir.

DEPOIS QUE EU TERMINEI de ler o segredo do fabricante de caixões, nós dois nos entreolhamos com um ar culpado.

- Pobre coitado — disse Polly baixinho. — Nem mesmo foi culpa dele.

- Há mais uma coisinha — falei. — Bem no pé da página.

- O que diz?

- Quae nocent docent.

Polly fez um ar inexpressivo.

- Acho que é latim.

- Latim?

- Outra língua. Joe a usa, às vezes. Diz que se pode dizer mais com menos palavras. Ele gosta disso.

- Bem, é melhor não lhe perguntar o que significa — disse Polly rapidamente —, ou ele saberá que você esteve bisbilhotando.

Eu nada disse. Não pude evitar a sensação de que, de qualquer modo, Joe saberia. Fechei o livro e o coloquei de lado.

— Não quero ouvir mais nada — disse Polly, e fiquei contente.

Então ficamos sentados esperando a tempestade passar. Só nós dois, diante do fogo, tomando sopa e envoltos em cobertores para nos mantermos aquecidos. Acho que ambos sabíamos que foi errado lermos o livro, mas Polly tentou deixar isso para lá com uma risada.

— Ele nunca saberá — disse ela, tentando convencer a si mesma. — Não se preocupe tanto.

No início da noite, o vento tinha cessado e a neve diminuído. Polly levantou-se e se espreguiçou.

— Vou embora — disse ela. — O sr. Ratchet vai procurar seu jantar. — Antes de sair, olhou-me nervosamente. — Não vai contar para ele, vai, Ludlow?

Sacudi a cabeça.

- Se ele descobrir, direi que fui só eu. Ela sorriu.

- Ele o perdoará. Basta encará-lo com seus enormes olhos verdes.

De algum modo, eu não achava que esse truque funcionaria com Joe.

Quatro dias depois, embora o pior da tempestade tivesse passado, ainda estava escuro e invernal, e muito frio. Mantive a loja fechada. As horas passavam lentamente. Alimentei Saluki, lavei o chão e tirei o pó da vitrine. Tive bastante tempo para pensar no que Polly e eu tínhamos feito e, no quarto dia, consegui convencer a mim mesmo de que não precisava me preocupar. Afinal, ninguém havia sofrido nenhum dano. Não fizemos aquilo por maldade, mas apenas por curiosidade. No fundo de minha mente estava a perturbadora

dúvida de que Joe poderia ter preparado uma armadilha para mim e, embora me desse pensar que ele não confiava em mim, era pior saber que ele estava com a razão. Mas isso serviria como justificativa? Haveria alguma pessoa forte o bastante para resistir a uma olhada?

Na noite anterior à sua volta, eu estava quase dormindo junto ao fogo, quando pensei ouvir um ruído lá fora. Quando abri a porta para a rua, não havia ninguém lá, apenas pegadas debaixo da janela, pegadas grandes. Eu sabia quem as tinha feito, não por causa do tamanho, mas por causa do fedor que ficou pairando no ar. O cheiro de Jeremiah Ratchet.

Na quarta manhã, Saluki iniciou um tremendo coaxar e, poucos segundos depois, alguém começou a bater na porta. "Ludlow", chamou uma voz, "me deixe entrar."

Era Joe. Fiquei muito contente por tê-lo de volta e só pude esperar que fosse capaz de ocultar meus sentimentos de culpa. Ele entrou, olhou em volta e me deu um tapinha nas costas.

- Que bom ver que você manteve a loja arrumada na minha ausência — disse ele. Eu cuidara para que tudo estivesse em seus lugares.

- Houve uma tempestade terrível — falei, antes que eu conseguisse me deter. — Polly veio para cá e ficou uns instantes comigo. — Não pretendia lhe contar isso, mas, quando Joe me olhava de um certo jeito, eu simplesmente tinha de lhe dizer o que se passava em minha mente. Olhei para o chão. Não queria revelar mais nenhum de meus pensamentos.

- Eu sei — respondeu ele.

- Você sabe? — Teria ele lido a minha mente?

- Acabei de me encontrar com ela na rua, indo ao açougue. Ela me contou tudo.

Meu coração estremeceu. Torci para que Polly tivesse contado apenas isso.

- Alguém bateu na porta?

Sacudi a cabeça.

- Mas acho que Ratchet andou fuçando por aqui.

- Isso não me surpreenderia. Ele é um sujeito curioso. Certamente não é o primeiro a bisbilhotar a vitrine.

Joe não se referia apenas a mim. Lembrei-me de que, quando o Dr. Mouldered veio aqui, Joe me disse, posteriormente, que tinha certeza de que alguém estivera lá fora. Mas no momento eu estava interessado em Ratchet.

— Por que você não faz algo em relação a ele? — insisti. — É algo tão exorbitante para os aldeões pedirem?

Joe suspirou.

- Você precisa ter paciência, Ludlow.

- Por quê? O que estamos esperando? Você sabe o que há adiante?

Isso pareceu diverti-lo.

— Você viu a minha bola de cristal? — perguntou. — Se viu, gostaria muito de saber onde ela está. — Estava meio que rindo, mas então voltou a ficar sério. — Não sou nenhum vidente, Ludlow, acredite em mim. Se fosse, você acha que eu estaria fazendo isso? — Fez um gesto em volta da loja.

Eu não ia deixá-lo escapar dessa vez.

— O que você está fazendo exatamente, Joe? Quem é você? Por que veio para cá?

Ele apoiou as costas no balcão e esticou as longas pernas à sua frente.

- Sou apenas um velho, Ludlow, tentando ajudar os necessitados.

- Mas o livro, o dinheiro. O tempo todo você só faz dar. O que consegue de volta?

- Não tem que ter volta. Você não acha que dar é o bastante? Por que eu deveria esperar algo em troca?

Eu começava a entender, mas não era fácil. Creio que, no fundo, eu ainda era um ladrão. Toda a minha vida na Cidade tinha sido tomar para mim e tomar conta de mim.

— Você tem visto os rostos deles — continuou Joe.

— Você sabe como eles estão se sentindo quando chegam à meia-noite, e como se sentem quando vão embora. Por que eu iria querer mais do que isso?

- Mas eles querem mais — falei.

- E esse, Ludlow, é exatamente o meu problema.

— Deu meia-volta e foi para o aposento dos fundos. Segui-o. Ele puxou o Livro negro de baixo do colchão e ficou parado perto de sua cama, olhando em volta.

— Estive pensando que talvez devêssemos colocar o livro em outro lugar.

Eu não podia imaginar onde. O quarto não era tão grande assim para ter uma variedade de esconderijos.

- Arrá! — exclamou, após alguns momentos. — Já tenho o lugar adequado. Você poderá tomar conta dele.

— Baixou e o enfiou debaixo do meu travesseiro.

Fiquei um tanto perplexo e pelejei para não demonstrar.

- Você acha que ficará seguro?

- Em suas mãos? — disse Joe com uma piscadela.

— Tenho certeza. E agora, por falar em livros, tem um volume que gostaria de ter. Venha comigo.

E então fomos atrás de Perigoe Leafbinder.

PERIGO E LEAFBINDER ESTAVA no ramo de livros havia mais de trinta anos, como ela gostava de lembrar a quem quer que fosse à sua livraria, e se um livro tinha sido impresso, ela o conhecia. Perigoe vivia razoavelmente, mas não necessariamente à custa dos habitantes locais (embora eles tivessem pouco mais que fazer nas noites escuras além de ler, poucos haviam adquirido essa habilidade). Ela dirigia um serviço de entregas muito eficiente, por intermédio de um cavalo e uma carroça, para o norte da Cidade, onde viviam os ricos e os ociosos que compravam livros simplesmente para demonstrar seu estilo e superioridade intelectual. Perigoe aprendera cedo que não era difícil ganhar dinheiro com a vaidade dos outros.

Ela era uma mulher pequenina, quase uma anã, com o rosto atormentado e um sorriso meio torto. Em meses recentes, seu olho esquerdo desenvolvera um tique irritante, um piscar que aumentava quando ela ficava nervosa — estado em que se encontrava a maior parte do tempo —, tendo como resultado ela piscar constantemente. Suas narinas em forma de sino sustentavam um par de óculos redondos, quase como se elas tivessem sido projetadas com essa finalidade. E tornavam desnecessárias as hastes dos óculos, pois eles nunca caíam, mesmo quando ela se abaixava. Desde a morte de seu marido, uns três anos antes, Perigoe passara a usar quase que exclusivamente o preto e, tendo em vista seu tamanho e seus trajes, geralmente era difícil enxergá-la na penumbra. Ela sentia grande prazer em emergir de cantos escuros, dar tapinhas nas costas de clientes, fazendo-os pular.

Joe entrou na livraria, deixando Ludlow do lado de fora, e ficou parado alguns minutos, em silêncio, olhando à sua volta. Teve de se curvar um pouco e, quando tirou o chapéu, os cabelos revoltos roçaram as vigas de carvalho que sustentavam o teto. As paredes eram todas forradas com prateleiras, e de um lado a outro do chão corriam juntas, em linhas paralelas, estantes com livros. Joe caminhou entre elas, percorrendo os dedos compridos pelas lombadas escuras dos volumes. Parecia não haver uma ordem em particular na arrumação: romances ficavam ao lado de obras científicas, arte ao lado de matemática, livros antigos ao lado de novos.

Perigoe surgiu como se do nada e o cutucou com um enrugado dedo indicador.

— Sr. Zabbidou, creio eu. — Sua voz era quase inaudível. Perigoe sempre falava como se achasse que havia alguém escutando às escondidas.

— Eu mesmo — rebateu Joe. — É um prazer encontrá-la, sra. Leafbinder. — Pegou sua mão descarnada e beijou-a com grande cerimônia.

Perigoe deixou que sua mão se demorasse, lembrando-se por um instante de

um tempo no qual ela teria enrubescido diante de tal gesto.

- Em que posso ajudá-lo? — perguntou e piscou três vezes.

- Procuo um livro — disse Joe — sobre animais, anfíbios em particular, de S. E. Salter. Esperava que talvez tivesse esse volume.

- Bem, creio que tenho — disse Perigoe e deslizou pelo chão, quase como se não possuísse pés, para procurá-lo. Retornou rapidamente e entregou um livro a Joe, um fino volume com capa dura e ilustrações coloridas. Ele o segurou firmemente entre o polegar e o indicador e olhou-a fundo em seus olhos. Perigoe encontrou dificuldade em evitar seu olhar.

- Creio que você gostaria de compartilhar uma bebida comigo — sugeriu ele. — Esta noite, talvez?

Perigoe concordou lentamente com a cabeça e suas pálpebras sacudiram como um lençol ao vento. Ela queria desviar a vista, mas por algum motivo era incapaz. Música suave encheu sua cabeça, como a canção matinal de passarinhos, e as pontas de seus dedos ossudos começaram a formigar como se estivessem sendo perfuradas por agulhas.

— À meia-noite?

Perigoe confirmou novamente.

— Então até lá — disse Joe, quebrando o encanto e seguindo para a porta. Ali, ergueu o livro.

— Quanto lhe devo?

O coração de Perigoe agitava-se como uma mariposa presa e ela precisou se apoiar em uma estante.

— Nada — sussurrou.

Joe estendeu a mão para a maçaneta, quando uma sombra negra do outro lado encheu a moldura da porta. Podia ouvir o som de uma respiração pesada e, momentos depois, Jeremiah Ratchet irrompeu como uma garrafa de cerveja superfermentada estourando sua rolha. Quando viu Joe, bufou com desdém. Joe simplesmente recuou para que ele entrasse, tocou na aba do chapéu em cumprimento e deu o fora sem olhar para trás.

Ao seguirem de volta para a loja, Ludlow ficou imaginando que tipo de negócio jeremiah teria com Perigoe. Certamente ele não era um homem de letras. Ludlow tentou ler o título do livro que Joe agora carregava, algo sobre anfíbios, mas ele estava tapado pelas dobras da capa que seu patrão usava.

Para o forasteiro, em comparação à maioria dos aldeões, Perigoe Leafbinder levava uma boa vida. Dirigia um negócio bem-sucedido e não carecia de dinheiro. Já havia desfrutado uma vida de casada e agora se sentia igualmente satisfeita com a viuvez. Mesmo assim, foi parar debaixo dos três globos dourados à meia-noite. Como muitos de seus colegas pagus-parvianos, ela abrigava um nocivo segredo que não a deixava em paz. Ela ergueu o braço sob a luz da expectante lua crescente.

Joe abriu a porta antes que ela pudesse bater.

— Sra. Leafbinder — disse ele. — Eu estava à sua espera.

Perigoe deslizou silenciosamente para dentro e Joe a conduziu à sala dos fundos.

- O que você faz aqui tarde da noite? — quis saber ela, e suas pálpebras se contraíram rapidamente.

- Eu compro segredos.

Perigoe ajustou nervosamente seus óculos, enquanto refletia sobre o que acabara de ouvir. Por fim, ela disse:

- Eu tenho um segredo que gostaria de vender. Você compra?

- Mas é claro — respondeu Joe e lhe entregou um cálice. — Tenho certeza de que qualquer segredo seu é da mais alta qualidade e vale uma boa soma de dinheiro.

Perigoe enrubescou e piscou duas vezes, deu um pequeno gole no líquido xaroposo e começou.

A confissão da livreira

Meu nome é Perigo Leafbinder e tenho uma revelação infame.

Os Leafbinder estão no negócio de livros há quase dois séculos, e me orgulho de continuar com a tradição. Passei trinta anos de minha vida nessa livraria e, com a vontade de Deus, gostaria de passar mais trinta, mas, se não conseguir aliviar minha mente torturada, duvido que consiga mais um ano.

Existe um livro do qual três exemplares são considerados imensamente valiosos. A história em si não é de grande interesse, nem possui valor literário, pois se trata meramente da simples narrativa de um pastor das montanhas. O que torna o livro procurado é o fato de que a décima terceira linha da décima terceira página foi impressa de trás para a frente. Ninguém sabe como isso aconteceu; alguns acreditam que o impressor tinha, um pacto com Belzebu e as palavras foram viradas durante uma de suas cerimônias diabólicas. Outros dizem que as letras foram, invertidas por causa de um relâmpago enviado do céu, um sinal de aprovação do maior pastor de todos, o próprio Senhor. Ou talvez tenha sido o jovem aprendiz do impressor — ele apreciava uns tragos e gostava de uma brincadeira. Seja qual for o motivo, dentre os duzentos exemplares impressos do livro, esse erro ocorre apenas em três.

O paradeiro de dois dos três com erro de impressão é conhecido: um está num museu de uma cidade estrangeira, o outro com a família do pastor que escreveu a história. Eles vivem com suas ovelhas nas montanhas e raramente são vistos. Guardam esse exemplar há gerações e se recusam a vendê-lo seja qual for o preço. Dizem que o dinheiro não tem valor para eles. O terceiro livro está desaparecido há quase duzentos anos. Pensava-se que ele não existia.

Possuir esse volume traria fama e riqueza instantâneas e eu, como muitos outros, há anos sonhava em encontrá-lo, mas em vão.

Alguns meses atrás, estava na minha livraria quando ouvi a sineta e vi uma frágil senhora idosa andando lentamente por entre as estantes. Caminhava com dificuldade, com a ajuda de duas bengalas. Seu cotovelo esquerdo era mantido firmemente contra a lateral do corpo, tomando seu lento avanço ainda mais doloroso, e pude perceber, de imediato, que ela escondia algo debaixo de sua capa.

Surgi diante dela, a cumprimentei e a conduzi ao escritório, onde ela apoiou as bengalas na escrivaninha. Eram quase seis horas e eu estava ansiosa para fechar a loja e descansar o resto do dia. Numa tentativa de apressar as coisas, perguntei um tanto bruscamente:

— Senhora, em que posso ajudá-la?

Ela me olhou desconfiada e perguntou:

- Você compra livros?

Assenti.

- Quanto diria, que isso aqui vale?

Tirei de baixo da capa um gasto volume com encadernação de couro marrom e o segurei sobre a mesa. Não parecia disposta a largá-lo e tive de usar alguma força para soltá-lo de sua mão. Seus pequeninos olhos negros ficaram sobre mim o tempo todo.

Examinei o romance, um tanto descuidadamente a princípio, pois achava que não devia ser de grande valor. A capa de couro estava manchada e desgastada, o título era ilegível e o livro parecia ter sido muitíssimo maltratado.

Mas, quando o abri, não estava nem um pouco preparada para o que vi. Ali, na folha de rosto, estavam as palavras "A solidão do pastor das montanhas altas, por Arthur Wolman".

Meu coração deu um tranco no peito. Seria aquele o exemplar desaparecido? Os olhos da

velha me perfuravam o tempo todo enquanto eu realizava o meu exame. Casualmente, virei as páginas. Estavam amareladas com a idade e o mofo, e algumas estavam grudadas. Cheguei à página treze e fiquei à beira da apoplexia quando a li. A décima terceira linha estava ao contrário.

"oingmod mun sahlevo sahnim sa raiuqsot ed avatsog uE"

"Hum", refleti, como se estivesse em dúvida. E, de fato, estava. Imagine, eu tinha em mãos um livro que poderia me trazer riquezas e aclamação, mas só então me dei conta de que não tinha dinheiro para comprá-lo. Em meus sonhos, nunca tinha pensado como pagaria, por ele; apenas havia imaginado que de algum modo o livro seria meu.

Concluí que tinha duas opções. Podia fingir que o livro era sem valor e oferecer a velha senhora uma quantia de dinheiro simbólica ou podia lhe dizer a verdade e ela iria embora e o venderia a quem pudesse pagar.

A pergunta era: ela sabia o valor do livro? Eu podia sentir gotas de suor em minha testa e foi necessária toda a minha concentração para fazer minhas mãos pararem de tremer. Os olhos dela eram como agulhas em minha pele.

- Bem? — perguntou ela um tanto impacientemente.

Minha resposta selou meu miserável destino.

- É um livro interessante — falei lentamente —, mas não é particularmente valioso. — Essas palavras me enviaram a um caminho do qual não havia volta.

Ela pareceu decepcionada e, por um breve instante, me permiti ter esperança. Seria possível que ela ignorasse seu verdadeiro valor?

— Mas — continuei, tentando animá-la — acontece que tenho um cliente interessado nesse autor, portanto teria o prazer de lhe dar dez shillings pelo livro. Tenho certeza, de que concorda que é uma oferta generosa, considerando o péssimo estado.

Soni cuidadosamente, acho eu. A velha retribuiu o somso de um jeito meio maldoso com os lábios apertados.

Então abriu os lábios finos e sibilou:

— Sua mentirosa suja. Sua trapaceira desprezível. Acha que sou idiota? Só porque ando de muletas tenho a cabeça oca?

Eu fora apanhada. Levantei-me e tentei aplacar sua fúria crescente.

— Talvez eu tenha cometido um engano. Deixe-me olhar novamente. — Mas era tarde demais. Eu estava além da salvação.

— Este livro vale muitas vezes mais o que acaba de me oferecer, porém você optou por me insultar. Você não passa de uma vigarista. Devolva-me o livro.

Estendeu a mão sobre a mesa para apanhar o livro e tudo em que pude pensar foi que meu sonho estava sendo levado com ele.

- Vou levá-lo a outro lugar — disse ela, ainda puxando-o. — Para alguém com integridade.

- Eu sinto muito — bebrei, à beira das lágrimas. — Foi um momento de fraqueza. Afinal, sou apenas humana. Fosso ser tentada. — Eu ainda segurava o livro. Não podia suportar a idéia de largá-lo.

— Já ouvi o bastante — falou, cuspidando no chão à minha frente.

Pelejamos em cima do tampo da escrivaninha. Primeiro, uma controlava, depois a outra, até, finalmente, eu dar um violento puxão e o livro se soltar. A velha caiu para trás e olhei horrorizada sua cabeça se fraturar no braço da cadeira e ela desabar no chão como uma pilha de pele e ossos. Com para ela e cai de joelhos a seu lado, inclinando-me mais perto para ver se ela ainda respirava.

Ela sussurrou no meu ouvido: ".ognimod mun sahlevo sahnim sa raiuqsot ed avatsog uE", então expirou, sua respiração final embaciando meus olhos.

— Oh, Senhor no céu — murmurei. — Agora, o que faço? — Não era costume clientes

morrerem na livraria e eu não sabia, qual era o procedimento correto. E, enquanto isso, eu tremia ao ouvir a voz do demônio, pois certamente só podia ser ele, palpitando no meu ouvido.

"Pegue o livro", sussurrou ele. "Pegue o livro. Quem vai saber?"

Gostaria de dizer que discuti, que me envolvi num debate sobre a natureza imoral de sua sugestão, mas isso seria uma inverdade. Em vez disso, apanhei-o onde ele havia caído e o enfiei atrás do Declínio e Queda de Gibbon, numa prateleira alta acima da escrivaninha. Quando me viri, assustei-me ao ver JeremiaK Ratchet parado na porta aberta. Não fazia idéia de há quanto tempo ele estava ali.

- Minha cara Perigoe — perguntou —, o que, nesta miserável vida, você está fazendo?

- Ela morreu na minha livraria — choraminguei. — Ela simplesmente caiu.

- Sei — disse ele.

O Dr. Mouldered chegou e Ratchet foi para o lado, observar a cena. Sua presença me fazia sentir visivelmente incomodada.

— Ataque cardíaco — anunciou Mouldered após o mais breve dos exames.

Ratchet soltou uma das suas sonoras bufadas e Mouldered fechou sua maleta e saiu apressadamente. Para meu intenso alívio o serviço funerário chegou não muito tempo depois, o corpo foi removido e JeremiaK partiu.

Naquela noite, após escurecer, bolei um plano. Eu queria vender o livro, mas tinha de tomar cuidado. Não tinha certeza de quem mais sabia que a velha o possuía. Eu ouvira falar de alguém na Cidade que me pagaria, um bom preço por tal livro e em quem eu poderia confiar para não revelara minha identidade. É claro que assim, não haveria celebridade ou fama, mas seria um pequeno sacrifício. Se eu fosse naquela hora, poderia voltar antes do amanhecer e ninguém ficaria sabendo. Escondi o livro na minha capa, sai para a rua e dei de cara com JeremiaH Ratchet.

- Minha cara, Perigas — disse ele com aquele seu jeito asqueroso —, gostaria de saber que negócio fazia você deixar Pagus Parvus a esta hora da noite.

- Isso é da minha conta — respondi bruscamente. — Agora saia do caminho e me deixe passar.

Ele continuou onde estava.

- Estive pensando nos acontecimentos desta noite: a morte daquela pobre e infeliz, mulher, o livro...

- O livro?

- Há um preço para se manter segredos — disse ele.

Seu tom de voz me apavorou.

- O que está sugerindo, sr. Ratchet?

- Creio que está a caminho da cidade para se livrar do livro, o tal que roubou esta tarde da velha, por uma grande soma de dinheiro, que você guardará para si mesma.

- Não há livro nenhum, sr. Ratchet.

- Bem — disse JeremiaH —, então temos um problema. Sabe, se você não encontrar o livro, que eu sei que está aqui, então serei forçado a dizer ao juiz, que testemunhei a morte daquela mulher em suas mãos. A pena para assassinato é a forca, sabe.

- Assassinato?

- Eu vi tudo — disse JeremiaH. — Vi você atacar a velha e depois empurrá-la para o chão, só para arrancar o livro de suas mãos moribundas.

- Não foi assim que aconteceu — protestei, mas JeremiaH simplesmente deu uma risada.

- Pense com todo o cuidado no que eu disse, sr. Leafbinder. Tenho certeza de que vai acabar concordando comigo.

Envergonhei-me em dizer que por um minuto amaldiçoei o patife ardiloso, mas eu sabia quando estava derrotada.

- Diga-me o que quer, sr. Ratchet — falei finalmente.

- É bastante simples, minha cara. Quero poder escolher o que eu quiser de suas prateleiras, quando eu quiser, e um pequeno pagamento, digamos cinco shillings por semana.

- E o livro?

Ele fingiu pensar no assunto.

— Bem, eu poderia levá-lo para a Cidade, é claro, mas creio que vou esperar. Talvez após alguns anos, eu o venda pelo seu valor integral. Enquanto isso, se fizer a bondade de entregá-lo a mim, eu o manterei em segurança.

Que homem sádico, desalmado, estava diante de mim. Não tive escolha, a não ser aceitar seus termos. Eu sabia que Ratchet não hesitaria em ir direto ao juiz, o qual, sem dúvida, poderia ser convencido com dinheiro para acreditar em qualquer coisa que Ratchet quisesse, e eu seria enforcada por assassinato.

— Voltarei na sexta-feira, para apanhar meu dinheiro — disse ele e partiu com o precioso livro debaixo do braço.

É desnecessário dizer que ele cumpriu com sua palavra. Toda sexta-feira ele vem para apanhar seu dinheiro e o que mais ele quiser. Quanto ao exemplar de *A solidão do pastor das montanhas altas*, todas as noites eu deito na cama e amaldiçoo mil vezes minha cobiça e estupidez. Enquanto isso, Jeremiah está acabando com o meu negócio.

Não posso mudar o que fiz, sr. Zabbidou, e lamento por tudo. Tudo que quero é dormir novamente, e esquecer.

Ludlow pousou a pena, colocou uma folha de mata-borrão entre as páginas e fechou o livro. Joe segurou a mão fria de Perigoe.

- Você vai dormir — disse ele —, agora seu segredo está salvo.

- Mas e Ratchet? — perguntou Perigoe, um tremor na voz. — Ele continua com o livro.

- Seja paciente, Perigoe. Ele pagará pelo que tem feito. Isso é tudo que eu posso dizer. Agora tome isto — respondeu entregando-lhe um saco de moedas —, vá para casa e descanse um pouco.

Joe observou Perigoe caminhar de volta para a livraria. Viu-a entrar e esperou as luzes se apagarem. Então ele foi para a cama sorrindo. Joe Zabbidou não tinha problema para dormir.

O SEGREDO DE PERIGOE FOI o último que anotei no Livro negro. Na manhã seguinte à visita dela, Joe me mandou comprar um pouco de pão. Cumprimentei os padeiros como de hábito, mas a reação deles foi fria. Elias me serviu em silêncio e seus olhos disparavam adagas. O menino mais velho, que estava atrás do balcão, não conseguia nem mesmo olhar para mim. Despedi-me e fui embora, imaginando o que teria feito para ofendê-los. Ao passar pela porta, avistei os outros dois irmãos Fermentados do outro lado da rua. Normalmente, eles gostavam de caminhar comigo, mas nesse dia saíram correndo e ficaram observando de mais abaixo da colina. Um deles jogou uma bola de neve. Ela atingiu o lado da minha cabeça e ardeu muito. Quando coloquei a mão na pancada, havia sangue e vi uma pequena pedra caída a meus pés.

De repente, a janela acima de mim se abriu e no segundo seguinte um balde de água suja gelada encharcou-me da cabeça aos pés. "É isso aí", surgiu a voz escarnecedora. "Volte para o seu amigo demônio. A gente não quer você por aqui." Era Ruby.

Disparei e corri de volta para a loja, irrompendo pela porta. Bati-a atrás de mim e fechei o ferrolho.

- O que aconteceu? — perguntou Joe, notando o sangue em meu rosto.

- Não sei — respondi —, mas Elias não falou comigo e Ruby jogou um balde de água gelada sobre minha cabeça.

Joe parecia intrigado:

- Por quê?

- Não sei — falei precipitadamente. — Tudo o que quis foi um pão.

Despi a capa e a pendurei diante do fogo. Joe estava sentado, inclinado para a frente, as mãos cruzadas debaixo do queixo. Sacudi minha cabeça gotejante e pingos de água se transformaram em vapor nas achas ardentes.

- Você sabia que isso ia acontecer? — perguntei. — É por causa de Jeremiah?

- Não sei a respeito de Jeremiah — disse Joe lentamente —, mas devo confessar que esperava algo parecido.

- Por quê?

- Porque há uma linha tênue entre gratidão e ressentimento. Todos ficam felizes em aceitar o meu dinheiro... sorriem e agradecem, vão embora e esquecem o quanto estavam mal antes de eu chegar. Então voltam à procura de mais.

Fiquei surpreso com a amargura em sua voz. Aquele não era o Joe que eu conhecia, que não guardava rancor, não tinha antipatias, que não hesitava

diante de qualquer situação. Inquietei-me ao ver esse seu lado.

- Você fala como se isso já tivesse acontecido antes — observei.

- Já aconteceu, mas normalmente sei o motivo.

- Bem, seja qual for, creio que é injusto — comecei, mas, ao mesmo tempo, Saluki passou a coaxar ruidosamente na loja e a paz e a tranquilidade da manhã foram violentamente interrompidas pelo som de uma desenfreada discussão na rua.

Joe levantou-se com um pulo e apressou-se até a porta, eu o segui e, juntos, corremos colina abaixo. A visão que nos recebeu, se não fosse pela sua seriedade, teria sido quase ridícula e mais apropriada ao teatro. Jeremiah Ratchet e Horatio Cleaver discutiam, na verdade se engalfinhavam, no meio da rua. E a causa da discórdia? Um peru.

Os olhos de Joe faiscaram.

— Começou — disse ele.

Ao nos aproximarmos da rixa, tornou-se aparente o que acontecia.

— Não vai pegar mais da minha carne, seu cascateiro ladrão! — gritava Horatio, e os espectadores vibravam.

Parecia que a aldeia inteira tinha saído para olhar: os Fermentados, Perigoe, Obadiah, Benjamin Tup, Job Wright, Lily Weaver, o Dr. Mouldered, Polly e até mesmo alguns rostos que não me eram familiares.

Ratchet nada dizia, apenas plantava os pés mais firmemente no chão e puxava com toda a sua força. Segurava as coxas do peru, Horatio tinha a cabeça, e o pobre bicho morto estava prestes a ser rasgado ao meio. Jeremiah estava roxo por causa do esforço, e as bochechas de Horatio tinham uma tonalidade semelhante.

Os homens estavam empatados: ambos determinados e firmemente no chão. Horatio era ligeiramente mais alto, mas havia controvérsias se isso era ou não uma vantagem na rua congelada. O ar estava repleto de pragas rogadas e palavras, perdigotos e vapores de bafos.

— O peru é meu! — berrou Jeremiah. — Você me deve, Horatio.

Com um forte puxão, ele conseguiu desequilibrar o açougueiro, que largou a ave para não cair. Foi Jeremiah, é claro, que caiu, e ficar com o peru não serviu de consolo pela perda de sua dignidade ao girar três vezes no gelo antes de parar aos pés de Joe.

A multidão vibrou e riu e aplaudiu enquanto Jeremiah pelejava para se pôr de pé. Somente Joe estendeu a mão para ajudar, mas Jeremiah ignorou-a e foi embora para sua casa, ainda segurando a ave flácida.

— Já vai tarde — gritou Elias Fermentado. Jeremiah não olhou para trás. Eu fiquei surpreso.

Ele não era do tipo de homem que deixa outra pessoa ter a última palavra.

Horatio aproximou-se de Joe num estado de grande emoção por causa do que

acabara de fazer. Nunca pensei em ver esse homem tranquilo tão jubiloso.

— Você viu isso, Joe? — Ele respirava com dificuldade e tremia. — Eu o enfrentei. Falei que ele não podia mais pegar minha carne. Como você disse.

Ele parecia ter esquecido que Jeremiah ficara com o peru.

Horatio esperou que Joe respondesse, que lhe desse um tapinha nas costas e o parabenizasse, mas este nada disse. Seu rosto passou de cinzento para branco e, por apenas um instante, a raiva incendiou seus olhos.

— Eu não disse isso — murmurou. — De modo algum eu disse isso.

Job Wright, o ferreiro, adiantou-se e sua boca estava retorcida e mostrava os dentes.

- Ah — disse ele, e a voz transbordava de sarcasmo —, você finalmente veio nos ajudar.

- A vez de Ratchet vai chegar — disse Joe simplesmente. — Tudo o que vocês têm a fazer é esperar. Por enquanto, não podem ficar felizes só pelo fato de a sorte de todos ter mudado?

- Mas por quanto tempo teremos de esperar? — perguntou Obadiah. — Você me disse que Jeremiah sentiria a força de sua justiça.

Horatio olhou em direção à multidão.

- E ele me disse que Ratchet teria o que merece. Então foi a vez de Perigoe.

- Eu também estive com ele — disse ela o mais alto que pôde —, e ele me disse que faria Jeremiah pagar.

- Foi isso o que ele me disse — surgiu uma outra voz.

- E para mim — disse mais alguém. — Mas eu pensei que fosse o único!

- Do que vocês estão falando? — perguntou outra, e seu vizinho (que recentemente vendera seu segredo) virou-se de pronto para ele e começou a informá-lo sobre o confessionário da meia-noite de Joe e o Livro negro.

De repente todos falavam ao mesmo tempo, ao se darem conta exatamente de quantos de seus conterrâneos tinham visitado secretamente Joe Zabbidou ao bater da meia-noite. Os que haviam sido convidados pessoalmente ao aposento dos fundos agora se sentiam trapaceados, pois não fora um serviço exclusivo — Joe de fato sabia fazer as pessoas se sentirem especiais —, e aqueles que não haviam sido convidados se sentiam trapaceados por não terem sido considerados merecedores do serviço. Fossem quais fossem as circunstâncias individuais, a multidão descontente, que momentos antes ria de Jeremiah, voltava-se unida para Joe Zabbidou e fitava-o com um olhar gelado. Olhei para todos eles, seus rostos reluzindo no frio, os rostos compridos focalizados em Joe. Minhas palmas estavam úmidas com suor frio. Não eram mais rostos amigáveis, e fiquei com medo.

Job Wright estava parado com as pernas afastadas e os fortes braços cruzados sobre o peito. Na ausência de qualquer outro voluntário, ele parecia ter assumido o papel de porta-voz da aldeia.

— Bem, sr. Zabbidou, o que tem a dizer?

O vozerio parou instantaneamente. Segundos se passaram, e o silêncio era tal, que o tempo parecia correr mais lentamente. Eu podia ver os músculos do rosto cerrarem e descerrarem a mandíbula de Joe, que falou por entre dentes trincados.

— Eu não disse nada dessas coisas. Vocês distorceram minhas palavras, palavras de consolo que pronunciei.

- Então o que foi exatamente que você disse? — desafiou o ferreiro.

- Eu disse para terem paciência. — Joe olhou em volta os rostos zombeteiros antes de se fixar em Perigoe, Horatio e Obadiah, que estavam juntos, aflitos e amontoados. — Não é verdade?

A princípio, ninguém respondeu. Então Horatio confirmou com a cabeça, envergonhado.

— Acho que você deve ter falado isso — disse baixinho.

Perigoe e Obadiah enrubesceram e também confirmaram, mas Job não se satisfazia assim tão facilmente.

— Que disparate é esse? — rosnou em voz alta, batendo o punho na palma da mão. — Primeiro, promete ajudar, e agora, quando pedimos essa ajuda, se esconde atrás de palavras. Você não é melhor do que o próprio Jeremiah Ratchet. Aliás, é pior. Pelo menos ele faz o que diz.

Virou-se e dirigiu-se aos espectadores hipnotizados. Job os tinha presos a cada uma de suas palavras, de um modo que Stirling Oliphaunt nunca havia conseguido. Eu mal podia acreditar no quanto ele havia mudado. Ele também estivera na loja à meia-noite, assim como o resto, e aceitara com prazer o dinheiro e a paz de espírito, mas agora parecia inclinado a liderar a aldeia contra nós.

— Jeremiah Ratchet deve ser castigado pelo que fez a todos nós — declarou Job. — Já esperamos tempo demais. Começamos sem Joe Zabbidou e terminaremos sem ele.

- Apoiado! — disse uma voz lá atrás, e um profundo rumor de aprovação percorreu a multidão.

- Vocês não entendem — disse Joe, tentando se fazer ouvir acima dos murmúrios de descontentamento.

Mas perdia seu tempo. Ninguém mais o ouvia. Todos os olhos estavam voltados para Job. Agora eu estava realmente apavorado, por mim e por Joe. Podia sentir o quanto eles estavam furiosos. Quis gritar para eles, pedir que ouvissem, mas nenhum som saiu de minha boca.

Job virou-se para Joe.

- Você vem para cá — vociferou. — Toma nossos segredos e faz falsas promessas. Diga-nos, o que vai fazer com esses segredos? Quantos de nós têm dívida com você?

- Eu paguei pelos seus segredos — insistiu Joe. — Cumpri a minha parte do acordo.

Job aproveitou a deixa.

- Arrá, então é uma questão de dinheiro. E não é verdade que paga tanto, que mesmo se quiséssemos os segredos de volta não teríamos condições de pagar?

- Foi uma troca justa — gritou Joe, agora cansado e exasperado. — Nunca esperei ter o dinheiro de volta. — Todos falavam ao mesmo tempo. — Você sabe que esse é o meu negócio.

Job foi até ele até seus narizes quase se tocarem.

— Negócios? — deu uma gargalhada. — Pelo menos estamos conseguindo a verdade. Jeremiah Ratchet diz que é um homem de negócios. Vejo que vocês dois não são diferentes.

Virou-se e dirigiu-se à turba indócil.

— Talvez estejamos indo atrás do homem errado. Talvez Jeremiah Ratchet e nosso bom amigo Joe Zabbidou aqui presente estejam nisso juntos!

Olhei os rostos enraivecidos diante de nós, e foi difícil acreditar que aquelas eram as mesmas pessoas que outrora recebiam Joe de braços abertos. Pude ouvir as palavras "mentiroso" e "vigiarista", e fiquei enfurecido. Dei um passo à frente, achando que talvez fosse preciso protegê-lo, mas Joe me deteve.

— Não é nada disso — disse ele. — Não menti para vocês. Nunca prometi...

Joe, porém, não conseguiu terminar porque a multidão tinha se voltado contra ele. Começaram a vaiar e assobiar.

Joe permaneceu ali, atônito, os braços pendendo soltos nas laterais do corpo. As pessoas começaram a bombardeá-lo com neve e cascalho e qualquer coisa que conseguissem encontrar. Agarrei sua mão e arrastei-o dali. Eu sabia que corríamos perigo ali, a céu aberto. Olhei para trás apenas uma vez e, para meu desânimo, vi Jeremiah Ratchet parado no degrau de entrada de sua casa. Os braços estavam cruzados sobre o peito e, quando fez contato visual comigo, abriu a boca e começou a gargalhar.

Tranquei a loja e baixei as persianas. Permanecemos lá dentro o resto do dia. Não podia acreditar no que acontecera e caminhava entre os aposentos, repassando tudo em minha mente.

— Como puderam fazer isso com você? Depois de tudo que fez por eles.

Joe estava sentado calmamente junto ao fogo. Ouvia meu discurso, mas não respondia. Ele mal pronunciou uma palavra a tarde toda, mas eu podia dizer que sua mente trabalhava furiosamente. O que planejava? Vingança contra os aldeões ou vingança contra Jeremiah? Certamente teria de ser uma coisa ou outra. Em meu coração, porém, eu sabia que não era nenhuma das duas. Vingança não fazia o gênero de Joe.

Ele parecia falar sozinho, garantindo a si mesmo que nada fizera de errado.

- Sempre paguei um preço justo — murmurou. — Após um negócio ser fechado, está fechado e ninguém deve a ninguém. Mas, mesmo assim, para essas pessoas não é suficiente. Elas me acusam de fazer falsas promessas.

- Elas o entenderam mal — falei.

Ele ergueu a vista para mim.

- Eu não prometi nada. Jeremiah não tem qualquer poder sobre mim, mas isso não quer dizer que eu possa fazer algo com ele. — Seu rosto estava apertado num profundo franzido e as sobrancelhas quase se tocavam. — Existem regras e preciso obedecê-las.

- Regras? Que regras? — perguntei.

Mas Joe estava novamente falando sozinho.

- Eu lhes dei dinheiro, muito mais do que mereciam, e pedi que fossem pacientes. Apenas isso. Não chega a ser um compromisso. Mas agora me tratam como se eu os tivesse traído. Por que é da natureza humana ouvir uma coisa e acreditar que é outra?

— Porque queremos que as coisas melhorem — co mentei. — Caso contrário, todos nós desistiríamos.

Joe fechou os olhos.

— Dum spiro, spero — disse ele. — Enquanto respiro, tenho esperança.

Capítulo 31
A mensageira relutante

No TRUTA NO ÁLCOOL, Benjamin Tup pelejava para atender às exigências dos clientes. Ele nunca tivera antes de lidar com uma taberna cheia, e naquela noite o lugar inchava de aldeões, alguns dos quais, como Perigoe Leafbinder, nunca haviam estado além da soleira da porta. Estavam sentados, de pé, recostados e empoleirados em cada superfície disponível, formando um círculo apertado, ao mesmo tempo, de alguma forma, conseguindo se agarrar a uma jarra de cerveja. Job Wright era o único que se sentia razoavelmente confortável, pois se encontrava no centro do palco em uma mesa instável com manchas de cerveja.

— Companheiros aldeões — estrondeou para a animada e levemente embriagada multidão. — Eu digo que chegou a hora de retomar o que é nosso de direito. Vocês todos viram Horatio esta tarde, um homem corajoso como eu nunca vi. O modo como ele se agarrou àquele peru é algo que jamais esquecerei pelo resto dos meus dias.

Horatio enrubescou com o elogio e cambaleou sob as palmadinhas que choveram em suas costas. Cobriu os ouvidos quando os ensurdecedores gritos de aplausos chocalharam seu cérebro.

- Mas isso é apenas o começo — continuou Job. — Todo esse tempo pensávamos que Jeremiah era a fonte de todo o nosso infortúnio. Mas agora sabemos que ele é meramente o laçao de Joe Zabbidou. Stirling tinha razão, Joe é o demônio e está executando seus jogos diabólicos com a gente. Há alguém aqui que possa dizer que não tem uma dívida com ele?

- Todos nós somos seus devedores — gritaram todos de volta. — Todos e cada um de nós.

- Ele nos enganou — disse Job severamente.

- Mas não é tarde demais. Ainda podemos detê-lo. Somente uma voz discordou, e esta pertencia a Polly.

Ela pulou para cima da mesa e ficou diante de Job. Os aldeões se surpreenderam e ficaram num intranquilo silêncio.

— Não dêem ouvidos a isso — insistiu. — Não é com Joe que devemos nos preocupar. É com Jeremiah. Joe ajudou todos vocês. Por que estão fazendo isso com ele?

Alguns dos aldeões, os mais sóbrios, murmuraram que Polly tinha razão.

— A garota está certa — disse Lily Weaver. — Não deveríamos primeiro cuidar de Jeremiah?

Elias Fermentado então subiu na mesa, a qual agora balançava assustadoramente.

— Não — disse ele. — É de Joe que precisamos cuidar. E, se querem provas, escutem isto. — Enfiou a mão no bolso e tirou um pedaço de papel e leu. — "Si você qué mantê seus segredo deixe cinco shillings no portão da igreja esta noite e eu num direi nada." A multidão engoliu em seco.

— Sim — disse Elias —, uma ameaça de chantagem, deixada secretamente em minha loja, sem dúvida por Ludlow, e escrita por ninguém menos do que Joe Zabbidou. E isto é apenas o começo. Quem será o próximo chantageado?

Os aldeões não precisaram de mais convencimento e, do lado de fora da taberna, escondido nas sombras, com o ouvido pressionado contra a vidraça, Jeremiah Ratchet também ouviu o que Elias tinha a dizer. Enquanto ouvia, um malicioso sorriso de lábios úmidos atravessou suas bochechas carnudas. Agora ele sabia de tudo.

Lá dentro, o coração de Polly quase para. "Preciso contar a Ludlow", pensou, saindo sorrateiramente da taberna e disparando colina acima. Bateu ruidosamente na porta do penhorista até Ludlow finalmente deixá-la entrar e levá-la à sala dos fundos. Polly ficou pouco à vontade diante do fogo, apertando e torcendo as mãos. Seu rosto estava pálido e ela umedecia nervosamente os lábios.

- O que posso fazer por você, minha cara? — perguntou Joe calmamente.

- Há uma coisa que preciso lhe contar. — Sua voz era um pouco mais alta do que um sussurro. — Uma coisa que acho que devia saber.

Num canto, Ludlow empalideceu. O que ela queria dizer? "Não conte a ele o que fizemos", pediu-lhe silenciosamente.

- Eu quero ajudá-lo. — Ela parecia quase como se se desculpasse, e então as palavras saíram uma atropelando a outra. — Estou aqui para alertar você. Creio que corre perigo. Depois da briga pelo peru, todos foram para o Truta no Álcool. Todos estão furiosos. Ouvi algumas ameaças pavorosas. Algo terrível vai acontecer, tenho certeza.

- Para mim ou para Ratchet? — murmurou Joe. A resposta estava clara nos olhos de Polly.

- Agora que todos sabem o que faz à meia-noite, o assunto é o Livro negro. Eles pensam que você usou magia para enfeitá-los e arrancar seus segredos.

- Magia? — Joe ergueu as sobrancelhas, surpreso.

- Obadiah disse que você lhe deu uma poção encantada para ele soltar a língua. Os olhos de Joe se arregalaram.

- Mas que cérebro doentio têm essas pessoas. É nada mais do que conhaque, para acalmar os nervos.

- Job diz que você paga todo esse dinheiro para que todo mundo sempre fique lhe devendo. Diz que tenta assumir a posição de Jeremiah Ratchet.

- Ele não passa de um desordeiro — impacientou-se Joe, sem querer acreditar.

— Quer dizer que passaram a desgostar de mim porque lhes paguei demais?

Isso é loucura.

- Eles julgam você pelos padrões que conhecem, e tudo que conhecem é Jeremiah Ratchet. Você prometeu coisas...

- Não — interrompeu Joe prontamente. Ele nunca prometera nada.

Polly corrigiu-se.

- Eles acreditam que você prometeu ajudá-los, mas faltou com sua palavra, como Ratchet. — Fez um segundo de pausa. — E também tem a carta.

- Carta? — Joe e Ludlow falaram em uníssono.

Polly mudou de posição, desconfortavelmente.

- Não acreditei, até Elias Fermentado mostrá-la a todos na taberna. Ele a leu. É uma carta de chantagem. Ele disse que é de sua autoria. A carta diz que você quer cinco shillings no portão da igreja, esta noite, para ficar calado sobre o segredo dele.

- Então foi por isso que não falei comigo! — exclamou Ludlow.

- Eles acham que escrevi uma carta de chantagem? Por cinco shillings. — Joe riu totalmente perplexo. — Eles acreditam que comecei a ameaçá-los?

- Sim — disse Polly apressadamente. — E se quer ganhar de volta a confiança deles, terá de mostrar que está do lado deles. Antes que façam algo terrível.

- De que lado eles pensam que eu estou?

Ela não respondeu, apenas gesticulou com a cabeça colina abaixo.

- Diga-me — pediu Joe, com uma voz estranhamente inexpressiva —, de que modo posso provar o contrário? O que eles querem que eu faça com Jeremiah?

- Talvez tenha de dar a poção... isto é, o conhaque... para Jeremiah.

- E se eu fizer isso? O que acontecerá?

Polly pareceu um pouco constrangida.

- Sob a influência do conhaque, ele é capaz de admitir um crime terrível e, então, você poderá chantageá-lo.

Bufei ruidosamente. Joe jamais faria algo tão desleal quanto uma coisa dessas.

- Isso é mais do que inacreditável — estrondeou Joe. — Meu negócio não é chantagem.

- Sinto muito, sr. Zabbidou — disse Polly rapidamente, encolhendo-se para mais perto da lareira. — Só estou tentando ajudar. Todo mundo está zangado com você. Eu só queria que soubesse disso.

- E Jeremiah? — perguntou Joe subitamente. — O que ele sabe disso?

Polly sacudiu a cabeça.

— Não sei. Talvez nada. Mas tenho certeza de que ele também deve estar apertando alguma. Dia desses, um dos meninos Fermentados estava no gabinete dele. Eu só gostaria de saber o motivo.

Joe sacudiu exaustivamente a cabeça e recostou-se no consolo da lareira.

— Como me entristece ver o quão rápido os homens se voltam uns contra os outros.

Polly olhou desesperadamente para Ludlow.

— Por favor, tome cuidado — disse ela, e em seguida foi embora.

APÓS A PARTIDA DE Polly, Joe apanhou o conhaque e dois cálices e os colocou sobre o consolo. Então sentou-se pesadamente e fechou os olhos.

- Agora precisamos esperar — disse ele.

- Está esperando alguém?

- Talvez.

- Devo pegar o livro?

- Ainda não.

Sentei-me à mesa. O que mais poderia fazer? Eu tremia, estivera assim o dia todo, e minha boca estava seca. Ouvia o sino da igreja bater cada hora. A meia-noite chegou e se foi, e, lá fora, tudo continuava quieto. Minhas pestanas pesaram e pousei a cabeça na mesa, comecei a cochilar e então a sonhar. Estava correndo para me salvar. Sabia que havia alguém atrás de mim, mas não conseguia ver quem era. Sempre que eu olhava para trás, era ofuscado por uma luz brilhante que vinha do meio da escuridão. Meus pulmões guinchavam e minhas pernas eram como chumbo. Tentei gritar, mas não conseguia abrir a boca. Pa emergiu novamente da neblina, jogou-me no chão e começou a me sufocar. Pude ouvir Ma e mais alguém correr em nossa direção, suas passadas socando como marteladas.

Acordei, tremendo e com o coração disparado, mas o martelar continuava. Alguém batia na porta. Joe já estava na loja. Eu sabia quem era. Só havia um homem em Pagus Parvus que sentia a necessidade de fazer sua presença ser notada de tal maneira tão forçada.

Jeremiah Ratchet.

Corri para lá e vi a enorme silhueta de Jeremiah bloqueando o luar. Seu punho estava erguido para socar novamente, mas Joe já estava lá e abriu a porta tão rapidamente que ele caiu para dentro.

- Hurrumph — resmungou, previsivelmente, ao se aprumar.

- Ah, sr. Ratchet, que agradável surpresa.

Jeremiah plantou os pés firmemente no chão da loja e deu uma boa olhada em volta, como se reivindicasse o território para si. Viu a rã e, por um segundo, as duas criaturas se entreolharam com interesse, embora Saluki desviasse a vista primeiro. Então ele avançou pela loja e foi para a sala dos fundos. Joe o seguiu. Escorreguei para lá, sentei-me à mesa e me encolhi contra a parede, na tentativa de me esconder nas sombras.

Jeremiah parou diante do fogo, esquentando os fundilhos da calça. Cruzou os braços e torceu o nariz, como se o lugar tivesse mau cheiro. Joe serviu duas doses de conhaque, uma grande e outra pequena, e deu a maior a seu visitante.

Jeremiah bebeu-a de um só gole.

- Sr. Zabbidou — disse ele —, irei direto ao ponto. Não sou do tipo que mede palavras. Acredito em dizer o que acho que devo dizer.

- E o que deve dizer? — Joe estava estranhamente calmo, mas meu estômago dava voltas e voltas.

- Você me enganou por algum tempo, mas agora já entendi tudo. Eu sei qual é o seu jogo.

Esperou uma reação de Joe, um sorriso presunçoso cortando suas bochechas, como se esperasse um elogio.

- Meu jogo?

- Não vou negar que causou muitos problemas a mim e ao meu negócio. A princípio pensei que tramava contra mim. Via as idas e vindas no meio da noite. Os aldeões achando que você era uma espécie de herói, mas eu não conseguia entender por quê. Para mim, você não passava de um aborrecimento. Mas agora sei o que você faz e estou aqui porque quero que me ajude.

Parecia nervoso e gotículas de suor escoavam lentamente de sua linha capilar. Ele as enxugava com o lenço.

— O quê!? — exclamei, antes de conseguir me conter. Olhei para Joe. — Não acredita nisso, não é?

Joe fez um sinal para eu me calar.

— Em que posso ajudá-lo, sr. Ratchet?

Jeremiah deu um profundo suspiro e sentou-se pesadamente, forçando seu trêmulo traseiro para dentro da poltrona. Então, para minha surpresa, ele começou a soluçar. Não era uma visão agradável.

— Quero me livrar do peso de um terrível segredo — murmurou em meio às lágrimas. — Não sei mais a quem recorrer. Você é o único que pode ajudar.

Eu mal conseguia me conter. Ratchet querendo confessar? Ratchet soluçando? Isso só podia ser algum truque. Joe, porém, foi em frente, como se aquele comportamento fosse completamente normal.

— E como eu posso fazer isso? — perguntou Joe amavelmente.

Jeremiah olhou para seus dedos gordos.

— Com o livro — disse ele —, o Livro negro dos segredos.

Sacudi a cabeça, desgostoso. Jeremiah Ratchet não merecia sequer uma gota de tinta naquele livro. Eu estava para dizer isso, mas Joe falou antes de mim.

— Uma sábia decisão — disse ele. — Ludlow, apanhe o livro, por favor.

Fiquei paralisado de perplexidade. Joe ia continuar com aquela palhaçada. Ia comprar o segredo de Ratchet. Por quê? Para chantageá-lo, como disse Polly? Joe certamente jamais faria uma coisa dessas!

— O livro, Ludlow — repetiu Joe abertamente.

Arrastando os pés, fui apanhá-lo, ciente o tempo todo dos olhos de Ratchet em

mim. Puxei o livro de baixo do meu travesseiro e estava para colocá-lo sobre a mesa, quando, com um barulhento ruído de sucção, Jeremiah saltou para fora da cadeira e veio direto para mim. A velocidade de sua aproximação era surpreendente, seu corpanzil lhe deu um grande impulso, e ergui as mãos para me escurar. Jeremiah jogou-se contra mim e, com um violento empurrão, mandou-me ruidosamente contra a mesa. Com o canto do olho, vi o livro rodopiar em direção ao teto, suas páginas batendo e passando, então uma enorme mão inchada o alcançou e o colheu em pleno ar.

Jeremiah Ratchet estava de posse do Livro negro dos segredos.

SEGUIU-SE UMA CENA UM tanto cômica. Jeremiah tinha as vantagens da surpresa e do peso, mas estas eram contrariadas pelo conhaque que ele havia consumido. Joe tinha o passo leve e era o mais rápido dos dois. Com uma velocidade que desafiava as leis da física, Joe saltou por cima das costas de sua cadeira, exibindo a graça e a agilidade de uma jovem gazela. Com duas passadas largas, ele estava ao lado de Jeremiah e arrancou o livro de suas garras suadas. Jeremiah xingou e cambaleou, como um elefante bêbado, de um lado a outro da sala, enquanto Joe simplesmente evitava suas desajeitadas tentativas de pegar o livro de volta. Eu observava passivamente do chão onde havia caído, sem fôlego algum, após ter aguentado o impacto do peso total de Jeremiah.

A cena toda não durou mais do que um minuto. Jeremiah foi forçado a desistir e escorregou parede abaixo para se sentar de um modo nada digno, com as pernas abertas e a boca escancarada. Seu rosto era de um vermelho brilhante, os olhos estavam arregalados e os pulmões matraqueavam a cada respiração.

Joe parou diante dele, as roupas desalinhadas e o cabelo mais desganhado do que nunca. Sua sombra aranhosa dançava alegremente na parede. Levantei-me com dificuldade e me juntei a ele.

— Quero protestar contra seu comportamento, sr. Ratchet — zombou Joe. — Não era isso que eu esperava de um homem de sua estatura.

Jeremiah pelejou para ficar de pé.

— Escute, sr. Zabbidou — disse ele, tendo sumido todo o soluço e remorso fingidos. — Parece que não entendeu. Você está liquidado neste lugar. Os aldeões virão pegá-lo. É melhor você dar o fora daqui. Mas, antes de você ir, quero o livro. E eu consigo o que quero.

Eu dei uma risada. Pobre Ratchet. Ele era o único que não entendia. Joe jamais entregaria o livro.

- De jeito algum — disse Joe. — O livro é confidencial e jamais o entregaria.

- Ora, Zabbidou — persistiu Jeremiah, e Joe encolheu-se com desgosto diante da intimidade —, não seja assim. Que utilidade o livro ainda tem para você? Por que vai levá-lo, se eu posso fazer um bom uso dele? Somos ambos homens de negócios, Zabbidou. Você ficar com ele seria nada menos que uma maldade.

- Você faria exatamente o quê com ele, sr. Ratchet? — indagou Joe.

Jeremiah pareceu surpreso.

— Chantagem, é claro. Só que eu faria isso melhor do que você. Cinco shillings no portão da igreja? Não é muito sofisticado, se não se importa que eu diga.

Eu permanecia boquiaberto diante da pura audácia daquele homem.

- Joe não escreveu aquela carta — comecei, mas Joe fez sinal com a mão para

eu me calar.

- Diante das circunstâncias, sr. Ratchet — disse ele —, sinto não poder atender ao seu pedido. Creio que está na hora de você ir embora.

Jeremiah surpreendeu a nós dois e ergueu as mãos num gesto de rendição.

- Como desejar — disse ele, e saiu caminhando humildemente pela loja. Observei da porta, quando Jeremiah parou no tanque de Saluki e colocou as mãos na tampa. Minha boca ficou seca. O que ele iria fazer agora?

- Me dê o livro — sibilou para Joe por entre os dentes amarelados —, ou matarei sua preciosa rã.

- Eu estou avisando ao senhor — disse Joe baixinho. — Não toque na rã. Ela não gosta.

- "Ela não gosta" — imitou Jeremiah como uma criança petulante. — Me dê o livro e isso não acontecerá.

- Não toque na rã. — A voz de Joe era ameaçadora.

- Rá! — bradou Jeremiah e jogou a tampa para longe, esticou-se e segurou Saluki com ambas as mãos.

- Não! — gritou Joe, mas era tarde demais.

Jeremiah gemeu e largou-a. Saluki aterrissou no chão com um leve ruído surdo e permaneceu imóvel, ainda parecendo um pouco entorpecida.

- Acho que ela me mordeu — disse Jeremiah e seus olhos se arregalaram de surpresa e confusão. — Acho que ela me mordeu. — Destemido e desesperado, ele agarrou o tanque e o ergueu acima de sua cabeça.

- Me dê o maldito livro ou a rã morre.

Joe e Saluki olharam tristemente para ele.

— Acredite — disse Joe, indo para a loja —, isso não lhe trará nada de bom. — Dito isso, entregou o Livro negro dos segredos a Jeremiah Ratchet.

Os olhos de Jeremiah brilharam quando agarrou o livro com um grito de triunfo.

— Eu decidirei isso.

Sem mais outra palavra, saiu pisando forte e bateu a porta. Graciosa e meticulosamente, Saluki subiu pelo balcão para voltar ao seu tanque. Joe recolocou a tampa e jogou lá dentro alguns insetos que a rã passou a mastigar como se nada tivesse acontecido. E foi estranho: eu nunca pensei que uma rã pudesse parecer satisfeita, mas naquele momento juro que Saluki parecia. Suas cores brilhavam com uma vibração que quase iluminava a sala, e seus olhos reluzentes pareciam dizer: "Você foi avisado, Ratchet. Você foi avisado."

JEREMIAH RATCHET ESTAVA tomado por uma intensa alegria. Tinha vontade de pular, mas a rua congelada permitia apenas uma contida pressa de passos curtos. Portanto, em vez disso, deu um soco no ar e deixou escapar um audível "Ha! Ha!" no meio da noite.

Estava visivelmente satisfeito consigo mesmo. Adivinhara corretamente que o Livro negro era a chave. Possuí-lo agora quase compensava sua humilhação anterior nas mãos de Horatio e o peru. E, é claro, se não tivesse sido por aquela alteração, ele jamais teria descoberto o que havia exatamente no livro. Após ter ido para casa com o peru, observara a multidão, e Joe e Ludlow, de sua janela. Ouvira tudo, cada uma das palavras. Que tolos eles tinham sido, os aldeões, em confiar seus segredos a Joe Zabbidou. E foi então que ele imaginou seu plano, fingir empenhar seu próprio segredo para poder colocar as mãos no livro. Quando ele bisbilhotou do lado de fora do Truta no Álcool, aquilo foi a cereja no bolo. Como Joe fora burro em enviar aquela carta de chantagem. Ele se queimara na aldeia e, ao mesmo tempo, fizera um grande favor a Jeremiah. Quando os aldeões se livrassem de Joe seria tarde demais. Jeremiah tinha de ter o Livro negro e o usaria para recuperar sua devida posição de poder em Pagus Parvus.

Para ser honesto consigo mesmo, bem no fundo do coração Jeremiah nunca pensou que seria tão fácil possuir o Livro negro dos segredos. Mas quem teria imaginado que Joe o entregaria para não perder sua preciosa rã? Jeremiah estava para estourar por dentro de tanto se congratular.

O mais silenciosamente que seu prazer permitia, ele entrou depressa em casa, sem perceber que não fechara completamente a porta. Também não percebera a pequena figura que entrou depois dele em segredo e o seguiu até o gabinete. Esse intruso furtivo encolheu-se no canto mais escuro e esperou. A lua cheia lançou pela janela seus raios poeirentos. Estes iluminaram o relógio sobre a lareira, que marcava três e quinze. Jeremiah despiu o casaco e o largou no chão; tirou o chapéu e jogou-o para um lado. Com cada passo que dava, caía neve de suas botas e derretia sobre o tapete, deixando manchas escuras. Ergueu o prêmio em triunfo, a fita vermelha emergindo de dentro de suas páginas.

— Eu vou mostrar a eles — gargalhou, agitando-o no ar. — Eles pagarão pela sua traição.

Jeremiah foi para perto do fogo moribundo e instalou-se em uma de suas caríssimas poltronas de couro. Olhou para a capa do livro, mas não conseguiu entendê-la, então abriu-o e depositou-o no colo. Lambeu a ponta do atarracado

indicador e virou as páginas com óbvia satisfação, lentamente a princípio e então mais rapidamente. Sufocou risos, deu risadinhas, mais de uma vez tomou o nome do Senhor em vão, parava de vez em quando para esfregar as mãos. Contudo, não fez isso por alegria, mas para aliviar suas palmas ardentes. A mordida de Saluki, se era isso o que ela tinha feito, mostrava-se tão irritante quanto seu dono.

— Minha fortuna está feita — regozijou-se Jeremiah. — Há segredos neste livro que eu nem mesmo conseguiria imaginar. E não apenas de Pagus Parvus, mas de todas as partes. E o Dr. Moulderred, hein! Ora, ora, quem poderia imaginar!

Com grande satisfação fechou o livro com um estalido e uma página adejou até o chão para pousar a seus pés. Agora com a respiração pesada, ele se curvou à frente para apanhá-la e ergueu-a para a luz. Sua borda irregular sugeria que fora arrancada recentemente de outro livro. Mostrava uma gravura colorida, pintada à mão com uma certa habilidade.

— Rãs? — bufou Jeremiah com desdém e, curioso, olhou para a legenda. Segundos depois caiu para trás na poltrona e soltou um terrível gemido. — O que ele fez? — lastimou. — O demônio magricela de língua bifurcada, ele me ludibriou.

Suas mãos latejavam e ardiam. Seus movimentos ficaram mais lentos. Uma sorrateira dormência espalhou-se pelos seus braços e por todo o corpo. O peito apertou, a garganta inchou. Estava ficando difícil respirar. Mas ele percebeu, incapaz até mesmo de expressar surpresa, quando o menino emergiu da penumbra e avançou.

— Quem está a-aí? — gaguejou roucamente.

O menino não respondeu, apenas ficou olhando para o moribundo antes de se curvar para apanhar o livro do chão.

— Quem fez isso com você? — sussurrou o intruso.

Os lábios de Jeremiah se mexeram e silenciosamente formaram uma única palavra.

O menino sacudiu a cabeça e foi embora.

ASSIM QUE JEREMIAH SE foi, virei-me para Joe. Mesmo agora ainda não consegui montar o quebra-cabeça. Tudo que sabia era que ele deixara Jeremiah ir embora com sua posse mais preciosa.

Não, pensei. Minha posse mais preciosa também. Aquele livro era agora parte de minha própria existência. Não consegui me conter e, cego de raiva e decepção, bati com os punhos no peito de Joe.

— Por que deixou que ele o levasse? Você sabe muito bem como ele o usará.

Joe afastou-me delicadamente e me enfureceu com um sorriso.

— Calma, Ludlow. Não entende? Era isso o que estávamos esperando.

Serviu-se de outro conhaque (eu nunca o tinha visto beber mais de uma dose), jogou a cabeça para trás e tomou-o de uma só vez.

— Devo dizer que aquele sujeito me deixou preocupado. Eu achava que viria aqui dias atrás; isso nos teria poupado muitos problemas. Ele certamente se atrasou.

Confuso, com raiva e ardendo de perguntas, decidi descobrir a verdade.

- Quer dizer que você queria que ele fizesse isso?

- Não é o que eu quero — disse Joe —, é o que Jeremiah quer. Nada é mais verdadeiro para sua natureza. Aquele homem não suporta que os outros tenham o que ele deseja.

- Você está novamente falando por enigmas. Diga-me apenas o que está acontecendo. Eu mereço saber.

- O que quer saber, Ludlow? O que acha que escondi de você?

Sua calma me desarmou. Minha raiva passou e enrubesci.

— Uma porção de coisas. Você disse que não era chantagista, mas pediu o segredo de Jeremiah, exatamente como Polly disse. Você também pagaria a ele?

Joe pareceu mais ou menos chocado.

- Eu esperava algo melhor de você do que essa acusação. Jeremiah, apesar de seus defeitos, merece uma chance, como todos os demais, de obter alívio para seus problemas. Você acha que sua crueldade inata o impede de sentir remorso? Eu tinha de lhe dar a oportunidade. É parte do que eu faço.

- A oportunidade de fazer o quê?

- De ele dizer que sentia muito.

- E depois, se ele tivesse feito isso?

- Bem, se ele tivesse me contado um segredo, eu lhe teria pago. Regras são regras. As coisas teriam sido bem diferentes, é claro; agora, a culpa toda é só dele mesmo.

Exasperado, eu me impacientei.

— E quais são exatamente essas regras pelas quais você vive?

Ele ficou calado.

- Quem é você, Joe?

- A verdade virá depois, eu lhe prometo — disse ele finalmente. — O importante agora é que você vai recuperar o livro.

Ri sarcasticamente.

- E como farei isso?

- Você encontrará um jeito, mas é melhor se apressar. Ele já deve estar a meio caminho da colina.

- Você não vai comigo?

Joe sacudiu a cabeça.

- Já desempenhei a minha parte. Agora é a sua vez.

Joguei as mãos para cima, em frustração, mas não perdi mais nenhum segundo. Fosse o que fosse que eu quisesse dizer mais para Joe, isso podia esperar. Ele tinha razão. Eu precisava pegar o Livro negro de volta. Os segredos de toda a aldeia, e de outras, estavam ali. Jeremiah já sabia os de Perigoe, de Horatio e de Obadiah, mas e os dos outros? Havia tantos segredos. Eu me dei conta de que, até então, havia encarado tudo aquilo como uma espécie de jogo que Joe e eu jogávamos com os aldeões, todos nós contra Jeremiah Ratchet. Porém, já não era mais um jogo. Era algo mortalmente sério. Eu tinha escrito seus segredos, agora cabia a mim salvá-los.

Então saí correndo e desci a colina, derrapando e escorregando e xingando, dentro de minha cabeça, tanto Jeremiah quanto Joe, e ia incomodado com uma terrível dúvida. Talvez Job Wright não estivesse tão longe da verdade. Talvez Joe estivesse usando os aldeões e eu tinha sido cego demais para ver egoisticamente me agarrando a essa nova vida, tão desesperado por um pai de verdade que tinha ignorado o que se passava diante do meu nariz. Seria esse o castigo por eu me apropriar do que não mereço? Mas, mesmo assim, ainda não fazia sentido.

— Não é o dinheiro — falei para a noite. — Tem de haver outro motivo.

Jeremiah já tinha entrado, mas na pressa o ferrolho não havia encaixado, então eu entrei no saguão e segui suas pegadas molhadas até o gabinete. Acocorei-me logo depois da porta e observei-o se instalar na poltrona. Havia uma torta de carne ali por perto, e o cheiro me deixou com a boca cheia d'água.

Eu não sabia o que ia fazer. Meu coração batia tão alto que pensei que iria me denunciar. Podia enxergar o topo de sua cabeça e ouvir as páginas sendo viradas. Em pouco tempo seria tarde demais, ele saberia de tudo. Ouvi o estalido do livro, ao se fechar, e vi a página flutuar para o chão. Ele se abaixou para apanhá-la. Falou alguma coisa, em seguida gemeu e caiu para trás na

poltrona. Tudo que consegui ouvir então foi seu ruidoso ofegar.

Não sei quanto tempo esperei até me aproximar na ponta dos pés. Ele estava tão imóvel que achei que tivesse caído no sono. Parei bem na frente dele. Seus olhos estavam abertos e, por um segundo, achei que ele ia me agarrar, mas continuou sentado ali, uma cena terrível de se ver. O rosto estava branco e a respiração era áspera e chocalhante. Eu sabia que olhava para um moribundo.

— Quem está aí? — murmurou, e eu mal conseguia ouvi-lo.

Abaixei-me e apanhei o livro do chão.

— Quem fez isso com você? — perguntei.

Lentamente, os lábios secos de Jeremiah formaram uma palavra silenciosa.

Joe.

Não havia mais nada que eu pudesse fazer, então fui embora.

A PALAVRA PRONUNCIADA PELO MORIBUNDO Jeremiah havia despedaçado o meu mundo. Quando olhei em seu olhos, pude ver que ele não mentia. Caminhei lentamente de volta colina acima e meu coração era como chumbo. Eu estava dilacerado por dentro. O tempo todo eu pensara que Joe era melhor do que o resto de nós, melhor do que jamais poderia esperar que eu fosse, mas, no final das contas, era tão mau quanto Ma e Pa, se não fosse pior; pelo que me constava, eles nunca mataram ninguém intencionalmente. Sim, como todo mundo, eu queria que Joe se opusesse a Jeremiah Ratchet. Mas nunca pensei que fosse acabar daquele jeito. Não havia outro modo de dizer. Joe Zabbidou era um assassino. Mas como ele fizera aquilo?

Repassei várias vezes em minha cabeça o último encontro dos dois, à procura de pistas. Não houvera arma e Jeremiah não fora de modo algum ferido. Talvez tivesse sido envenenado. Mas como o veneno teria sido administrado? Pode ter sido pelo conhaque. Mas os dois tinham bebido da mesma garrafa. Talvez estivesse no cálice.

Foi isso! Joe colocou veneno no cálice de Jeremiah antes de despejar o conhaque. Jeremiah o tomou de um só gole e, então, provavelmente para o prazer de Joe, ele o empurrou goela abaixo com mais bebida.

Joe esperava perto da lareira, um cálice na mão, e sua aparência era a de como se nada fora do normal tivesse acontecido. Ele até mesmo arrumara a sala.

- Você o pegou?

Entreguei-o para ele.

- Bom trabalho. Eu sabia que podia confiar em você.

Eu quis dizer alguma coisa, mas continuava chocado demais para falar. Então notei sua mochila sobre a mesa. Estava afivelada e parecia que ia estourar nas costuras. Uma pequena bolsa com cordel na boca estava ao lado. Um medo gelado corria em minhas veias. Encontrei minha voz.

— Você não vai embora, vai?

Ele ergueu a mão para me silenciar.

— Shh — disse. — Ouça.

Algo acontecia lá fora. Podia ouvir o murmúrio das vozes e o som de pés rompendo a neve congelada. Fui sorrateiramente até a porta e olhei pelo interior da loja. Figuras encapotadas se movimentavam do outro lado da vitrine, os rostos como demônios iluminados pela luz de tochas flamejantes. E entre eles pude ver a figura encurvada de Obadiah Strang, junto a ele a pequenina forma de Perigoe Leafbinder e, a seu lado, o corpo gordo de Horário Cleaver.

— Saia, Joe Zabbidou—entoaram as sombras, com a força de uma centena —, ou faremos você sair com fogo.

Ao ver essa turba demoníaca, minhas pernas fraquejaram e, aterrorizado, cambaleei de volta para Joe.

— Estão lá fora, todos eles — sussurrei. — Vieram atrás de nós, como Polly disse. Vão nos matar.

Joe, porém, ficou onde estava e deu um lento e demorado gole em sua bebida.

- Apenas seja paciente — disse ele. — Apenas seja paciente.

- Não há tempo para paciência — vociferei, em pânico, agarrando sua capa.

Ele me segurou pelos punhos e me manteve longe de si.

- Ainda não.

- Saia, Joe Zabbidou, saia! — As vozes aumentaram para um coro ameaçador. Então, com um tremendo estrondo, a vitrine da frente da loja se despedaçou, o balcão foi coberto com cacos de vidro, a sala se encheu de fumaça e o cheiro de óleo queimando e o violento crepitar de chamas. Lá fora, na rua, eles chutavam a porta e a socavam com porretes. O ruído era ensurdecedor, a fumaça era preta e sufocante, e o calor se intensificava.

- Saia, Joe Zabbidou — gritavam. — Saia!

Ele, porém, não se mexia nem me largava. Tentei me livrar, mas seu aperto era como o de um torno.

— Vai me deixar morrer também? — gritei, mas ele não me ouviu. Sua cabeça estava inclinada para um lado e ele ouvia atentamente.

Comecei a gritar, a berrar. A abominável cacofonia lá fora ergueu-se a uma altura inumana. Nuvens de fumaça rolaram para o aposento dos fundos até eu mal conseguir enxergar minha própria mão diante do rosto. Finalmente, do meio de toda essa loucura, surgiu outra voz. Uma voz guinchada que superou toda a confusão. A voz de Polly.

— Ratchet está morto! Jeremiah Ratchet está morto!

Joe soltou meus pulsos e ergueu em triunfo as mãos acima da cabeça.

— Acta est fabula — disse ele. — Acabou-se.

POLLY ACORDARA NO MEIO da noite, mas não sabia por quê. Agora que estava acordada, sentiu fome. Certa de que Jeremiah estava em sua cama, ela pegou a vela e desceu sorratamente a escada. A caminho da cozinha, notou que a porta da frente estava aberta e fechou-a. Então ele tinha saído, afinal de contas. "Aposto que voltará em breve, bêbado como um lorde", murmurou. Então viu a luz no gabinete e entrou.

A bandeja do jantar daquela noite estava em cima da escrivaninha e Polly sacudiu irritada a cabeça. Detestava ver o desperdício de comida boa. Uma fatia de torta pousava intocada no prato. Ela beliscou um pedaço da crosta e imediatamente cuspiu o que achou ser um pedaço de farinha embolotada e torceu o nariz.

— É uma das tortas de Horatio Cleaver — disse a si mesma. O açougueiro a levava pessoalmente à casa naquela mesma noite. Tentaria se lembrar de dizer a Horatio, na próxima vez que o visse, o que achara da torta. Então notou pegadas molhadas no tapete que levavam à lareira, o chapéu e o cachecol jogados no chão.

— Deus do céu! — exclamou ela, rapidamente limpando da boca qualquer migalha denunciadora. — Sr. Ratchet, o que faz aqui?

Polly podia ver o topo de sua cabeça — instantaneamente identificável pela área careca no meio — acima do encosto da poltrona e o resto de seu cabelo, de cor branca e cinzenta, esticando-se desafiadoramente acima das orelhas, a despeito das aplicações diárias de uma caríssima loção capilar. Ela contornou cautelosamente a poltrona e gritou ao dar de cara com o fitar vidrado da morte nos olhos abertos de Jeremiah.

Ninguém seria capaz de afirmar que Jeremiah Ratchet era um homem atraente. Ele tinha a aparência de um sapo prestes a estourar. Na morte, ele pouco mudou, ficou apenas menos flexível, sentado imóvel na poltrona. Na mão ainda segurava a página solta, mantida firme entre os dedos rígidos. Polly não se interessou pelo que ele andara lendo (embora tivesse se impressionado com a beleza da gravura), ficou hipnotizada pela expressão de seu rosto. A boca estava aberta, fixada numa espécie de esgar bocejante, e os olhos estavam extraordinariamente arregalados. Era como se tivessem acabado de lhe dizer algo verdadeiramente chocante.

A pobre Polly nunca vira um cadáver assim tão de perto e demorou alguns momentos para recuperar as faculdades. Uma vez recuperadas, porém, ela se revelou uma moça prática. Com dedos trêmulos, alcançou o colete de Jeremiah e localizou sua bolsa, a qual ela enfiou na frente de seu avental. Por um

momento, olhou o pobre Jeremiah pela última vez. Então recuou e seus pés atingiram algo duro atrás de si. Olhou para baixo e viu o balde com carvão.

— Somente as chamas do inferno serão capazes de aquecer a sua alma gelada — murmurou antes de sair correndo para a rua e anunciar para a aldeia, com sua voz guinchante: — Ratchet está morto! Jeremiah Ratchet está morto!

DURANTE SUA EXISTÊNCIA, JEREMIAH mantivera com sucesso os aldeões a distância, encurralados; em questão de minutos após sua morte, porém, sua casa enxameava com eles. Subiam e desciam as escadas, abriam e fechavam portas e embolsavam tudo que conseguiam esconder debaixo de suas capas. Por um ou outro motivo, todos sentiam que mereciam alguma coisa.

- Ouvi dizer que a banheira é de ouro puro — sussurrou um, enquanto enfiava no bolso do peito uma lustrosa escarradeira.

- E que ele só comia em pratos de prata e bebia no mais fino cristal — comentou seu colega, arrancando da parede um fino castiçal de bronze.

Um terceiro homem estava muito ocupado batendo com os peludos nós dos dedos nos painéis da escada. Procurava por passagens secretas que levassem às adegas subterrâneas onde jóias e tesouro e, mais importante ainda, segundo diziam, cerveja e vinho estariam armazenados.

— Taqui ele — veio de baixo o grito do mais novo dos Fermentados. — Uuuh, ele tá preto e azul.

Com um grande ruído de carreira precipitada, a multidão chegou ao gabinete e afluíu para se reunir em volta da poltrona de Ratchet, como a água de um riacho ao encontrar uma pedra. Era mesmo verdade; a pele de Jeremiah assumira uma cor sarapintada um tanto estranha. Isso, combinado com a espuma amarelada dos cantos da boca e o esgar repulsivo, foi demais para Lily Weaver. Com um profundo suspiro, desfaleceu e quase teria desabado no chão, mas a aglomeração era tal que ela permaneceu de pé, voltando a si momentos depois, sustentada por todos os lados pelos seus conterrâneos pagus-parvianos. Então foi erguida e passada por cima do mar de cabeças, como uma garrafa levada pela maré, só para ser largada sem a menor cerimônia no corredor.

Uma voz gritou acima da algazarra e, com muitas arremetidas, empurrões e cotoveladas, o sr. Samuel Mouldered conseguiu entrar no gabinete.

— Graças aos céus, o senhor chegou, doutor — disse Elias Fermentado. — Finalmente Jeremiah esticou a canela.

O aposento silenciou em antecipação à avaliação que o Dr. Mouldered faria do caso. Poucos aldeões estavam à par da moda do auto-diagnóstico (com a ajuda do Dicionário médico simplificado para o homem comum, do Dr. Moriarti, disponível, com um pequeno desconto, na livraria de Perigoe Leafbinder). Eles preferiam ouvir isso de fonte segura.

Mouldered caminhou várias vezes em volta da poltrona, coçando o queixo de pelos ralos. Não era sempre que ele era levado ao centro do palco daquela maneira e seus nervos, muito tensos naqueles últimos dias, estavam levando a

melhor sobre ele. Escorria suor pelas rugas de sua testa e ele umedecia os lábios secos com a língua rosada. Finalmente, pigarreou e anunciou roucamente:

— Acredito que Jeremiah Ratchet sofreu algum tipo de ataque ou apoplexia do coração, o que causou, no final das contas, a sua morte.

A multidão exalou um suspiro e um ar de decepção ficou bem aparente. Todos esperavam um crime. Certamente não seria imerecido.

— A mim me parece que ele está meio sufocado. E suas mãos estão estranhas. Você tem certeza?

Que Jeremiah tivesse sido sufocado seria um pouco mais do que um desejo tornado realidade, porém, após uma inspeção mais de perto, Mouldered não pôde negar que suas palmas estavam bem vermelhas e com bolhas, como se tivessem sido seriamente queimadas.

— Eu tenho certeza — disse ele, com toda a convicção de um homem que não tem. — Às vezes, ataques do coração fazem as mãos das pessoas... hã... — remexeu nos bolsos à procura do termo médico correto, mas desistiu e encerrou esfarrapadamente — parecerem assim.

Sobrancelhas foram erguidas, risinhos mal conseguiram ser abafados e cabeças foram sacudidas, mas Mouldered se recusou a dizer mais alguma coisa e, com a agitação encerrada, os aldeões saíram arrastando os pés, retinindo e chocalhando com suas pilhagens escondidas. No silêncio que ficou atrás deles, Mouldered, com os dedos trêmulos, fechou os olhos de Jeremiah. Pegou de sua mão a folha de papel, olhou-a brevemente, então dobrou-a e estava para colocá-la no bolso quando Perigoe apareceu.

- Isso pertence a Joe — avisou ela. — É de um livro meu sobre anfíbios que ele comprou.

- Ah, Perigoe — disse Mouldered, entregando-lhe a folha de papel —, talvez você possa cuidar para que ele a receba.

Ela fez que sim e saiu rapidamente, agarrada a um único livro marrom esfarrapado que levava debaixo do braço.

"Apenas um livro?", pensou Mouldered. "Como ela foi contida."

ASSIM QUE A MULTIDÃO soube que Ratchet estava morto, deu meia-volta, um por um, e todos correram colina abaixo. Joe foi direto para a loja e passou a combater as chamas com uma velha capa que estava na vitrine. Para ser honesto, havia mais fumaça do que fogo, e o incêndio não demorou muito para ser apagado. A despeito disso, o dano foi extenso. Tudo ficou chamuscado ou enegrecido pela fumaça e o cheiro irritante tornava desagradável o ato de respirar. Havia pouca coisa que valesse a pena ser salva. Aos poucos, o ar foi clareando com o vento cortante que agora soprava através da vitrine quebrada e da porta destroçada. Ajudei-o sem saber por quê. Finalmente, Joe pisoteou uma última chama teimosa e descansou, ofegando por causa do esforço.

— Que terrível humilhação, tão desnecessária — murmurou. — Mas acho que teria sido pior. Pelo menos ainda tenho isto. — Curvou-se e puxou a perna de pau, miraculosamente ilesa, do meio do entulho, e foi para o aposento dos fundos. Quando olhei, ele estava vestido com capa e cachecol e pelejava para forçar a perna para dentro da mochila.

De repente, tudo aconteceu rapidamente. Eu estava furioso com Joe pelo modo como se comportara, pelo assassinato que eu tinha certeza de que ele havia cometido, mas também estava amedrontado, porque ele estava indo embora.

- É assim? Você simplesmente vai embora?

- Não há muito mais coisas que eu possa fazer agora — disse ele. — Não tenho motivos para ficar.

- E a loja?

- A loja acabou-se. Nós podemos recomeçar em algum outro lugar. — Pendurou a mochila no ombro e veio de lá, pisando cuidadosamente nos destroços, a caminho da porta. — Você vem comigo?

Como ele podia estar tão calmo? Meu coração disparava.

Hesitei.

- Não sei se posso.

- Ah. — Ele pareceu não ter levado isso em consideração e franziu a testa. — Eu pensei que você soubesse que não poderíamos ficar aqui para sempre. Talvez eu devesse ter dito algo antes. Meu trabalho me obriga a estar em movimento.

- Não é isso — falei. — Eu iria a qualquer lugar com você, mas... — Não pude dizer. Eu me sentia como se estivesse sufocando. Nós nos encaramos, sem palavras, até o silêncio ser quebrado delicadamente por uma voz suave, que fez com que nós dois erguêssemos a vista. Era Perigoe.

- Sr. Zabbidou — disse ela. — Sr. Zabbidou. — Ela vinha através do que restou da porta e, quando viu a destruição, pareceu perturbada. — Eu quero dizer que sinto muito — sussurrou. — Todos querem dizer que sentem muito. Sabemos que foi errado tratá-lo do modo como tratamos. Devíamos ter confiado em você. Foi aquela carta que amedrontou a todos nós.

- Ah — disse Joe —, a carta.

Perigoe parecia que ia irromper em lágrimas.

— Foi o Fermentado mais velho que escreveu a carta, chantageando o próprio pai para ele esvaziar os bolsos. Ele descobriu que Elias o tinha visitado e sabia que culpáramos você. Ruby encontrou outra carta que ele ia enviar ao Dr. Mouldered. Todo mundo está se sentindo péssimo, sr. Zabbidou. Você tinha razão: tudo o que nós tínhamos a fazer era esperar um pouco mais. Você também é médico? Sabia sobre o coração dele?

Eu poderia ter gargalhado alto. Agora eles pensavam novamente que Joe era um herói. O que era então que me incomodava tanto? Jeremiah tinha tantos inimigos que, de um modo ou de outro, acabaria tendo um fim desastrado; isso realmente importava agora? Mas eu não conseguia suportar a ideia de que Joe estivesse envolvido num assunto tão desprezível. O tempo todo eu me preocupava por ter bisbilhotado o Livro negro. Houve pecados muito mais graves sendo cometidos do que esse!

— Seu coração? — repetiu Joe. — Sim, acho que faltava alguma coisa a esse sujeito.

Os olhos de Perigoe foram para a mochila sobre o ombro dele. Seus olhos pestanejaram rapidamente e ela enrubesceu.

- Está de partida?

- Sim, estou. Acho que agora Pagus Parvus pode passar sem mim.

Uma lágrima espremeu-se para fora do canto de seu olho, mas ela a enxugou rapidamente e fungou.

— Então estou contente por tê-lo alcançado. Quero lhe dar uma coisa. — Entregou-lhe um livrinho. — Isso não importa mais, agora que Jeremiah morreu. São muitas lembranças ruins. Isto é, quem liga para ovelhas?

Joe hesitou.

- Você sabe quanto isto vale, não sabe?

Perigoe fez que sim.

- Eu não poderia ficar com o dinheiro. Você o merece, após tudo que fez pela gente.

- Se é seu desejo, aceito. — Joe enfiou o livro debaixo da capa, mas antes eu consegui ler o título: A solidão do pastor das montanhas altas.

- E tem isto também. Quase ia esquecendo. Foi o Dr. Mouldered quem encontrou. Achei que devia ser importante.

Ela lhe entregou o pedaço de papel, e ele lhe beijou a mão. Então Perigoe

sussurrou um adeus e saiu apressadamente.

- Como vê — disse Joe, ao colocar no bolso a página dobrada —, uma herança. Quando eu vender o livro, o dinheiro nos manterá por muitos meses.

- Herança? — escarnei. — Quer dizer que consegue seu dinheiro de pessoas mortas?

Joe sorriu.

- Suponho que isso esteja próximo da verdade.

- Pessoas que você matou.

- Nunca matei ninguém por dinheiro, Ludlow. Não é de minha natureza.

- Agora vai me dizer que isso é contra as regras.

Joe suspirou e colocou de lado a mochila.

- Você tem me ajudado todas essas semanas, Ludlow, e sou imensamente grato. Tem sido honesto e leal e sei que isso não foi fácil para você. Porém, mais do que isso, eu achava que tinha visto algo em você, algo que procuro há anos. Naquela primeira noite, quando o encontrei lá fora, na neve, você me lembrou a mim mesmo, quando eu era jovem, e pude ver um futuro para você. Por isso quero que venha comigo. Tenho muitas esperanças em seu talento. Quero que continuemos a trabalhar juntos. Posso lhe mostrar o mundo. Diga-me, por que não vem?

Por que não, aliás? Claro que eu queria ir, desesperadamente. Se ele tivesse perguntado um dia antes, mesmo horas antes, eu não teria hesitado. Mas agora as coisas eram diferentes. Não tinha certeza se ele era a pessoa que pensei que fosse. Não tinha nem mais certeza de quem eu era.

- Você poderia ter um futuro maravilhoso, Ludlow. Há tanta coisa que eu poderia lhe ensinar.

- Como assassinato? — Finalmente, eu disse, e o alívio foi indescritível, assim como o medo que veio junto.

- Ah — disse ele e seu rosto iluminou-se, ciente —, eu me perguntava quando você diria isso. Supostamente, você acha que assassinei Jeremiah.

Concordei lentamente com a cabeça.

- Consegue provar que não assassinou?

- Eu... — começou Joe, mas outra voz nos cumprimentou da porta da loja. Era Horatio, resfolegando e suando por causa da corrida colina acima.

— Eu tinha de vir — disse ele, ao seguir ruidosamente por cima do entulho. — Eu precisava lhe dizer, Joe, antes de você ir, que fiz algo terrível. Não foi o coração. Fui eu que causei isso. Eu o matei.

Joe pegou-o pelo braço e fez com que se sentasse.

- O que foi, Horatio? O que você pensa que fez?

- Eu matei Jeremiah Ratchet. Envenenei sua torta e mandei que Polly a entregasse. Eu sei que jurei nunca mais fazer isso, mas eu tinha de fazer alguma coisa. O Dr. Mouldered disse que você não ia mais nos ajudar. Eu não

poderia aguentar mais isso.

- Escute-me — disse Joe —, você não deve se culpar. O que está feito está feito. O Dr. Mouldered disse que ele teve um ataque do coração, e é melhor aceitar isso. Não fale mais sobre isso a ninguém, mas providencie para que os restos da torta sejam recolhidos, a fim de evitar que mais alguém a coma. Há muita gente com fome por aí.

- Tem certeza, sr. Zabbidou? — Horatio olhou acima com os olhos beirados de vermelho.

- Toda. Apenas se livre da torta antes que faça mal a um inocente.

- Nem sei como lhe agradecer, sr. Zabbidou — disse Horatio. — Não mereço sua ajuda.

- A torta — repetiu Joe. — Apanhe a torta.

Assim que Horatio se foi, Joe colocou as mãos sobre meus ombros e olhou-me bem nos olhos.

- Então, Ludlow, agora confia em mim?

Fiquei sem fala. Tinha tanta certeza.

- E-então n-não foi você? — gaguejei. Mal conseguia olhar para ele. — Você pode me perdoar? — Então um terrível pensamento me ocorreu. — Você ainda quer que eu vá junto?

Joe riu.

— Ludlow, meu caro amigo, claro que quero. Como eu poderia pensar o contrário? Venha comigo e prometo que, se não gostar do que vir e concluir que não consegue viver com o que você sabe, então nós dois seguiremos direções opostas e nossos caminhos nunca mais precisarão se encontrar.

Meu coração, de emoção, inchou ao ponto de romper e sorri tão largamente que podia sentir a pele esticar. Não perdi mais tempo. Peguei minha bolsa na lareira e apertei bem a capa em volta do corpo. Havia, porém, mais uma coisa que eu tinha de dizer.

- Nem sempre fui honesto com você — comecei, mas Joe sacudiu a cabeça.

- Isso vai passar—disse ele. — Agora precisamos ir.

Passamos pela porta destruída, levando nada mais além do que tínhamos ao chegar à aldeia, todas aquelas semanas atrás. Olhei por cima do ombro, mas a rua estava vazia. Uma única luz brilhava na janela de Jeremiah, mas todas as outras casas estavam às escuras, quando partimos como chegamos, sem sermos vistos.

VIAJAMOS A PÉ POR dois dias e duas noites. O tempo todo subíamos e o tempo todo nevava. Não tínhamos chance de conversar. Nossos esforços se concentravam em sulcar através dos depósitos de neve e lutar contra o vento. Era vital que permanecêssemos juntos. Se nos separássemos, não tinha dúvida de que nos perderíamos um do outro para sempre. Eu não sabia se íamos para o norte, sul, leste ou oeste. Não havia sol para nos guiar e nem lua à noite.

Enquanto viajávamos, tive a chance de pensar, de meditar sobre o passado recente. Embora estivesse feliz por Joe não ter matado Jeremiah (e envergonhado por tê-lo acusado de tal coisa), ainda achava que, se Joe não tivesse chegado a Pagus Parvus quando chegou, Jeremiah provavelmente ainda estaria vivo. Havia, também, a questão da "herança" de Joe, como ele gostava de chamar. Joe tinha dito, e eu acreditei nele, que nunca matara por dinheiro. Mas dinheiro e morte pareciam inextricavelmente ligados quando ele estava por perto.

Havia, é claro, outras perguntas que não foram respondidas e tive de ir nessa viagem para obter as respostas, mas, à medida que a temperatura caía e a neve se tornava mais densa, ficava imaginando se eu tinha sido muito sensato. Nada mais havia, porém, em Pagus Parvus para mim e continuei em frente, tentando permanecer contente. Perto do fim da viagem, eu estava tão cansado que mal conseguia levantar os pés e, durante os últimos quilômetros, Joe me carregou nas costas, enfiado debaixo de sua capa. Ainda ouvia a tempestade uivando, mas o ritmo uniforme de suas passadas, mesmo com a coxeadura, me enviou a um delicioso devaneio. Lembro-me de muito pouco depois disso, até acordar novamente e descobrir que estava estendido no chão. Eu estava deitado em cima de minha capa num leito de galhos folhosos sobre o chão duro. Não havia neve, vento, nem friagem no ar. Fiquei deitado por alguns minutos, imóvel, desfrutando o calor e o bem-estar. Olhava acima um teto de pedra e, quando estiquei a mão para fora, pude sentir que o chão era de areia. Sentei-me e olhei em volta, cautelosamente. Eu estava numa caverna de teto baixo iluminada por tochas de chamas de cor laranja que se salientavam das paredes. A última vez que vira tais tições havia sido na noite em que Jeremiah tinha morrido, e eles não lançavam uma luz tão reconfortante. Se me concentrasse, podia ouvir o vento uivar lá fora, mas ele parecia estar muito distante. Havia uma fogueira a meus pés, sobre a qual pendia uma chaleira enegrecida. Podia sentir o cheiro de algo familiar borbulhando dentro dela. Joe estava sentado, as pernas cruzadas, do outro lado, segurando uma tigela. — Sopa?

Após termos comido, era hora de conversarmos. Pela primeira vez, Joe parecia feliz em responder às minhas perguntas. De alguma forma, ele parecia diferente, descontraído, como se estivesse num lugar familiar.

— É hora da verdade — disse ele. — Se vamos continuar juntos a nossa viagem, você precisa confiar em mim. Se há alguma coisa que você queira saber, este é o momento.

Por onde começar? Eu estava tão nervoso que tremia, mas sabia o que queria perguntar. Durante dias eu tinha ensaiado aquele momento.

— Me diga quais são as suas regras.

Joe concordou com a cabeça e começou:

— São apenas duas, ambas muito simples, mas é sua simplicidade que as torna tão difíceis de serem seguidas. Creio que você conhece a primeira.

Eu conhecia.

- Não se pode mudar o curso das coisas.

- Exatamente. Isso não quer dizer que eu não tenha qualquer influência. O próprio fato de eu chegar a um lugar afeta de algum modo o futuro, mas, aonde quer que eu vá, cada pessoa é responsável pelos seus próprios atos. Das duas regras, creio eu, é a mais difícil de ser obedecida. Tenho visto coisas terríveis, Ludlow, e é isso que torna muito difícil não interferir. Em Pagus Parvus, quase todos os dias eu era tentado a ignorar a regra. Os aldeões precisavam demais de minha ajuda, mas eu tinha de ser surdo aos seus apelos. Não sei exatamente o que eles queriam que eu fizesse... Talvez que eu matasse Jeremiah... — aqui, ele sorriu amarelo — Mas eu só podia seguir em frente normalmente e torcer para que eles pudessem esperar. Um comportamento diferente teria levado ao desastre. "Dura Lex Sed Lex". A lei é dura, mas é a lei.

- E a outra regra?

- Você também está familiarizado com ela. Toda pessoa, não importa quem seja, merece uma chance de se redimir, de dizer que sente muito, de pedir perdão. Até mesmo uma pessoa como Jeremiah Ratchet. Você deve se lembrar que dei essa chance a ele, quando foi atrás do livro.

Lembrei-me da cena de Jeremiah pedindo ajuda e senti um arrepio.

— Claro que ele não queria de verdade a minha ajuda — continuou Joe —, mas, ainda assim, eu tinha de oferecê-la a ele. Você receava que, se Jeremiah confessasse, eu pudesse usar seu próprio segredo contra ele. Despedaçou meu coração ver sua fé em mim oscilar, embora eu tivesse ficado imensamente feliz pela sua preocupação com o destino dos aldeões. Na ocasião, tive certeza de que eu não o havia julgado mal. Sua lealdade a eles é uma qualidade de se admirar. Nós agimos pelas pessoas, Ludlow. Nunca se esqueça disso.

"Não vou negar que, quando cheguei a Pagus Parvus, o próprio destino de Jeremiah estava selado de uma maneira ou de outra, mas ele se matou muito antes de eu ter aparecido: por causa de seu egoísmo, sua mesquinhez, sua

crueldade.

"Essas são as regras, Ludlow, e vivo por elas, apesar de tudo.

Ele olhou para mim, aguardando, e eu estava pronto.

- O dinheiro que você usou em Pagus Parvus, de onde veio?

- De uma pessoa morta, como você sugeriu, mas, antes que me acuse de desonestidade, eu lhe garanto que tudo foi perfeitamente legal. Antes de eu ir para a aldeia, passei algum tempo numa cidadezinha perto da fronteira. Os negócios foram bons. Aliás, você encontrará alguns dos segredos deles no início do Livro negro. Há um muito interessante sobre um fabricante de caixões...

Meu coração quase parou, fiquei com o rosto vermelho brilhante e o cobri com as mãos.

- Você sabia. Joe sorriu.

- Claro que eu sabia. Estava escrito em seu rosto, quando eu voltei.

- Não ficou zangado?

- Acho que fiquei, na ocasião. Mais com você do que com Polly. Mas, pelo menos, vocês começaram do começo.

- A gente não leu mais nada — falei. — Nós dois nos sentimos mal, depois disso.

- Alegro-me em saber — rebateu Joe, rindo. — E deveriam mesmo. Teria sido muito fácil fazer vocês dois confessarem, mas achei que devia deixá-lo viver com a sua culpa. E o livro debaixo do travesseiro... tenho certeza de que senti-lo todas as noites foi um castigo suficiente. Como eu disse, "Quae nocent docent".

As palavras em latim no fim da história.

- Significa "Coisas que magoam também ensinam". Agora eu me sentia pior ainda.

- E o que aconteceu nessa cidadezinha? — perguntei, ansioso para saber de tudo.

- Após algumas semanas, chamou minha atenção o fato de que o médico local estava envenenando propositadamente seus pacientes e roubando seu dinheiro e seus pertences. Depois que ele morreu, os habitantes me recompensaram generosamente com uma parte da fortuna que fora roubada. Então me mudei.

- E como ele morreu?

- Não foi por minhas mãos, juro.

- Então como? Mais torta envenenada?

Joe deu uma gargalhada.

- Não, foi um acidente, garanto. Mas não vamos martelar nesse assunto. Há coisas mais importantes para cuidarmos. Siga-me.

Joe apanhou sua mochila e atravessou a caverna para a parede oposta, onde

notei, pela primeira vez, a entrada para um túnel. Hesitei na entrada, era estreita e escura, mas Joe já tinha seguido em frente, então tirei uma tocha da parede e me apressei atrás dele.

À MEDIDA QUE SEGUÍAMOS PELO túnel rochoso, ele se tornava cada vez mais estreito. Joe já não conseguia ficar de pé e eu não podia andar a seu lado. Mais embaixo, o ar se tornou pesado e denso, como se não se movimentasse por muitos anos. A tocha tornou-se de um indistinto brilho âmbar e temi que ela se apagasse. Sentia e ouvia coisas vivas passarem voando por mim, morcegos talvez, mas não os via, apenas sentia algo roçando minhas faces e se enredando em meus cabelos.

— Não se preocupe, Ludlow — gritou Joe por cima do ombro. — Não sofrerá nenhum dano.

Agora descíamos. A ladeira era suave a princípio, mas rapidamente tornou-se mais íngreme e eu tinha de me apoiar nas laterais do túnel para ficar em pé. A pressão do ar aumentava o tempo todo e havia uma dorzinha contínua nos ouvidos. Finalmente, quando achava que não aguentaria por mais tempo, o chão nivelou, o túnel ficou largo novamente e o teto ergueu-se o suficiente para nós dois ficarmos normalmente de pé. Mais adiante, pude ver Joe emoldurado numa arcada, sua esguia silhueta na luz amarela. Assim que o alcancei, ele colocou suas mãos sobre meus olhos e me guiou os últimos metros. Eu percebi quando saímos do túnel porque a atmosfera mudou e, de imediato, ficou mais límpida e mais fresca. O ar estava repleto de lamúrias e gemidos agudos, e de baixos estrondos e ribombos que pareciam ir e vir. As próprias batidas de meu coração enchiam meus ouvidos.

— Deixe-me ver — sussurrei. — Deixe-me ver.

Quando Joe tirou as mãos dos meus olhos, pensei que fosse um sonho, que eu tinha saído da realidade e penetrado num mundo que existia apenas na imaginação, pois que mais poderia ser aquilo? Ficamos como dois insetos minúsculos num corredor interminável com um teto arqueado, que estava talvez uns trinta metros acima de nós. Enormes colunas sulcadas, mais grossas do que troncos de árvores antigas, estendiam-se acima para sustentar nas alturas o teto de cobre. Luzes vinham de pratos rasos com óleo flamejante, pousados sobre delgados pedestais de mármore branco orlado de prata. As paredes eram escuras, feitas não de pedra, mas de um outro material, cuja natureza não consegui determinar; e o chão, certamente uma obra-prima de artesanato em si, era decorado com pequenos pedaços de pedra colorida incrustados na terra.

Olhei e olhei fixamente. Creio que minha boca estava escancarada. Ao olhar em volta a magnífica câmara, sentia como se enxergasse pela primeira vez. Não conseguia absorver tudo de uma vez. Meus olhos pestanejavam de um lado

a outro e com cada piscada eu via algo mais. As colunas, à primeira vista lisas, na verdade eram intrincadamente entalhadas. Pequenas trepadeiras serpeavam em volta e acima, e, do meio das folhas, pares de olhos espreitavam. Eram tão reais que eu quase esperava que piscassem. O chão, quando examinado mais de perto, era na verdade uma miríade de figuras, cada qual uma cena completa de rara beleza. Dentro delas, vi monstros e anjos, fadas e gente pequenina, criaturas escamosas do mar e do ar, algumas medonhas, outras encantadoras, todas espetaculares.

Meu olhar foi atraído para a área a meus pés, bem diante da entrada do salão palacial. Estava sobre a beirada de um pálido mosaico e, reproduzidas em seu interior, havia três figuras: uma sentada diante de uma roca de fiar, a segunda segurando um bastão de medição no fio, e a terceira estava por perto com uma tesoura reluzente. Seus rostos tinham um aspecto selvagem e elas pareciam estar numa disputa.

- Quem são essas bruxas? — perguntei, pois eram realmente feias, e minhas palavras ecoaram nas paredes. "Que-e-e-em..."

- As três irmãs moiras — disse Joe. — Uma tece o fio da vida, a outra o mede e a terceira o corta com sua tesoura. Elas discutem constantemente para saber qual das três irmãs é a mais importante.

- A da tesoura? — arrisquei. Joe sorriu.

- Certamente ela é considerada a mais ameaçadora, mas não existe uma resposta, pois, sem uma, as outras duas não existiriam.

— As três moiras — murmurei. — Por que estão aqui?

Penetrei mais um pouco no salão e me dei conta, com um choque, que as paredes negras não eram paredes coisa alguma, mas lombadas de livros sem título, bem atulhados em estantes que se erguiam até o teto.

— Pegue um — disse Joe.

Então me aproximei e puxei um, com dificuldade, tão apertado que estava apoiado pelos seus vizinhos na prateleira. Assim que o segurei nas mãos, soube o que era. Havia aquelas mesmas palavras douradas na capa:

Verba Volant Scripta Manent

— Minha nossa! — arfei completamente pasmado. — É um livro de segredos? Joe confirmou com a cabeça. Abri-o com cuidado, pois era velho e as folhas se esmigalhavam em pó. Pelejei para ler a caligrafia desconhecida. Cada página estava cheia de cima a baixo, cada qual registrando as preciosas histórias de estranhos mortos havia muito tempo. Fechei-o e recuei das estantes. Joe me observava atentamente. Seria possível...?

- São todos livros de segredos?

- São. Cada um deles. De cada canto do mundo.

Devia haver milhares. E, no interior de cada livro, cinquenta, cem segredos ou mais. Eu nem começava a entender o que significava aquilo. Passaram-se alguns momentos até eu conseguir falar novamente.

- Quem os colocou aqui?

- Eu — disse Joe. — E outros, é claro. Você está diante de séculos de confissões, Ludlow. A obra de minha vida e de cada outro penhorista de segredos que já existiu.

- Mas eu pensei... quer dizer que você não é o único? Joe sorriu.

- Espero que não esteja decepcionado — disse ele —, mas já houve muitos de nós, e haverá muitos mais. Por enquanto, a honra é minha. Mas não posso seguir para sempre. Pode pensar o que quiser de mim, mas continuo sendo humano. Eu também, algum dia, retornarei ao pó.

De repente, fiquei nervoso. Minha voz vacilou, meus joelhos tremeram, mas eu tinha de perguntar.

- É para cá que você vinha, não é? Quando sumia.

Joe fez que sim.

- É algo que tenho de fazer. Sou, em parte, responsável por este lugar. De certa forma, este salão é o meu único lar.

- Por que você me trouxe aqui?

- Porque pode também ser o seu lar. Em breve, terá de fazer uma escolha e, então, se fizer o que penso que fará, você precisa saber tudo isso. Venha comigo, há alguém que quero que conheça.

Eu o segui, o tempo todo virando a cabeça de um lado a outro, de cima a baixo, para ver mais, a fim de absorver tudo e manter guardado. Caminhamos entre as colunas para a outra extremidade do salão, até chegarmos a uma grande escrivaninha de madeira escura com grossas pernas entalhadas. Sobre ela havia altas pilhas irregulares de livros. Ao nos aproximarmos, ouvi o som de uma cadeira sendo empurrada para trás. Um homem, oculto quando sentado, levantou-se e avançou com ambos os braços estendidos. Ele vestia uma comprida capa de veludo furta-cor, que mudava de matiz com cada movimento que fazia. Seu rosto estava escondido sob um capuz, mas ele o puxou para trás e olhei um par de olhos que pensava que jamais voltaria a ver.

— Sr. Jellico! — consegui ofegar pouco antes de ele me dar um abraço tão forte que pensei que quebraria meus ossos.

Quando, finalmente, me soltou, deu-me tapinhas nas costas e apertou minha mão sem parar.

— Estou tão contente em revê-lo, Ludlow — disse ele, e havia uma lágrima em seu olho. — Eu não fazia idéia do que pensar. Saí por alguns dias e, quando voltei, você não me visitou mais. Pensei o pior, é claro, que você tivesse encontrado um final terrível nas mãos de seus pais, mas, graças aos céus, eu estava enganado. Não poderia me perdoar se tivesse acontecido alguma coisa a

você. Não pode imaginar o quanto estou aliviado ao ver que, no fim das contas, tudo deu certo. Graças em parte, tenho certeza, ao meu bom amigo aqui presente, o sr. Zabbidou.

Olhei de um para o outro, completamente atônito.

— Vocês se conhecem! — exclamei. — Joe, por que não me disse? — Eu não conseguia parar de sacudir a cabeça, de incredulidade. — Mas eu pensei que havia apenas um penhorista de segredos.

O sr. Jellico riu.

- Eu não sou um penhorista de segredos, não sou nada tão sublime assim. Não, eu simplesmente cuido deste lugar, de certo modo. Chamam-me de Custos, o Zelador, e este é o meu reino, Atrium Arcanorum, o Salão de Segredos.

- Mas e a sua loja na Cidade?

— Hum, sim — refletiu, coçando o queixo bem barbeado. Notei, pela primeira vez, que suas unhas estavam limpas e polidas. Até mesmo sua pele brilhava. — Não é fácil estar em dois lugares ao mesmo tempo. Sinto muito não ter estado sempre lá para você, mas, como vê, tenho outros compromissos.

Enquanto eu oscilava de uma revelação após outra, Joe e o sr. Jellico se afastaram e caminharam pelo salão, envolvidos em intensa conversa. Fiquei junto à escrivaninha, tonto com o que pensava e o que via. Virava-me em pequenos círculos e tentava entender. Um milhar de possibilidades percorria minha cabeça. E se eu não tivesse ido a Pagus Parvus? E se eu tivesse escolhido outra carruagem, em vez da de Jeremiah Ratchet? E se Ma e Pa...

Forcei-me a parar. Tinha de fazê-lo. Essa linha de raciocínio nunca teria fim.

Tudo devia acontecer exatamente como aconteceu, sentenciei. Não foi acaso, estava destinado a acontecer.

Mais adiante do salão, vi o sr. Jellico receber de Joe o Livro negro dos segredos — exatamente o livro no qual registrei as confissões de Pagus Parvus — e enfiá-lo numa prateleira. Quando olhei novamente, não dava mais para saber onde ele estava. Joe me fez um sinal com a cabeça para eu me aproximar.

- Bem, o que você acha? — perguntou.

- Acho que é o lugar mais incrível que já vi — sussurrei. — Ele... quase me mete medo.

— Foi o achei, quando vim aqui pela primeira vez - comentou o sr. Jellico saudosamente —, mas isso foi muito tempo atrás.

- Lembart faz um excelente trabalho, mantendo tudo em ordem — disse Joe.

- Faça o melhor que posso — disse ele modestamente e se afastou, deixando-nos sozinhos.

Joe virou-se para me encarar, e agora sua expressão era sombria.

— Tenho uma coisa para lhe dar, Ludlow, se você a quiser — disse ele.

Enfiou a mão no casaco e me entregou um livro negro, encadernado em couro com uma fita vermelha para marcar a página, ainda completamente em

branco por dentro, mas, na capa, do lado direito inferior, vi as letras douradas:

LF

— Um livro negro? Meu? — Fiquei mais do que um pouco atordoado.

— Não é uma vida fácil — disse Joe zelosamente.

— Creio que sabe disso, mas tem suas recompensas. Se não quiser segui-la, este é o momento de dizer.

Não conseguia falar, conseguia apenas fitar boquiaberto e com os olhos arregalados. O que significava tudo aquilo?

— Você não começaria de imediato, é claro — continuou —, mas um dia, no futuro, e eu estarei aqui para ajudar até lá.

Finalmente, consegui sussurrar:

- Está me pedindo para ser um penhorista de segredos?

- Não apenas "um", mas "o" penhorista de segredos — replicou. — Eu escolhi bem, Ludlow? Você acha que é capaz de fazer isso?

Agora eu estava com dificuldade para respirar. Minha língua parecia estar presa no céu da boca. Aquele era o momento mais importante de minha vida e meu corpo estava me decepcionando. Reuni todas as minhas energias e inspirei fundo e tentei acalmar o martelar contra o meu peito.

- Mas... como poderei? — gaguejei. — Não estou pronto. O que sei de tudo isso?

- O suficiente — disse ele com um sorriso. — Quanto a estar pronto, bem, ninguém pode dizer o que as três irmãs tecerão para nós, mas, quando chegar o momento certo, você saberá.

"As três irmãs", pensei, e lentamente comecei a entender por que o desenho delas estava no mosaico. Aquele salão não era apenas sobre segredos, era sobre Fatalidade. E Joe, aquele homem alto de cabelo desgrenhado, era um instrumento do Destino. Ele era a chave para o meu futuro. Sua voz interrompeu meus pensamentos.

- Contanto que você acredite que é capaz — disse ele —, não haverá razão para isso não acontecer.

- Eu acredito que sou capaz — falei finalmente, com um pouco mais de força.

Joe deu-me um tapinha no ombro.

— Isso era tudo o que eu queria ouvir — disse ele. — Agora, eu lhe pedirei apenas mais uma coisa.

Caminhamos de volta à escrivaninha e pude sentir entre nós dois um vínculo invisível que não existia antes.

Isso me deu confiança e me fez manter a cabeça erguida e as costas eretas. Ele se sentou numa cadeira e eu me sentei em outra. De sua mochila, ele tirou o conhaque e dois cálices. Serviu doses iguais em ambos e passou um para mim.

- Beba. Tive de rir.

- Outrora pensei que poderia estar envenenado — confessei.

Joe olhou-me muito divertido enquanto eu esvaziava o cálice. O líquido ardente aqueceu o fundo de minha garganta e me fez tossir. Joe enfiou novamente a mão na mochila e tirou o tinteiro e a pena. Automaticamente, estendi a mão para apanhá-los, mas ele os manteve seguros.

- Eu escreverei.

Fiquei confuso.

- Mas quem, aqui, vai nos contar seu segredo? Ainda segurando o meu livro, ele o abriu na primeira página.

- Você, Ludlow — disse ele. — A primeira história no seu primeiro livro negro será a sua. — Olhou direto em meus olhos e minha cabeça se encheu de cânticos como os de anjos e, porque eu achava que subitamente poderia ir embora flutuando, quis lhe contar tudo.

- Está na hora de você revelar o seu segredo.

A Confissão de Ludlow

Meu nome é Ludlow Fitch e tenho uma confissão vergonhosa a fazer. Eu a careguei comigo para Pagus Parvus e agora para esta biblioteca subterrânea de segredos. Embora receie que pensará mal de mim, eu o quero revelar, pois não o suporto mais.

Você sabe de onde eu vim, você sabe que tipo de vida eu levei na Cidade. Não tenho orgulho do meu passado, mas também não o negarei. Fiz o que tinha de fazer para sobreviver.

Enquanto a bebida tomava conta de Ma e Pa, me dei conta de que faziam muito pouco para paparem sua perseguição ao gim. Nunca esperei, porém, que viesse a me tomar um mero peão em suas jogadas egoístas. Você pode imaginar a minha surpresa, quando voltei certa noite e os encontrei à minha espera. Assim que coloquei o pé no interior do sótão que chamávamos de lar, Ma desceu uma perna, de cadeira, na minha cabeça, e desabei no chão. Eu estava, mais morto do que vivo, quando me anastaram escada abaixo, puxando-me pelos pés, minha cabeça quicando em cada degrau, e quando Pa me jogou para cima de seu ombro, minha cabeça latejou mais ainda. Não sei quanto tempo caminhamos; perdi a noção das curvas e esquinas, e não conseguia ler o nome das ruas por causa de minha vista embaçada. Eu sabia que ainda, estávamos perto do Fedus, seu cheiro era forte em minhas narinas, e talvez devesse agradecer a ele pelo fato de permanecer alerta o longo tempo que fiquei. Finalmente, porém, sucumbi ao ténivel latejar em meu cérebro e perdi a consciência. Quando abri os olhos, estava no porão-covil de Barton Qumbroot.

Ainda odeio só em pensar no que ele tentou fazer comigo. Quando consegui fugir para a rua, soube que a minha vida nunca mais seria a mesma. Os três me perseguiram o tempo todo até o rio. Eu podia ver a Ponte adiante e pensei que, se ao menos conseguisse chegar lá, talvez pudesse encontrar ajuda em uma das tabernas. Mas eu seguia cada vez mais lentamente, não conseguia enxergar direito e estava ficando sem fôlego. Então, para meu total horror, Pa me alcançou.

Ele me agarrou pelo ombro e girou meu corpo. Nós dois caímos na lama imunda e ele pulou em cima de mim e prendeu as mãos em volta do meu pescoço. Sua força era sobre-humana. Seu desejo de dinheiro, para o gim, era que o fazia assim, mas meu desejo de viver era maior. Estiquei-me e arranquei seus braços de mim, ao mesmo tempo que lhe dava uma joelhada na barriga. Ele caiu de lado e rolou de costas, e houve então a virada de mesa. Sentei-me sobre seu peito e mantive seus braços presos sob sua cabeça.

Olhei seu rosto cruel e nada vi que pudesse me deter. Prendi as mãos em volta de seu pescoço esquelético e apertei até seu rosto ficar azul e os olhos se esbaldarem. Ele se debatia, e chutava e tentava arrancar minhas mãos. Era incapaz de falar, mas seus olhos imploravam, por misericórdia e não consegui ignorar seu apelo. O que quer que tivesse feito, ele ainda era meu pai. Com um grito, larguei-o e fiquei de pé acima de meu pai, enquanto ele resfolegava e tossia por fôlego.

- Por que você fez isso? — arfei.

- Sinto muito, filho — grasnou numa voz cheia, de remorso e, como um idiota, achei que ele falava sério. Ma e Barton estavam vindo. Eu podia ouvi-los. Virei-me por não mais de um segundo e Pa estava, novamente de pé e tinha os braços apertados como um laço em volta do meu pescoço. Dei-lhe uma violenta cotovelada para fazer com que me largasse e então empurrei-o com o máximo de minha força e ele cambaleou para trás pela ingreme ribanceira abaixo.

- Não — bemou — não — antes de atemissar de costas nas águas escuras do Fedus. Olhei

descrente o rio sugá-lo em questão de segundos. Pude ver seu rosto branco, sua enorme boca aberta e borbulhando, logo abaixo da superfície e, então, ele sumiu.

- Pa — sussurrei e, por um segundo, fiquei rígido com o choque. Então me recobri e cambaleei pela ponte, onde avistei a camuagem de Jeremiah partindo. Com um supremo esforço, consegui subir na traseira. Ao ganharmos velocidade, ainda pude ver Ma. Ela gritava e chorava, e Barton sacudia o punho na minha direção e xingava.

Matei meu próprio pai, Joe. O que quer que me tenha feito, certamente não merecia isso. Eu poderia tê-lo salvo. Eu poderia ter descido para puxá-lo. Não me perdão. Sonho com isso todas as noites e sempre vejo seu rosto, da água, olhando para mim.

Joe pousou a pena, pôs uma folha de mata-borrão entre as páginas e fechou o livro. Lágrimas escorriam pelas faces de Ludlow.

- Não passo de um assassino sujo — soluçou. — Por que iria me querer junto a você?

- Ludlow — disse Joe suavemente —, nunca foi sua intenção matar seu pai. Se fosse o caso, você o teria estrangulado, quando teve essa chance; em vez disso, você se compadeceu. E nem mesmo tem certeza de que ele morreu.

- Eu o empurrei para o Fedus. Ninguém sai vivo daquele rio venenoso.

- Talvez sua Ma e Barton o tenham puxado. A não ser que você volte, nunca saberá. Quanto a vir comigo... eu sabia o que você fez. Sempre soube.

- Sabia? — fungou Ludlow. — Como?

- Não creio que você tenha tido uma noite inteira de sono desde que foi para Pagus Parvus. Ouvi você vagueando, vi você parado na janela e escutei seus pesadelos. Não foi difícil deduzir o que aconteceu. Acredite, sua história não é a pior a entrar em um livro negro. Mas, por enquanto, isso não importa. Vamos nos concentrar no que está para vir e não no que já foi.

Ludlow permaneceu calado por um momento, então perguntou:

— Você tem um segredo, Joe?

Ele sorriu.

- Tenho, e está no primeiro livro negro que eu tive.

- E onde está esse livro?

- Hum — meditou. — Terá de perguntar ao sr. Jellico sobre isso. Já faz tanto tempo que duvido que mesmo ele saiba em que estante está!

SALUKI COAXAVA RUIDOSAMENTE EM seu tanque, quando emergimos, resfolegantes, na caverna superior. Joe tirou-a de lá e lhe fez um carinho.

- Você gostaria de segurá-la?

- Claro, mas ela vai permitir?

- Vamos descobrir.

Então estendi a mão trêmula e Joe colocou-a delicadamente em minha palma. Ela era leve como uma pluma. Não tinha notado antes o quanto era delicada. Suas costas eram um mosqueado de vermelho e amarelo brilhantes e as longas e delgadas pernas eram de um verde de jovens brotos na primavera, ao passo que a barriga era branca com pintas azul pálido.

— Ela confia em você — disse ele simplesmente.

Dei uma risada. Nunca tinha pensado em segurar tão bela criatura em minha vida. Ele a pegou de volta e, com cuidado, colocou-a no saco com cordel na boca, e, ao fazer isso, um pedaço de papel, o tal que Perigoe lhe entregara na loja, flutuou de dentro de seu casaco e pousou no chão.

- O que é isso? — perguntei.

- Leia — disse ele, e havia uma estranha expressão em seus olhos. Coloquei-o na luz mortíça e, se eu achasse que nada mais poderia me surpreender tanto, estaria redondamente enganado. O que vi e li finalmente me deu a resposta para a pergunta derradeira.

— Seu demônio esperto — falei. — Então foi assim que você fez. Não foi a torta de Horatio coisa nenhuma.

- Eu fiz? — indagou e olhou para mim com um pouco de irritação. — Tem certeza?

- Não, você tem razão — exclamei, ao me dar conta do que ele queria dizer. — Não foi você. É como você diz... foi o próprio Jeremia. — Então me dei conta de algo mais, algo muito mais terrível. — Ah, meu Deus — sussurrei. — Ah, meu Deus.

- O que foi, Ludlow?

- Como sabia que Saluki confiava em mim? — perguntei lentamente.

Joe deu de ombros.

— *Fortuna favet fortibus.*

A sorte favorece o corajoso.

Minhas mãos tremiam, quando lhe devolvi o papel.

- Por favor, não arrisque mais — pedi. — Pelo menos, não comigo.

- Ora, Ludlow — disse ele sorrindo. — Estou decepcionado com você. O que é a vida sem riscos?

(devolvida a Joe por Perigoe e depois dada a Ludlow na caverna)

Phyllobates tricolor

A COLORIDA RÃ ARBORÍCOLA É membro da família Rãs de Seta Envenenada (Dendrobatidae) e nativa das florestas tropicais da América do Sul. Quando o animal está sob estresse, por causa de um predador, por exemplo, secreta um forte veneno através de poros especiais em suas costas. Esse veneno faz a pele queimar e embolotar e penetra na corrente sanguínea, causando rápida paralisia muscular e respiratória, levando inevitavelmente à morte. Os índios nativos da região molham a ponta de suas flechas no veneno, daí o nome Seta Envenenada. Não há cura conhecida.

Se encontrar uma dessas rãs, a não ser que vocês dois sejam bem relacionados, é aconselhável não tocar nela.

DO LADO DE FORA era impossível ver onde havíamos emergido, embora estivéssemos a poucos metros da entrada. Protegi os olhos do brilho da neve e olhei para Joe.

- Para onde agora?

- Acho que devemos ir para a Cidade — disse ele. — Há muita gente lá que poderia se beneficiar de nossos serviços.

- Temos mesmo de ir? Ainda não desejo voltar àquele lugar desprezível.

- Somos donos de nossos destinos, Ludlow — disse Joe. — Podemos ir aonde quisermos.

- Então vamos deixar a Cidade para outro dia.

- Bem, como quiser. Mas não vai conseguir evitá-la para sempre. — Joe virou-se na outra direção e começou a andar.

- Espere — chamei. - Apenas me responda só mais uma pergunta.

- Claro.

- O que há de tão importante na perna de pau?

- Ela será útil qualquer dia desses, Ludlow.

- É algo que tenha a ver com o fato de você coxear?

- Já são duas perguntas.

- Por favor — implorei, mas não adiantou. Joe olhou para mim com a sugestão de um sorriso e um piscar de olho.

- A um homem deve ser permitido pelo menos um segredo, Ludlow, você não acha?

HORATIO CLEAVER NUNCA CONTOU a ninguém sobre a torta envenenada. Aliás, quando ele voltou para pegá-la de volta, ficou igualmente surpreso e aliviado ao ver que ela não fora tocada, a não ser por um pedaço da crosta que se quebrara e, pela aparência, caíra no prato. Concluiu, então, com a consciência tranqüila, que o diagnóstico do Dr. Mouldered fora correto.

Quanto a Jeremiah, ele foi enterrado no cemitério de Pagus Parvus em uma sepultura que tinha completos dez palmos de profundidade. Obadiah a cavara com um entusiasmo difícil de ser contido. Você pode ter pensado que o enterro seria pouco concorrido, mas foi o contrário. Aparentemente, todo mundo que morava a quilômetros da aldeia foi ver o sepultamento de Ratchet. E, é claro, houve pouco choro. Aliás, havia uma atmosfera geral de hilaridade e festejo e, na reunião realizada depois, a bebida correu livremente e as gargalhadas sacudiram as paredes da Truta no Álcool.

A sepultura de Jeremiah foi assaltada apenas poucos dias após ele ter sido enterrado. Os responsáveis ficaram um tanto desconcertados com aqueles três palmos extra de profundidade, mas cavaram assim mesmo. Cada um recebeu vinte shillings e seis pence e Jeremiah acabou sobre a laje fria de uma escola de anatomia na Cidade. Quando o cirurgião-chefe cortou seu peito, encontrou uma coisa muito estranha: o coração de Jeremiah era tão pequeno que podia caber num pote de geleia.

Após tomarem conhecimento de seu tamanho, muitos médicos e cirurgões eminentes ficaram curiosos em saber de que modo um órgão tão pequeno fora capaz de sustentar a vida de um homem tão grande. Alguns inclusive imaginaram se os antigos teriam tido mesmo razão em atribuir a fonte da vida ao fígado. Estima-se que o coração de Jeremiah atrasou o progresso da medicina em pelo menos uma década.

Jeremiah não tinha família e não deixou testamento, portanto decidiu-se que seus inquilinos poderiam reivindicar a posse de suas propriedades. Se isso era legal ou não, não foi levado em consideração. Às vezes, é vantajoso estar isolado do mundo exterior.

Quanto a Polly, com a morte de Jeremiah e a partida de Joe e Ludlow, restara pouco para ela em Pagus Parvus. Então, poucos dias depois, ela pegou uma carona na aranha de Perigoe e foi para a Cidade, ainda achando que não poderia ser tão ruim quanto Ludlow afirmara.

Aí ESTÁ o CONTO de Joe Zabbidou e Ludlow Fitch. E não esqueçamos de Saluki, é claro, sem a qual o Destino-rã não poderia ser cumprido.

Claro que esse não é o fim da história. Aonde foram Ludlow e Joe? Que pequena aldeia, cidadezinha ou cidade hospedará a seguir o penhorista de segredos e seu aprendiz? Essas perguntas viraram e reviraram em minha cabeça e eu sabia que precisava encontrar as respostas. Para isso, viajei para uma região no fundo do coração das montanhas do norte até alcançar a aldeia antiga de Pachpass. Será que esse nome empolga você tanto quanto me empolgou quando me deparei com ele pela primeira vez? Se você o pronunciar com cuidado, ele soará parecido com um lugar que passamos a conhecer muito bem.

Aluguei um pequenino quarto no sótão de uma casa elevada com pequenas janelas chumbadas, que davam vista para uma íngreme rua alta. Todas as noites eu ficava na janela e imaginava que podia ouvir passadas lá fora e ver uma luz no topo da colina. Um mês se passou e eu continuo aqui, presa pela neve. Sua reluzente beleza é deslumbrante, mas também frustrante, pois impede o resto de minha viagem. Assim que for possível, estarei novamente seguindo o meu caminho, desvendando o mistério, e levarei apenas uma coisa: a perna de pau. Ela ainda não me revelou o seu segredo, mas sei que, agora, estou mais perto disso do que nunca.

Portanto, desejem-me sorte em minha viagem. Prometo que, o que quer que eu descubra, levarei até vocês o mais depressa possível. Até lá, como diria Joe, Vincit qui patitur.

F. E. Higgins
Pachpass

Adendo
Sobre a Atividade de Roubo de Cadáveres

OBADIAH STRANG NÃO ESTAVA sozinho na terrível atividade de roubo de cadáveres. Em sua época, era um problema comum, de tal amplitude que às vezes guardas eram pagos para vigiar os recém-sepultados a fim de garantir que eles permanecessem debaixo da terra. O corpo humano era uma fonte de grande mistério para as pessoas. Embora a gente comum estivesse ocupada demais tentando sobreviver para se preocupar com o misterioso funcionamento do corpo, havia outras pessoas, cientistas e médicos, que ficavam intrigados com a charada de ossos e carne e sabiam que o único modo de descobrir mais era investigar mais a fundo.

Havia pouca investigação a fundo que se podia fazer com um corpo vivo. Para uma pesquisa mais completa, era preciso um cadáver. Havia leis: apenas os corpos de criminosos executados podiam ser usados nesse tipo de pesquisa, mas, aparentemente, não havia fornecimento suficiente para a demanda. Consequentemente, surgiu a atividade de roubo de cadáveres. Ao mesmo tempo, era possível levar uma boa vida vendendo maldosamente os cadáveres procurados por médicos e cirurgiões, que faziam a dissecação sozinhos ou sob os olhares de curiosos estudantes de anatomia.

Jeremiah ficou chocado quando seus capangas ladrões de cadáveres sugeriram que Ludlow forneceria um cadáver fresco, mas eles não seriam os únicos a pensar desse modo. Alguns anos depois, dois sujeitos, William Burke e William Hare, tornaram-se infames por causa disso. Eles viram no roubo de cadáveres uma maravilhosa oportunidade de negócio, mas não estavam a fim de realizar o duro trabalho de cavar. A esperta dupla decidiu eliminar a fase do sepultamento e, em vez disso, matava pessoas. Sua primeira vítima foi um hóspede do albergue de Hare. Um caso de diária sem direito a café da manhã, creio eu.

Sobre a atividade da fabricação de tortas

Quando os irmãos Fermentados sugeriram que Horatio Cleaver colocava "carne humana" em suas tortas, estavam brincando, mas isso me lembra outro homem que foi mortalmente sério com suas tortas: Sweeney Todd, o infame degolador da Fleet Street.

Sweeney viveu em Londres alguns anos após Ho ratio ser açougueiro em Pagus Parvus. Abandonado por seus pais na tenra idade, Sweeney foi aprendiz de um

certo sr. John Crook, couteleiro por ofício que fabricava, entre outras coisas, navalhas. É altamente provável que Crook forçasse Sweeney a roubar para ele, uma relação nada incomum entre mestre e aprendiz, e não foi tão surpreendente o fato de Sweeney acabar na prisão de Newgate. Por essa altura, Sweeney desenvolvera um aguçado instinto de sobrevivência e conseguiu convencer o barbeiro da prisão, que barbeava os prisioneiros a fim de prepará-los para execução, a aceitá-lo como garoto do sabão, um prêmio para alguém cujo trabalho era uma oportunidade para bater carteiras. Quando saiu da prisão, Sweeney estava bem equipado com habilidades para ceder às diabólicas inclinações que lhe valeriam um lugar na história.

Montou uma barbearia em Fleet Street, um lugar insalubre naqueles dias, e entregou-se totalmente a seus desejos de roubar e assassinar. Segundo dizem, quando alguém se sentava na cadeira de barbeiro de Sweeney, selava seu próprio destino. Ela era projetada de tal modo que, ao movimento de uma alavanca, baixava para o porão, ao mesmo tempo que era substituída por uma cadeira vazia, que subia. Se Sweeney cortava a garganta do freguês e o roubava enquanto este estava na cadeira, ou executava seus crimes depois que a vítima era baixada para o porão, é algo incerto. O que é certo é que, se você fosse à sua barbearia, não havia garantia de que saísse.

O problema do assassinato é que inevitavelmente há um corpo que precisa ser descartado. Por sorte, a barbearia de Sweeney foi construída no local de uma antiga igreja, com direito a túneis e catacumbas subterrâneas. Um desses túneis levava mais para o final da rua e dava para o porão de sua cúmplice, uma certa sra. Lovett. Ela também tinha uma loja na Fleet Street.

Uma loja de tortas.

Ao que tudo indica, a sra. Lovett e Sweeney entraram num repulsivo acordo bastante apropriado para ambos. Ele resolvia o problema dos cadáveres; e, quanto a ela, bem, basta dizer que relatos da época revelam que suas tortas eram muito procuradas, por causa de sua qualidade e sabor.

Talvez, se tivesse vivido em Pagus Parvus, Sweeney também batesse na porta de Joe. Certamente sua confissão superaria a de Horatio Cleaver.

Sobre a atividade de enterrar vivos

Você deve lembrar que, na confissão do fabricante de caixões, Septimus Stern recorda um caso no qual um jovem tinha sido enterrado vivo e o fato, descoberto tarde demais pela sua família. É de se imaginar com que frequência isso acontecia nos tempos de Ludlow — afinal, os médicos da época careciam do conhecimento médico ou da experiência que temos hoje em dia para determinar se uma pessoa está realmente morta. Um certo conde Karnice-

Karnicki, vivo e lépido nos anos 1800, tinha tão pouca fé na profissão médica que projetou um dispositivo para evitar que ele jamais fosse enterrado vivo. Do mesmo modo que o fabricante de caixões, ele prendeu num caixão um tubo que seguia até a superfície. Se houvesse qualquer movimento após o enterro, uma respiração talvez, a subida e descida do peito, uma bandeira seria ativada acima do solo e um sino soaria. De modo algum o conde era o único a ter esse temor. Por volta da mesma época, um certo sr. Martin Sheets projetou seu próprio túmulo, que incluía um telefone, para que ele pudesse pedir ajuda, se acordasse sepultado mas ainda não tivesse morrido.

Sobre a atividade de arrancar dentes

Finalmente, não poderíamos terminar sem mencionar Barton Gumbroot, o notório cirurgião-dentista do beco do Bode Velho. Dente podre era um problema sério na época de Ludlow, e a odontologia era algo menos sofisticado e mais brutal do que atualmente. Havia dentaduras disponíveis em uma vasta gama de materiais, incluindo dentes de hipopótamo e de morsa, marfim de elefante e, é claro, dente humano. Havia, também, a opção de transplante de dente (como Ludlow ficou sabendo). Descobriu-se que, quando um dente era transplantado, quanto mais jovem fosse o dente do doador, mais chances ele tinha de criar raiz na gengiva que o recebia. A pobreza generalizada significava que havia gente disposta a trocar dentes por dinheiro, mas, infelizmente para Ludlow, Barton Gumbroot nem sempre esperava por voluntários de boa vontade. Jeremiah, em certa ocasião, pensara em vender dentes de cadáveres, no entanto, previsivelmente, tais dentes não vingaram.